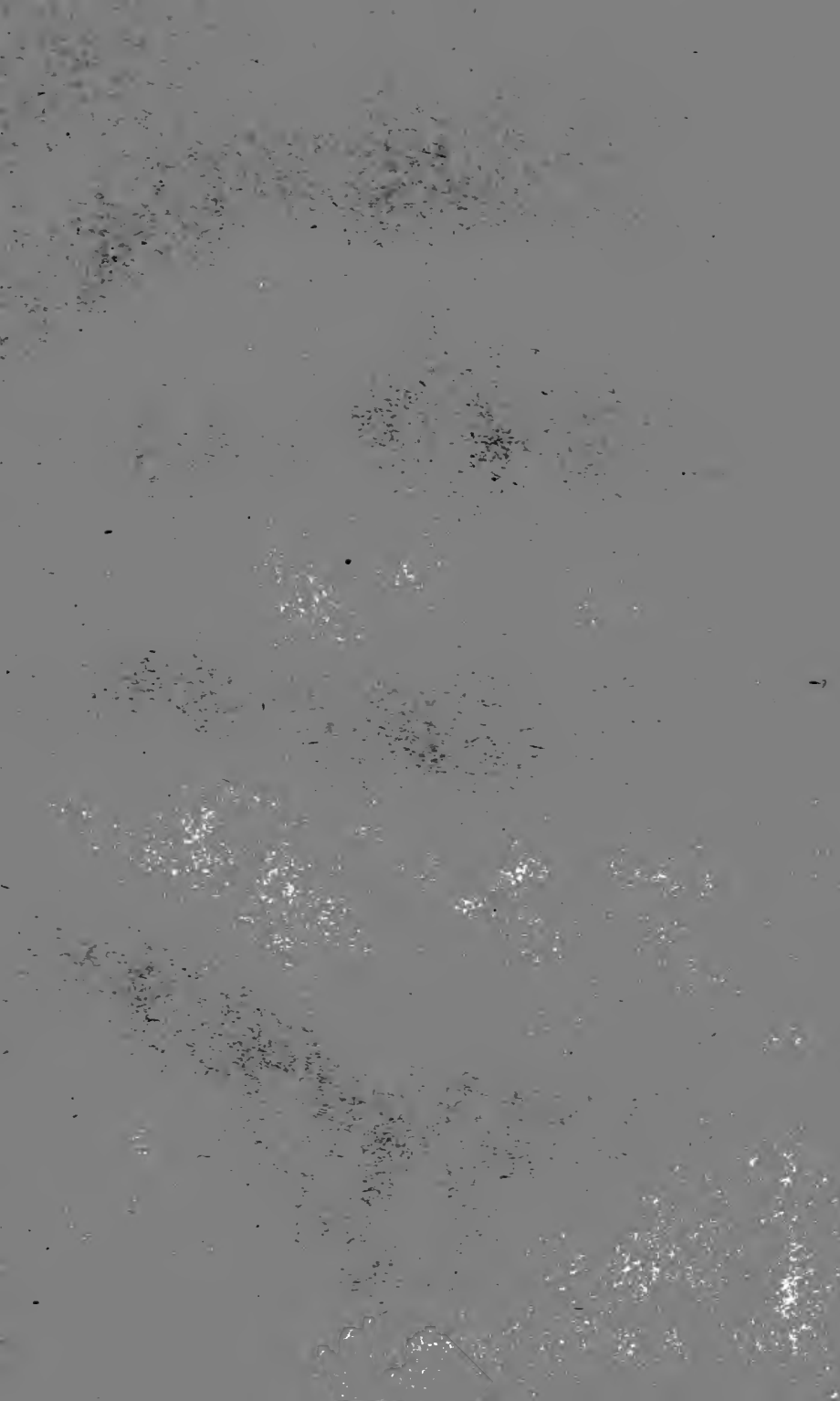


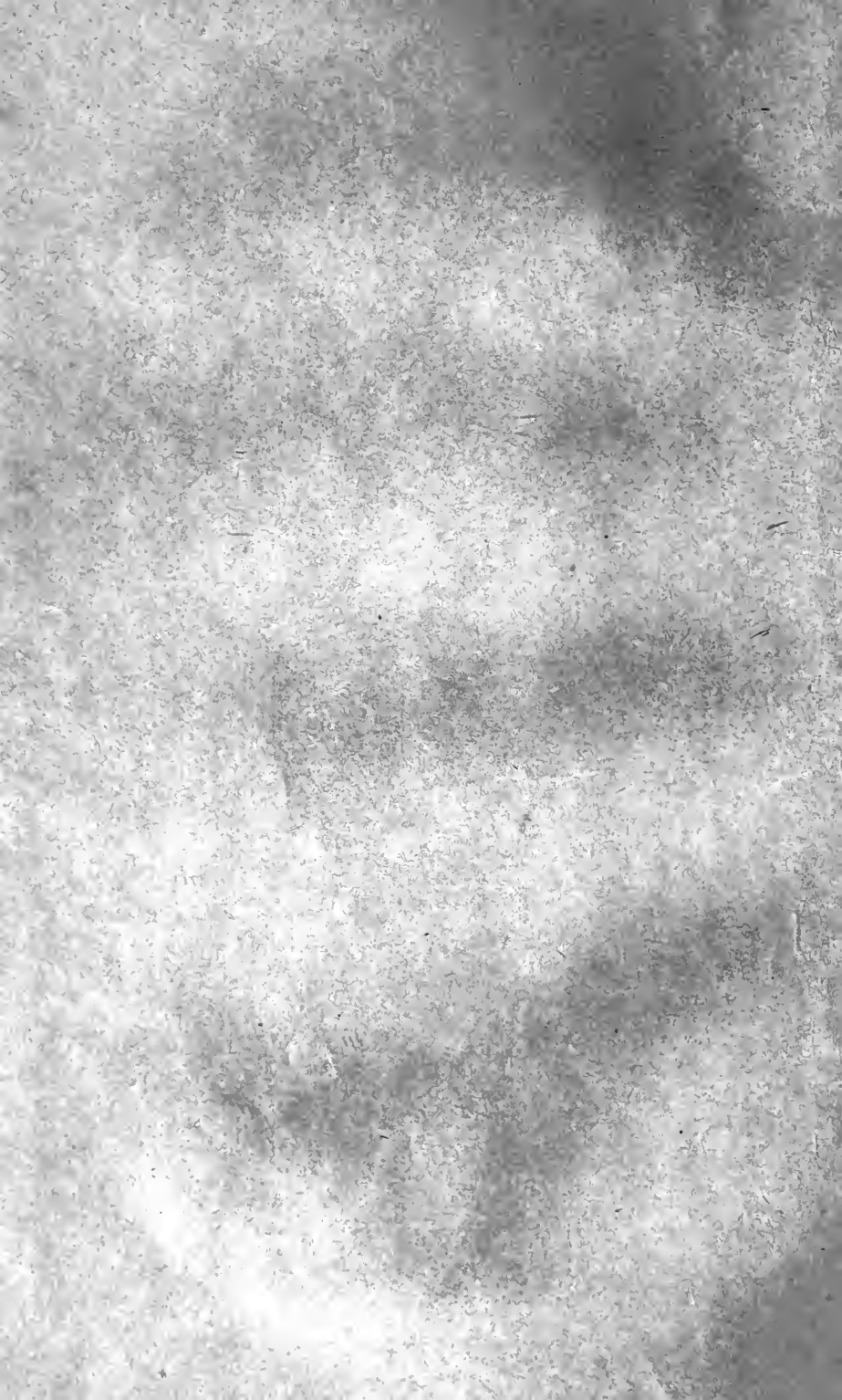


3 1761 07048046 2

PQ
9251
L5L5
1882







GERVASIO LOBATO

LISBOA

EM CAMISA



36—Rua Nova do Almada—1.º

LISBOA



A. Buiolhadaill

LISBOA EM CAMISA

Do mesmo auctor

A PRIMEIRA CONFESSADA

(Chronica da actualidade)..... 1 vol.

A COMEDIA DE LISBOA

A comedia de Lisboa..... 1 vol.

Lisboa em camisa..... 1 vol.

A PUBLICAR

A comedia do theatro..... 1 vol.

OFFICINA TYPOGRAPHICA

DA

Empreza Litteraria de Lisboa

1 a 5, Calçada de S. Francisco, 1 a 5.

GERVASIO LOBATO

LISBOA EM CAMISA



EMPRESA LITTERARIA DE LISBOA
ESCRITORIO
36, Rua Nova do Almada, 1.º

PQ

9261

L6L5

1882

A *Lisboa em Camisa*, é o segundo volume dos estudos humorísticos da vida lisboeta, de que já ha um volume publicado com o titulo *Comedia de Lisboa*.

Embora este titulo, *Comedia de Lisboa*, seja o titulo generico de todos estes estudos feitos sob o mesmo plano, e no mesmo intuito, cada um dos volumes fórma por si um corpo separado, completo, independente.

D'este modo a *Lisboa em Camisa* é perfeitamente independente da *Comedia de Lisboa*, que a precedeu e da *Comedia do Theatro*, que está no prélo, como qualquer d'estes volumes será independente dos que por ventura se lhes

sigam, a *Comedia do Amor*, a *Comedia da Politica*, a *Comedia do Crime*, a *Comedia da Sachristia*, ligando-os apenas a intenção critica e a identidade do processo, o estudo alegre, rapido, procurando ferir sempre a nota comica e ao mesmo tempo a nota verdadeira, da vida actual de Lisboa, nas suas diferentes esphas d'acção.

Nada mais.

PRIMEIRA PARTE

PRIMERA PARTE

OS DESGOSTOS DO SR. ANTUNES

O sr. Justino Antunes tinha um grande desgosto em não ser pae.

Casára ha quatro annos, no Algarve, com uma menina de dezoito annos, filha do administrador do concelho, uma menina muito interessante, muito prendada, que tocava piano que era um encanto, bordava a oiro, e cantava a *Traviata*, em italiano. Era muito feliz com sua mulher, dava-se muito bem com ella, fôra por intermedio de seu sogro que alcançára o diploma de membro honorario da Associação dos Archeologos e Architectos portuguezes, tinham-lhe promettido um logar de segundo official do ministerio das obras publicas, e o ser socio correspondente da Academia das Sciencias, mas a respeito de filhos nada.

Antunes lamentava-se amargamente d'isto.

—Não se amofine, mano, dizia-lhe sua irmã, a sr.^a D. Josephina, viuva do coronel Segismundo, um heroe ignorado da praia do Mindello; eu fui casada trinta annos, sem ter filhos, e depois quando já ninguem esperava é que tive o Arnestosinho.

Seu sogro, o administrador, tambem o animava muito.

—Deixe-se d'isso, homem, ha muitos casados que nunca tem filhos, meu pae, por exemplo...

O boticario tinha um sorriso d'embirração, quando Antunes fallava n'isto, e perguntava-lhe com uma vozinha aflautada:

—Quantos annos tem você?

—Cincoenta e dois.

—E sua mulher?

—Dezoito.

—Ora adeus! então não perca as esperanças. Sabe que mais? Vá para Lisboa, vá para Lisboa e verá...

E o tal sorriso d'embirração voltava outra vez.

O medico era da opinião do boticario, mas esse, muito sério sempre, coitado.

Por fim um dia, Antunes, veio parar a Lisboa.

Seu sogro era muito influente na politica, e tinha sobre as sciencias sociaes e administrativas, uma opinião sua, particularissima, que dizia «bem alto, para que todos o ouvissem», em todas as solemnidades publicas. Essa opinião entranhada era que «o sr. Fontes é o Bismark portuguez». O sr. Antunes desposando a filha do administrador

do concelho, desposou tambem o seu ponto de vista politico. Ora com esta opinião, vae-se longe em Portugal, muito mais longe que do Algarve a Lisboa. O sr. Antunes veio até Lisboa. Seu sogro fez por lá sandice grossa, e para não se verem obrigados a demittil-o, fizeram-n'o chefe d'uma repartição. A filha não quiz mais tempo viver n'aquelle inculto concelho, onde a eloquencia de seu pae não tinha florido. Antunes viu-se embaraçado; tinha d'um lado a politica de seu sogro, do outro os figos de seu pae. Decidiu-se pela politica de seu sogro, que o fazia segundo official das obras publicas, commercio e industria, e abandonou os figos da sua infancia.

Quando sahiu da terra com a sua mulher, a sua mana, e o seu sobrinho, o Arnéstosinho, o boticario veio ao bota fóra, e á despedida repetiu-lhe: —E agora, você verá o que eu lhe dizia.

E apesar da lagrima da commoção, o sr. Antunes adivinhou atrás d'essas palavras o tal risinho da sua embirra. . .

*

* *

O sr. Antunes gostava muito de Lisboa. Vinha cá poucas vezes porque era caro, mas, mesmo assim tinha sempre acompanhado a capital em todos os passos que ella tinha dado na senda do progresso, dizia elle.

E enumerava esse acompanhamento.

Tinha vindo a Lisboa quando casou D. Estephania, quando se destapou o monumento de Camões, quando veio pela primeira vez o Carmona, quando se inaugurou a estatua de D. Pedro IV, e quando se representou a *Filha da sr.^a Angot*. Depois casára, e foi por isso, por estar preso nos laços do matrimonio, que não veio á chegada do Boyton.

Seu sogro tinha aqui todas as suas relações, e sobre tudo sua sogra, que o não acompanhava ao Algarve por ser muito nervosa, ter medo de andar embarcada, de andar a cavallo, de andar no comboio, e de andar em diligencia, e não ser das coisas mais faceis o ir a pé até lá.

Ao principio pensaram em ficar vivendo todos na mesma casa: mas a D. Angelica, a mulher do Antunes, é que não esteve pelos ajustes, porque sua mãe obrigava-a a passar a manhã a tocar-lhe *La prière d'une vierge* e os *Sinos do mosteiro*, e ás noites a ler-lhe as novenas da occasião e o *Flos Sanctorum* compilado pelo sr. padre Conceição Vieira.

O sr. Antunes alojou-se, pois, com sua familia, a mulher, a irmã, o sobrinho, e uma creada velha e antiga, a Alexandrina, n'um quarto andar, do lado dos pares, da rua dos Fanqueiros, portas fronteiras com o conselheiro Torres, que tinha muitas filhas, muito divertidas, que se começaram logo a dar muito com a Angelica e com a D. Josephina.

Tomou posse do seu emprego, e ás quintas-feiras e aos domingos, para distrahir a familia levava-a ao Museu do Carmo, de que já dissemos, era socio.

Ahi, havia uma coisa que o fazia scismar.

—Onde demonio estariam umas pedras muito antigas, que elle mandára do Algarve, e que lhe tinham valido o seu diploma?

—Já sei, disse elle um dia, tocado d'uma idéa subita, sorrindo triumphante, a sua mulher e ás meninas Torres, a quem mais uma vez arrastára ao museu á procura das suas pedras, já sei, naturalmente os monumentos que mandei, como eram muito preciosos, foram para o paço.

A menina Sabina Torres, a filha mais nova do conselheiro, que não tinha papas na lingua, e que ganhára fama de espirituosa descompondo toda a gente, já farta do museu até aos olhos, disse enfastiada ao sr. Antunes:

—Mas que monumentos mandou o senhõr, algumas pyramides?

—Não, senhora, monumentos chamam-se a todas as pedras que. . .

—Ora adeus! pedras são boas para fazer paredes.

—Exactamente, mas com as pedras que eu mandei, fazem-se os alicerces d'um palacio sublime — a historia.

E Antunes, achando lá dentro esta bella phrase, teve o cuidado de se ir chegando por junto d'um

guarda, e de a dizer quasi que a gritar para que elle a ouvisse bem.

O guarda olhou para elle muito espantado, pensando que aquelle sujeito era surdo.

Antunes, adivinhando a admiração no rosto intelligente do guarda, atreveu-se a perguntar-lhe com um sorriso:

—O meu amigo está aqui ha muito tempo?

—Ha tres horas, a porta abriu-se ás dez, ainda não é uma.

—Não é isso: se está aqui empregado ha muito?

—Ha sete annos...

—Então deve lembrar-se d'umas pedras que vieram do Algarve... ha cinco annos.

E começou a fazer larga e minuciosa descrição das suas pedras.

—Vinham tambem uns quinze ou vinte tijolos, muito queimados, coisa que tinha servido de fornalha.

—Exactamente, exactamente, eram os tijolos, decerto, em que os arabes invocavam...

—Lembro-me perfeitamente... estiveram ahi a um canto muito tempo.

—Ah! murmurou todo lisongeadado Antunes olhando com uns ares superiores para Sabina.

—E depois foram...

—Para o paço, é o que eu dizia...

—Nada: quando se fez a escada nova, foi preciso pedras, e ellas lá foram; olhe, estão ali... por debaixo d'aquelles degraus.

Antunes fez-se pallido.

—Não foram para os alicerces da historia, disse com grandes gargalhadas trocistas, a menina Torres, foram para os alicerces da escada.

Antunes lembrou, que n'esse dia tocava a charanga de lanceiros no Passeio Publico, e que não havia nada mais bonito que uma charanga.

E nunca mais levou a familia ao museu do Carmo.

*

* *

Entretanto a historia das pedras ficou a matutar na cabeça de Antunes. Agora tinha já uma profunda repulsão e um soberbo desdem pela archeologia. Uma noite, em que soube que havia sessão da Associação dos Archeologos, foi lá, remoendo uma interpeção severa ácerca das suas pedras arabes. N'essa noite havia *soirée* em casa do conselheiro Torres, sua mulher ia lá: agora andava sempre em folias com as filhas do conselheiro. Antunes não disse nada a sua esposa, e contente pela *soirée* lhe fornecer pretexto para vestir a casaca e pôr gravata branca, saiu de casa á boquinha da noite e foi direitinho ao Carmo. Era muito cedo ainda: passeiou pelas ruinas ruminando bem o seu discurso. D'ali a pedaço principiaram a entrar os socios. Abriu-se a sessão. Antunes ia logo a pedir a palavra. Um cavalheiro muito amavel veio perguntar-lhe o nome, elle respondeu seccamente:

—Justino Antunes, do Algarve.

—Ah! v. ex.^a é que é o sr. Justino Antunes?... Felicito-me immenso por ter a honra de o conhecer.

O rosto de Antunes desenrugou-se.

—V. ex.^a tem a bondade diz-me, a que secção quer pertencer? á dos archeologos ou á dos architectos?

Justino ficou maravilhado com a pergunta, e respondeu logo, sem hesitar, com muita pressa:

—Dos architectos.

Era mais distincto, mais fino, mais *chic*, aquillo, o ser architecto e ao mesmo tempo dava uma bofetada sem mão na archeologia.

E satisfeito, lisongeado, pôz-se a ouvir a leitura da acta, sentindo já menos vontade de fazer o seu discurso de escandalo. Depois da acta começaram os discursos, e Antunes quando acordou achou-se sósinho, na sala, com o porteiro.

Era o tal das pedras.

Ia para lhe fazer o discurso, mas pensando melhor, contentou-se em lhe dizer, pondo o chapéu na cabeça:

—Sou da secção dos architectos.

E saiu triumphante, emquanto o guarda lhe dizia muito serenamente:

—Muito boas noites.

Foi a correr para casa do conselheiro Torres. Sua mulher acabava de dançar uns lanceiros. Elle, foi direito a ella, tirou-a bruscamente do braço do do seu par, e disse-lhe:

—Vamos para casa... Preciso fallar-te.

Angelica, desconhecendo seu marido, um pouco trémula, despediu-se das meninas Torres e foi para casa com elle.

A D. Josephina, que estava a fazer serão ao pé da porta, para ouvir tocar o piano, ficou admirada ao ver seu irmão e sua cunhada recolherem tão cedo.

—O que é? Ha alguma novidade?

—Não sei, respondeu titubeando Angelica, olhando timida seu marido.

—Fechem para lá a porta; para os creados não ouvirem, ordenou mysteriosamente Justino.

Josephina pegou no candieiro de petroline, que levára n'um banco para o corredor, e pondo os olhos para a testa e com a meia suspensa n'um gancho de marfim, no collo, fechou a porta e seguiu os dois, sobresaltada.

—Venho da Associação do Carmo.

As duas olharam-se espantadas, sem comprehenderem.

—Lembram-se da desfeita das pedras?

—Ah! exclamou alliviada sua mulher.

—Pois deram-me todas as satisfações e fizeram-me architecto.

—Ah! espantou Josephina. E quanto rende isso, mano?

—Não rende nada, rende honras... respondeu enfasiado Justino.

—Ah! repetiu Josephina muito contente e tratando de indagar minuciosidades da nova honra-

ria de seu irmão: mas como elle se contivesse na mais discreta das modestias, apenas se pôde safar foi contar á Alexandrina a grande noticia, e antes de se deitar bateu na parede do quarto das meninas Torres, para ellas virem á janella, e disse-lhes através do papagaio:

—Não sabem a novidade!... Eu como sei que as meninas são nossas amigas e se interessam por nós, por isso as chamei.

—O que foi? perguntaram ellas com muito sómno e alguma inveja.

—O mano, foi eleito architecto do museu!

—Ah! bravo! muitos parabens! muitos parabens!

—Mas não digam nada a ninguem, elle não quer que se saiba...

—Fique descansada, sr.^a D. Josephina! Ora ainda bem! coitado! Muitas boas noites.

—Até amanhã!

No dia immediato, as meninas Torres contavam aos seus namorados, fazendo muita troça, a grande novidade, da mana do architecto: a Alexandrina, dizia ao leiteiro, ao aguadeiro, a mulher da fructa, ao homem do peixe,—que o patrão agora estava muito bem, que tinha saído architecto, e no domingo, quando foram á missa cedo, D. Josephina, e a Alexandrina, narraram, em *duetto*, a historia na loja de pannos de linho do Rocio, e foi assim que se espalhou pela cidade baixa, a fama do sr. Antunes, architecto do museu.

D'ali a noites, quando recolhia a casa, Justino Antunes era esperado por uma grande surpresa agradável.

Repetiu-se a scena do candieiro: as portas fecharam-se para os creados não ouvirem, e D. Josephina largou a meia e pôz os oculos para a testa.

D'esta vez, quem tinha a palavra era a esposa, a Angelica.

A palavra no fim de contas não era muito facil de dizer. Angelica participava a seu marido, que lhe parecia que finalmente elle era aquillo que ha tanto tempo tinha vontade de ser,—era pae!

Justino ia tendo uma syncope de alegria, faltou-lhe a luz dos olhos, mas como que em sonhos, viu o boticario do Algarve, e tornou logo a si.

A D. Josephina; um pouco escandalisada porque «a mana não lhe tinha dito nada a ella» ainda assim, deixou-se de melindres e ficou tão contente que deixou cair cinco malhas.

E depois de ter dado muito á lingua, a respeito do enxoval, correu á cozinha, a dar a nova a Alexandrina, que ficou tão desvairada que deitou a manteiga a abrir, e pôz o chá nas torradas...

E antes de se deitar, D. Josephina foi bater no papagaio das meninas Torres.

—O que é? Alguma novidade?

—Uma novidade que não são capazes de adivinhar.

—Diga lá! diga lá!

—Dou-lhes parte, disse muito prognostica D. Josephina, que meu mano vae ser pae, na pessoa de minha cunhada.

A AURORA DA LIBERDADE

No dia 23 de julho o sr. Justino Antunes recolheu a sua casa ás Ave-Marias. Queria deitar-se cedo, para no dia immediato assistir á grande solemnidade patriotica de vêr romper no Rocio a Aurora da Liberdade. Nunca estivera em Lisboa n'essa madrugada memoranda e por isso queria gosar-a bem, desde o primeiro ao ultimo foguete. Mandára fazer o chá mais cedo, a familia andava toda alvoroçada com o dia 24 de julho, como quem tem que fazer uma viagem, e ainda o *Jornal da Noite* não se apregoava pelas ruas já a familia Antunes dormia na cama o somno, que precede as grandes solemnidades. O sr. Justino encarregou sua irmã, D. Josephina de o chamar cedo.

Ella é que se offerecera para isso.

—Quem me ha de chamar esta noite ás 2 horas e meia, sem fálta?

—Eu, mano, respondeu logo D. Josephina. Esta noite não durmo, é a noite em que Segismundo entrou triunphante em Lisboa, como quer o mano que eu durma.

—Sim, mas a mana no Algarve dormia tão bem n'esta noite como nas outras, observou Angelica, com a voz molle, arrastada, lenta, cançada, da mulher que está para ser mãe.

—É que no Algarve não se festeja este dia, e por isso me escapava sempre. Mas hoje, se Deus quizer, hei de me desferrar, não hei de pregar olho. Coitadinho. Faz annos que elle entrava na cidade ao lado do rei soldado!

E desatou a chorar.

—Está bom, está bom, ainda não chegou a hora, mana... consolou Justino. Mas então, está dito, chama-me ás duas horas e meia, sem falta. Posso dormir descansado?

—Durma, mano, durma que eu velo...

E Justino foi-se deitar na fé da espartina commemorativa de sua irmã.

As onze horas da noite foram abanal-o violentamente á cama.

—Senhor, senhor, accorde, gritava uma voz afficta, commovida.

—Já vae romper? perguntou Justino, com os olhos meio fechados.

E deitando uma perna para fóra da cama, pediu:

—As botas, dêem-me as minhas botas... As

impermeáveis, as feitas no Roza actor, por causa da humidade da madrugada...

E ao mesmo tempo, perguntava inquieto:—

—Já lá vão os foguetes, hein?

—Não é isso, tornou afflicta Alexandrina, a criada velha que era quem o chamára. É a senhora que está...

E ao mesmo tempo ouviam-se da casa de jantar uns gemidos dolorosos, acompanhados de gritos estridentes, agudos.

—Então a senhora não está na cama? perguntou muito surprehendido, vendo intacto o leito que ficava parallello ao seu.

—Depressa, depressa, que está para ser pae.

—Pae! gritou Justino, calçando as botas, bom, lá se me vae ainda esta alyorada! É sina minha!

E d'ali a momentos, Justino Antunes, de chale manta, e com um lenço branco na cabeça, por causa da humidade da noite, batia as palmas na janella, como um garoto nas trincheiras do sol.

O guarda nocturno appareceu correndo.

—Vá-me buscar soccorros, gritava cá de cima o sr. Antunes.

—O que é? é fogo? perguntava debaixo o guarda.

E a gente que passava parava, d'algumas janellas fronteiras surdiam cabeças a espreitar, desenhadas n'um fundo trémulo de luz de lamparina, alguns grupos já viam fumo no telhado, e o sr. Antunes gritava:

—Não é fogo, não... Vá ao posto obstetricio, depressa.

—Não entendo...

—Ao posto obstetricio, gritava já rouco o sr. Antunes.

O guarda não percebia.

N'isto passou uma philarmonica, interrompeu o hymno da Carta, para olhar para a varanda d'onde Antunes gesticulava.

—Venha á escada, homem, resolveu por fim Antunes.

O guarda entrou, e a philarmonica continuou o seu caminho e o seu hymno.

*

* *

Ás duas horas d'essa noite, a sr.^a Leonarda da Purificação depositava nos braços desastrados de Justino, o primeiro fructo do seu matrimonio.

Era um menino, pequeno, avermelhado, com um nariz muito chato, as orelhas muito grandes, cabeça nua, apenas aqui e ali com uns pellinhos rui-vos, bocca muito grande, olhos baços, d'uma côr leitosa, e umas guellas sempre abertas n'um berreiro muito guinchado, que denunciava excellentes pulmões.

Justino estava radiante. Era pae. «Bem lh'ò tinha dito o boticario», não pôde elle deixar de pensar, e teve uma grande raiva ao bom do phar-

maceutico algarviense. Mas, em summa, era pae. O peor era ter sido n'aquella noite.

Elle gostava muito de ter um filho, era o seu sonho de ha muitos annos, mas gostava tambem muito de ir vêr a alvorada.

E depois, filhas ha todos os dias, mas auroras da liberdade não ha senão uma por anno. Que demonio de coincidencia.

A familia andava toda n'uma dança.

A Alexandrina, a criada velha, tinha trabalhado como uma moura, porque a sr.^a D. Josephina, aquella que n'essa noite não pregaria olho, dormia como uma bemaventuradã, não tinha dado por coisa alguma e a Alexandrina, que tinha com ella certa embirração, levára de capricho, não a accordar, só para vêr o ferro que ella teria pela manhã, ao encontrar um hospede novo em casa, sem ter dado por isso.

Angelica, a joven mãe, estava d'uma pieguice, d'um exaggero, e d'um phrenesi martyrisadores.

O Antunes passeiava pela casa o filho a vêr se o calava, mas o pequeno olhava para a cara d'elle, e deitava as casas abaixo com chôro—parecia muito intelligente, o recém-nascido.

E andava-se n'esta faina quando estoiraram com um ruido diabolico os foguetes do Rocio, e o Castello começou a salvar, com uns tiros ribombantes que faziam estremecer as vidraças.

N'isto, ouviu-se um grande berreiro de chôro,

de lagrimas, de exclamações no quarto de D. Josephina.

A sr.^a Leonarda da Purificação ficou espantada e perguntou á Alexandrina:

—Ha cá mais alguém n'esse estado?

E os gritos augmentaram tanto, que Justino que passeiava com o filho na sala, pensou que os gritos vinham do quarto de sua mulher, e interrompendo a falla que estava fazendo ao pequeno:

—Vês, por tua causa, não vi eu deitar estes foguetes! Os filhos mal entram no mundo, obrigam logo os paes aos maiores sacrificios... Por ti deixei a Aurora da Liberdade, e tu mais tarde, deixar-me-has a mim por qualquer Aurora que te captive...

Justino interrompeu este discurso, em que havia certo rancor, para correr á porta do quarto, a perguntar aterrado:

—O que é isso? É mais algum?

Não era. Era a D. Josephina que accordára estremunhada com o estrondo das girandolas, e desatára a soluçar e a gritar as saudades de seu marido, o celebre coronel Segismundo.

E enfiando uma saia de baetilha, orvalhada com as suas lagrimas, foi muito apressada ao quarto de seu irmão, accordal-o como estava combinado.

Ao chegar ao quarto, e ao vêr a Alexandrina em pé ao lado d'uma mulher que não conhecia, caiu das nuvens e ia caindo no corredor.

A Alexandrina foi quem lhe deu a noticia, com uma grande sollicitude.

—Mas, porque não me chamaram, perguntou D. Josephina, scandalisada, ora esta! Eu, sua tia, irmã de seu pae, devia ter sido prevenida...

—A senhora estava a dormir tão socegada, que era uma dôr d'alma...

—Dormir? Eu!... Parece que não sabe que sou a viuva do coronel Segismundo, que entrou em Lisboa com o rei soldado no dia 24 de julho...

E recommçou a lagrima do conorel heroico.

Seu irmão entrára n'esse momento com o pequeno, que não se calava nem pelo demonio.

—Ah! mano, mano, gritou Josephina, agarrando-se-lhe ao pescoço: que dia e que grande dia!...

—Muito obrigado, muito obrigado, agradeceu Antunes, pensando que eram parabens.

—Que coincidencia! É extraordinario, isto é de familia, entraram ambos em Lisboa no mesmo dia... Segismundo desembarcou em Cacilhas no dia 24 de julho, no dia 24 de julho desembarca este na rua dos Fanqueiros... Ai! mano! mano! que coincidencia! Ha de ser um heroe!

E afogava Antunes, e ensopava-o de lagrimas, e enchia toda a casa com os seus gritos.

Angelica, do seu leito berrava que não fizessem bulha, que estava muito fraca, e a sr.^a Leonarda dizia-lhe que não se inquietasse, e pondo o dedo nos labios, assombreados por um negro buço, fazia a D. Josephina signal de que se calasse.

D. Josephina porém não attentava em signal algum, e agarrando no pequenito exclamava entre soluços.

—E parece-se com elle, o innocentinho. É singular, é exactamente a cara do meu Segismundo que Deus tem! Não acha, mano?

—Eu, não senhora, respondeu de máu humor Justino, que ouvia ao longe, pelas ruas o hymno da Carta, como que a fazer-lhe surriada.

—O quê? Não acha... Ora essa! Pois é um perfeito retrato, nunca vi nada assim! Não é, minha senhora?

E dirigia-se á comadre, á sr.^a Leonarda, e queria por força que ella achasse o pequeno muito parecido com o coronel Segismundo.

Leonarda começava a olhar para toda aquella gente, espantada, acreditando que caíra n'uma casa de doidos, e entretanto Josephina continuava:

—É elle por uma pena! Ha de chamar-se Segismundo, ha de ter por padrinho a memoria de meu marido, faz-me esta vontade, mano?

—As memorias não podem tocar por padrinhos, a lei não lhes faculta esse direito, respondeu secamente Justino voltando para a sala, enquanto a sr.^a Leonarda tratava da creança, e foi-se pôr á janella, para apanhar ainda alguma coisa da Aurora da Liberdade.

*

* *

Antes do sol sair, saiu a sr.^a Leonarda da Purificação, e toda a familia extenuada pela noite perdida foi-se deitar.

O sr. Antunes, massado, aborrecido, somnolento, metteu-se tambem na cama. Quando ia a adormecer, sua mulher abriu os olhos, viu-o deitado e disse-lhe com voz um pouco aspera:

—Justino, Justino, o que vaes tu fazer?

Justino abriu demoradamente a bocca, sem poder fallar, e depois respondeu:

—Vou dormir, então o que heide eu ir fazer.

—Ora essa! Vaes dormir? Põe-te já a pé! ralhou Angelica.

—Que me ponha em pé?... Para quê?

—Para ires já, já, dar parte ao papá e á mamã... Então elles não hão de saber nada?... Não são ninguem?... Já o deviam saber a estas horas se tu fosses outro marido...

—Bom! Tinha-me esquecido o papá e a mamã!... resmungou Justino espreguiçando-se.

—Bem sei que nunca te lembras d'elles! tornou Angelica, chorosa. Sei perfeitamente o caso que fazes dos meus paes, dos meus paes a quem tu debes tudo que és!...

E desatou a chorar.

—Não chores, menina... Cá vou! cá vou!...

E principiou a vestir-se.

—Mas eu agora heide ir por ahi acima, até S. Fóra, onde elles moram, até á Lapa!...

—Queres que eu vá talvez, n'este estado!

Justino de muito máu humor levantou-se, vestiu-se, pôz o chapéu, accendeu um côto de stearina, e desceu as escadas, silencioso.

Na rua já não havia foguetes nem philarmonicas, havia só leiteiras com as suas vaccas brancas, malhadas de negro. Estava um ar fresco, cortante, que parecia d'inverno, os candieiros estavam já apagados, mas o sol ainda não estava acceso. Metteu-se no primeiro trem que encontrou, e foi aos solavancos por ahi acima até á Lapa.

Quando lá chegou, choviscava. Bateu á porta de seu sogro, duas, tres vezes, nada.

Estava já encharcado. Por fim appareceu a uma janella a cabeça de sua sogra, embrulhada n'uma coifa de malha.

—Ai! É o Justino! Haverá alguma novidade!

A porta abriu-se, e Antunes ouviu seu sogro resmungar com máu humor, no quarto:

—Que virá este pateta cá fazer a estas horas! Naturalmente vem pedir alguma coisa lá da repartição. É o que faltava, primeiro o demonio dos foguetes, e agora este tolo para não nos deixar dormir.

—O que é, menino, o que é? perguntava vindo ao corredor sua sogra:

—É avó, mamã; é um rapaz!

—Um rapaz! Então... Angelica!... Ah!...
E caiu-lhe desmaiada nos braços com um ataque nervoso.

O sogro veio n'esse momento embrulhado n'um chãbre.

—Pois o senhor vae-lhe dar esta noticia de chofre! Não sabe como ella é doente!

E pozeram-se ambos a abanal-a.

—Sua filha é que quiz que eu cá viesse...

—Podéra não vir, é o que faltava, mas devia ter vindo logo, antes d'elle nascer. Os paes teem direito a assistir a estes actos... Os paes são as primeiras pessoas para tudo, sr. meu genro, para tudo. Não são só para os empregos...

E ao mesmo tempo, burrifava sua mulher, que pesava extraordinariamente nos braços de Justino. A sogra voltou a si, encheu Justino de perguntas e de beijos, cortados a miudo pela voz do seu marido.

—Está bom, está bom, isso fica para logo... Vamo-nos deitar... Logo lá vamos...

E como sua mulher não se calasse ralhava com Justino.

—Vá-se embora, homem, não vê que lhe está a fazer mal... Vá-se embora.

Justino saiu commovido e desapontado.

O trem esperava-o á porta e trouxe-o n'um momento para a rua dos Fanqueiros.

Apeou-se e pagou dez tostões; o cocheiro quiz dois mil réis, nem menos um real, altercou com

Justino, descompol-o, e obrigou-o a pagar o que elle queria.

Justino tremia de furia e de frio: quando entrou na escada espirrou. Estava constipado.

N'isto o guarda nocturno que tinha acabado o seu serviço, viu-o e correu a elle.

—Muitos parabens, sr. Antunes, não ha prazer maior do que ser pae...

—Muito obrigado, resmungou Justino de máu humor subindo os degraus.

—Eu quero fazer uma saude ao recém-nascido, continuava o guarda subindo ao lado d'elle.

—Muito obrigado!

E deu-lhe dois tostões.

—É um grande dia, sr. Antunes; vae começar para o senhor uma vida nova... Verá que alegrias, que venturas, que prazeres tem o nome de pae.

—Estou já vendo, respondeu Antunes. E teve uma série de onze espirros.

*

* *

A D. Josephina não descansou em quanto as meninas Torres, as visinhas do lado não se levantaram e ella lhes não deu a noticia de que estava tia. As meninas Torres ficaram muito contentes com a noticia e quizeram ir vêr logo o pequerrucho.

—É a cara do meu Segismundo, não se esque-

ceu de lhes dizer a viuva do celebre coronel, e até chegou a Lisboa no mesmo dia em que elle chegou. Tem graça, não tem!

E as meninas Torres acharam muita graça a essa coincidência, e desataram interminaveis gargalhadas trocistas.

—Então vamos lá vêr o seu sobrinho...

—O Segismundinho, atreveu-se a dizer a Sabina, que era a peor de todas, um estudante do lyceu de saias, na troça e na cara agarotada...

—D'aqui a bocadinho, sim, agora a mana está a descançar... em ella acordando, eu bato na parede...

—Sim, sim então não se esqueça, pediram todas.

E a D. Josephina recolheu da janella e achou seu irmão, o joven pae Justino Antunes, sentado a uma meza, com muitas folhas de papel de cartas desdobradas diante de si, a penna molhada em tinta violeta, e o olhar pregado no retrato de Camões cego do olho esquerdo, como se estivesse a namoral-o em extasis.

—O que tem, mano? O que está a fazer? perguntou Josephina.

—Quero fazer as participações do nascimento, mas não sei como as hei de fazer, não estava habituado a isto... é a primeira vez...

—Ora eu não sei como o meu Segismundo deu parte do nascimento do Arnestosinho. Parece-me que era: o coronel Segismundo participa... Deixe vêr, talvez o pequeno se lembre.

E começou a gritar:

—Ó Arnestosinho, Arnestosinho, tu lembraste?

—A mana tem idéas, observou reprehensivo Justino; então quer vêr se o rapaz se lembra dos bilhetes em que o pae deu parte do nascimento d'elle?

—Ah! que cabeça a minha!... concordou Josephina, gritando logo em contra ordem:

—Não é nada, Arnestosinho, não é nada.

E depois continuou, em quanto seu irmão volvia a requestar o Camões:

—Era assim, era... o coronel Segismundo... coronel, ou manjor, ou capitão, ou o posto que se tem, explicava ella... o coronel Segismundo... E se não se tem posto, não se põe... O coronel Segismundo participa a v. s.^a que tem mais um criado ás suas ordens, que nasceu hoje...

—Nunca, disse impetuosamente Antunes, pondo-se em pé.

—O que tem, mano? perguntou D. Josephina, recuando assustada.

—Nunca, repetiu solemne Justino; nunca humilharei meu filho, offereceudo-o como criado antes da idade da razão.. E até me admira que seu marido, mana, que ajudou a plantar no nosso sólo a arvore da liberdade...

D. JOSEPHINA (*continuando*)—Que regou com o seu proprio sangue.

JUSTINO (*com convicção*)—...o sujeitasse a essa

formula servil, attentatoria da dignidade humana.

D. JOSEPHINA—Então talvez eu esteja enganada... porque o meu Segismundo nunca curvava a cerviz... d'isso me lembro eu muito bem, nunca...

Duas fortes respirações arquejantes vieram interromper o dialogo.

Eram os sogros de Justino, que chegavam da Lapa.

Irromperam na saleta com um grande estrondo de exclamações.

—Onde está minha filha! disse a sr.^a D. Palmira Martim, a sogra, custando-lhe a fallar como se acabasse de cantar o duetto dos *Huguenottes*.

—Uma cadeira! uma cadeira! pedia rancoroso seu marido, o Philippe, entremeando o seu cansaço de maldições á escada, e á idéa de seu genro ter ido morar para um quarto andar.

Justino deixou a penna, o Camões, e a indignação contra as formulas servis, e carregou com uma cadeira para seu sogro.

—Muitos parabens, sr.^a D. Palmira, beijava D. Josephina, agora já é avó. Deus fez a vontade ao mano.

—Fresca vontade, sr.^a D. Josephina, respondia Palmira, eu cá nunca desejei ter filhos.

—Para ter esses desejos é preciso ser tolo chapado, acrescentou Philippe, olhando severamente para seu genro...

E depois ordenou. . .

—Feche ali aquella janella, homem. Parece que quer dar cabo de nós. . . Pois não lhe fazemos muito peso, graças a Deus. . .

Justino corrido, envergonhado, apressou-se em ir fechar a janella.

—Os homens desejam os filhos porque não são elles que os tem, continuou D. Palmira. . .

—E ainda se tivesse muito que lhes dar de comer, vá, proseguiu o sogro; mas não ter para si e querer mais bocças em casa. . .

—Só com um pau! concluiu D. Palmira olhando para Justino, que fazia cavallinhos com os dedos, procurando desviar, de cima de si os olhares e a conversa de seus sogros

—Mamã, mamã, gritou com muito bom timbre de voz, Angelica, do seu quarto.

—Ai! a minha filha! disse Palmira pondo-se de pé. . . Como ella chama por mim!

E correu para o quarto.

—E o senhor em vez de estar ao pé d'ella, resmungou, a Justino, Philippe, pondo-se de pé e encaminhando-se tambem para o quarto, deixa-a lá sósinha, e vem para aqui escrevinhar.

—É a parte para mandar ás pessoas das minhas relações. . .

—Diga das nossas, que os meus amigos tambem têm direito a essa participação.

—Mas eu pensava que eram só os paes. . . atreveu-se a observar Justino.

—Os avós são paes duas vezes, fique-o sabendo, terminou Filippe entrando no quarto.

Angelica tagarellava com toda a boa vontade de quem faz uma coisa prohibida, e Josephina mostrava o pequeno á avó perguntando-lhe se não era tal e qual, sem tirar nem pôr, a cara do seu Segismundo.

N'isto, bateram á porta, e as meninas Torres, entraram todas em rebanho, pelo quarto dentro, seguidas de seu pae, o conselheiro que palitava ainda o seu *beef* do almoço, e levára a delicadeza a ir dar os parabens ao visinho, antes d'ir para a secretaria.

—Ora não ha! E nós sem darmos por coisa nenhuma! Foi feliz, hein? Que linda creança! Parece que já tem um mez! Nunca se viu uma creança assim, forte, robusta, viva! E que olhar já tão intelligente. É a cara do pae! Nada, é mais é a cara da mãe! Tambem não, é o avô, o avô é que ella é por uma penna!

Tudo isto saia em turbilhão da bocca das quatro meninas Torres, e confundia-se no ar, n'um borburinho confuso.

O conselheiro Torres ficára gravemente, convenientemente, na saleta á espera do sr. Antunes, para lhe dar os parabens.

—O papá está lá fóra, sr. Antunes, disse por fim uma das filhas.

—O quê? o sr. conselheiro teve a amabilidade de vir cá? Ó sr. conselheiro, por quem é, tem a bondade de entrar... nada de...

—Então, então, respondeu D. Palmira, o sr. esquece-se que está ali sua mulher...

—É verdade, é verdade, emendou logo Justino estonteado, tem a bondade de não entrar... tem a bondade...

E com os braços abertos, e um sorriso imbecil nos lábios foi abraçar o conselheiro Torres.

As meninas ficaram fazendo grande chiada no quarto, acompanhada de visagens malcreadas de D. Palmira, e de risadas banasolas, um pouco bajoujas de Filippe, que morria por aquellas raparigas.

Entretanto cá fóra o conselheiro, curvando-se para Justino com uns grandes estalidos do seu peitilho bem engommado, abraçava-o com uma amisade que vem de cima, uma amisade cheia de protecção benevola, e dizia-lhe:

—Felicito-o, sinceramente por este incidente feliz, que veio realçar as alegrias do seu lar domestico.

—Oh! sr. conselheiro...

—E oxalá que o recémvindo saiba honrar e imitar as virtudes civicas e familiares do seu progenitor.

—Muito obrigado, sr. conselheiro, muito obrigado, agradeceu Justino extremamente commovido.

—Os filhos, continuou o conselheiro, incitado pela commoção, que a sua palavra eloquente desenhava no rosto de Justino, os filhos são os fructos

d'essa arvore frondosa que se chama casamento.
Fructos e flôres.

—Muito obrigado, sr. conselheiro...

—Agora vou até á secretaria, e repito-lhe os meus parabens; e estimo que conte muitos e muitos... despediu-se o conselheiro, distrahido e julgando que dava uns parabens d'annos.

E quando estavam já ao pé da porta, a sr.^a D. Josephina veiu lá de dentro, gritando a seu irmão:

—Ó mano, mano, póde pedir aquillo ao sr. conselheiro...

—O que é?... pergunta o conselheiro. Padrinho?... veremos... veremos, preciso pensar... sim, porque é uma grande responsabilidade...

E comsigo dizia:

—Quem me mandou vir cá, com certa gente não se póde ser delicado, abusa logo.

—Não é isso... não é isso... atalhou Justino, arregalando ao mesmo tempo o olho á idéa do conselheiro ser seu compadre... era se...

D. JOSEPHINA.—Se v. ex.^a lhe dizia como havia de dar as participações do nascimento.

CONSELHEIRO.—Ah! pois não. (*Põe o chapéu deitado de lado sobre o tremo, e com a bengala de unicornio na mão, dicta*). Escreva lá... Fulano de tal participa a v. ex.^a ou a v. s.^a, segundo a cathegoria social da pessoa a quem se dirige o participante que sua esposa deu á luz um robusto recém-nascido do sexo... aqui o sexo da creança...

N'isto entrou Philippe, e interrompeu a participação comprimentado o conselheiro.

—Estava aqui a ensinar seu genro a fazer a participação, disse o conselheiro: . . .

—Ah! elle não me tinha pedido nada, senão escusava de incomodar v. ex.^a, disse Philippe deitando a Justino um olhar irado. . .

O CONSELHEIRO (*continuando*). Às tantas horas do dia tal.

FILIPPE.—E tenha a bondade de nos pôr ahi também a nós. . .

CONSELHEIRO.—Exactamente. Não é uso, mas fica mais redondo. . .

JUSTINO.—Mas se não é uzo. . .

FILIPPE.—Não é uso. . . não é uso! Já se vê, que tudo que é consideração pelas pessoas de respeito não é uso hoje em dia. . . Mas vá. . . nada de reflexões e ponha o que o sr. conselheiro lhe diz. . .

E o conselheiro então mudou o feitiço da redacção:

«Participam a v. ex.^a ou s.^a, Philippe Martins. . .

FILIPPE.—Perdão, perdão. Martin. . . no singular. . . Martin só houve um, é esse o que se tem perpetuado em mim.

CONSELHEIRO.—Pois não. . . da minha parte não podia haver a mais ligeira idéa offensiva. . . Philippe Martin, sua esposa D. Palmira Martin, seu genro Justino Antunes, que foi Deus servido. . .

JUSTINO (*espantado*)—Perdão... mas isso é convite para enterro.

O conselheiro faz-se vermelho, mas não quer dar a torcer o braço da sua distracção, e ordena:

—É assim mesmo, continue, que foi Deus servido adornar-lhe a vida com um robusto menino, que sua presada filha e esposa deu á luz no dia...

FILIPPE.—E até se pode ahi já participar o baptisado... «que se hade baptisar no dia tantos»...

CONSELHEIRO.—Exactamente. É uma formula nova de que me cabe a gloria da invenção. E agora vou até á secretaria... E a respeito d'aquillo... do padrinho... Pensarei e heide fazer tudo quanto puder...

E o conselheiro saiu.

Filippe a ouvir fallar em padrinho ia a atirar-se furioso ao seu genro por ter convidado outro que não fosse elle, avô, mas as meninas Torres saíam do quarto n'uma grande galhofa.

—Que linda creança! Muitos parabens, sr. Justino, é o seu retrato!

—Que encanto de pequerucho! dizia outra.

—É uma belleza!...

A tia Josephina pediu ás meninas Torres se deixavam ir lá para casa brincar o Arnestosinho, para não fazer bulha á mana.

—Pois não! Essa é boa! com muito gosto! offerceram todas, muito aborrecidas, muito agoniadas já com a sécca do rapaz.

O Arnestosinho veio lá de dentro, muito vermelho, a suar muito de andar a correr, com o seu bibe de riscadinho azul. Era um tragalhadaças de 14 annos, que principiava a aprender a lêr.

—Então Arnesto, comprimenta estas meninas.

Arnesto muito vermelho comprimentou, apertando as mãos brancas, pequeninas, macias, que se lhe estendiam.

—Então, Arnestosinho, gosta do primo?

—Do que veio de França? perguntou Arnestosinho.

—Sim, sim, d'esse, responderam as raparigas mordendo os beiços para não darem uma gargaalhada.

E o Arnestosinho lá foi para casa d'ellas brincar e ellas fartaram-se de rir.

—Que feia que estava a Angelica! E muito piégas! E o pequeno? É um monstrosinho, coitado! Nunca tínhamos visto creança mais feia! E o mariola do rapaz, já com quatorze annos e a perguntar pelo primo que tinha vindo de França...

E as meninas Torres tomaram indigestões de riso enquanto depois d'uma lucta sangrenta, encarnçada entre Justino, Philippe, Palmira, e Angelica, Justino ganhava a victoria, graças á mana Josephina, que estava do seu lado, na questão do padrinho, e assentava triumphante, que o baptisado havia de ser d'ali a um mez, para a mãe poder dançar e que o padrinho seria o conselheiro Torres.

A VESPERA DO GRANDE DIA

Na vespera do grande dia Justino Antunes foi á praça pela manhã, fazer as compras para o banquete.

Elle foram dois patos marrecos, uma grande pescada do alto, uns dois kilos de vitella, da perna, para assar, oito tenros franginhos para fazer de fricassé, uma grande lingua de boi, que pelo tamanho parecia ser de vacca, azeitonas, muitas couves lombardas, muitas cenouras, muitas mãos de nabos, uma avalanche de hortaliça para fazer um bom cosido, o idéal culinario, e a recommendação—ordem de seu sogro Philippe Martim.

Gastou um bom par de vintens, o Justino Antunes, e depois foi para a repartição e não fez nada n'esse dia, contava a todos a festa que dava no dia immediato e andava por todas as mezas a cumprimentar os seus collegas, e a perguntar:

—Um casal de patos por 950, foi caro?

—Uma perna de vitella por quinze tostões, hein?

—Oito frangões na razão de 185 cada um, não foi mal comprado, não lhe parece?

E depois dos frangões, da vitella, da pescada, e de todas as couves lombardas, vinha o conselheiro Torres, que era o padrinho do neophito.

—Elle é muito lá de casa, o conselheiro Torres, é muito meu amigo, foi elle até que se offereceu para levar o meu primeiro successor á pia, coitado!

O chefe da sua repartição ouvia-o com muita attenção, tratando-o com um ar amavel, uns sorrisos amigaveis, a que não era muito atreito. E Antunes muito lisongeador contava-lhe todas as minuciosidades do enxoval do pequeno, e do *menu* do jantar.

E o chefe dizia-lhe coisas agradaveis, dava-lhe bons conselhos de dono de casa, de homem costumado a dar jantares e a fazer baptisados.

Por fim o Justino entendeu que não podia deixar de o convidar para a festa.

—Eu tinha muita vontade, começou elle com o ar radiante de quem vae fazer a outrem uma grande distincção, que v. ex.^a fosse dos nossos, mas...

—Tenho muito gosto, interrompeu o chefe, tremendo da adversativa *mas*. A que horas é o baptisado?

—Ao meio dia, ao meio dia em ponto em S. Nicolau.

—Bom, bom, lá estarei... apressou-se em dizer

o chefe. Mas, depois emendando o seu tom prazenteiro, que não pudera dominar, continuou com um ar protector:

—Eu não costumo ir a essas festas. E se o baptisado não fosse de seu filho, não iria... Mas sou seu amigo, e faço-lhe amanhã o sacrificio do meu dia...

—Oh! muito obrigado a v. ex.^a, muito obrigado...

—E agora vá-se embora, póde sair já... Tem que fazer, não esteja aqui preso... Vá tratar da sua vida... vá...

—Então se me dá licença... Sem falta, hein? ao meio dia em S. Nicolau.

E muito contente o sr. Justino safou-se da repartição e foi para a rua da Prata, para as lojas do seu conhecimento, contar o jantar que dava no dia immediato, ao conselheiro Torres, e ao dr. Fromigal, seu chefe, um homem importante, que tinha muito peso na secretaria.

*

*

*

Quando chegou a casa encontrou tudo n'uma desordem diabolica.

Sua sogra fôra para lá ajudar aos preparativos de festa, e andava d'um lado para o outro, com sua filha, a tirar a loiça para fóra, a escolher os guardanapos de damasco, os talheres de cabo de

marfim, os copos de champagne, tudo o necessario para o jantar.

Na cosinha havia grande azafama. A velha Alexandrina não estava habituada a estas festas, e andava fula com aquelle banquete, que a fazia sair do *ramrão* da sopa, cosido e arroz de todos os dias.

Eram cinco horas e nada de jantar ainda.

O Justino já morto de fome atreveu-se a entreabrir a porta da cosinha, e a perguntar com um ar muito adocicado, muito humilde, com um sorriso:

—Então, Alexandrina, o jantar ainda não está prompto?

—O que? o jantar?... Espere por isso. Eu não sou a madre Thereza. Nem por estas duas horas mais chegadas... Eu não tenho quatro mãos... Quem quer dar banquetes, tem mais criados... Eu não posso fazer tudo...

E a loiça andava n'uma dança, aos empurrões por cima dos bancos, e de vez em quando sentia-se estalar um prato.

Justino todo corrido, fechou a porta muito de mansinho e foi para o seu quarto lêr pela terceira vez o *Diario Illustrado*.

Entretanto seu sogro chegava da repartição.

—Então o jantar? gritava elle arrogante a sua filha, que andava esfalfada a limpar copos... Ainda não está a meza posta?...

—Está-se a fazer papá... a Alexandrina tem tido muito que arranjar.

—Muito que arranjar o que?

—O jantar para amanhã...

—Bom, e então por causa do jantar d'amanhã, ficamos sem jantar hoje?... Isto não tem jeito nenhum... onde está o bólas do teu marido. Então elle não sabe dar providencias a isto?

—Elle está lá para dentro... Ó Justino! Justino! vem fazer companhia ao papá?

—Deixa-o lá estar, não incomodes s. ex.^a... Ah! que se eu soubesse, no Algarve o que sei hoje, resmungava irado e arrependido Philippe.

Justino appareceu com o seu casaquinho de linho, muito risonho...

—Adeus papá... não sabia que já tinha vindo... estava a lêr...

—A lêr anda o senhor sempre, respondeu-lhe com mau modo Philippe. Então o jantar?...

—Eu não sei... já lá fui á cosinha...

—Então quem hade saber? sou eu? Ande vá lá vêr se nos dão alguma coisa que comer, que estou a cair de fraqueza...

—A Alexandrina coitada, está muito atrapalhada...

—Ah! tem medo d'ella?... Bom! então ficamos sem jantar... O dono da casa tem medo que a consinheira lhe bata...

—Não é isso... meu caro sogro... é que, a pobre mulher é velha, não está costumada...

—Pois costumem-n'a... o banquete tambem não é tão grande...

—Sim, mas ella está habituada a fazer todos os dias a sua sopa, a sua carne cozida, o seu arrozinho. . . .

—A quem o diz. . . está habituada a fazer uma lavadura que ninguem póde tragar. . . .

—Cada um vive como póde, respondeu um pouco irritado Justino, sentindo as costas quentes com o compadre conselheiro, e com o seu chefe.

—Sim, mas quem não póde viver bem, não casa, e sobretudo não casa com uma menina a quem não faltava nada em casa de seus paes.

—Eu tambem, graças a Deus, nunca lhe faltei com coisa alguma. . . sr. Martins. . .

—Martins! O sr. atreve-se a faltar-me ao respeito? Martins! Não sabe que eu não tenho S? . . .

Ora esta! Era o que me faltava, ser achinca-lhado pelo. . . marido de minha filha.

Angelica estava aterrada do que ouvia, e sua mãe, a sr.^a Palmira, ouvindo altercação veio lá de dentro, com uma compoteira de vidro em que estava deitando doce de ginja.

—O que é isto?

—É este senhor que me faltou ao respeito, denunciou irado Philippe, pegando no chapéu. . . .

—Mas o que foi? o que foi? perguntou Palmira voltando-se para todos.

—Onde vae papá? correu a perguntar Angelica a seu pae, que se encaminhava para a porta, onde vae?

—Vou jantar a uma casa de pasto! . . .

—Não, não, isso é uma desfeita.

—Mas o que foi? perguntava Palmira, sem ter resposta, a todos os tres.

E por fim, agarrando por um braço Justino, que passeiava d'um lado para o outro, de mau humor, com as mãos nas algibeiras, e com resolução de não transigir:

—O que fez o senhor ao meu marido? Responda?

—Chamei-lhe, Martins, ahí está a grande offensa, respondeu por fim Justino com ar ironico.

—Com S, ouviste, com S, gritou Filippe do pé da porta.

—Não foi por querer, papá, conciliou Angelica.

—Peça-lhe desculpa, insistiu Palmira com Justino.

—Exijo, que retire o S, ordenou Filippe.

—Elle retira tudo, coitado, affirmou Angelica.

—Talvez não retire, resmungou com ares pimpões, excepçionaes, Justino.

N'isto ouviu-se uma grande choradeira lá dentro. Era o pequeno que tinha acordado.

—Acordou o Segismundo, veio participar D. Josephina, trazendo agarrado ás saias, o Arnestinho, montado n'uma bengala, e com um chapéu armado feito do *Diario de Noticias*.

—Retire o S, ande, disse Palmira a Justino inabalavel.

—Anda Justino, retira o S.

—Não retiro nada, respondeu furioso o Justino.

D. Josephina informou-se do acontecido, e foi ter com seu irmão.

—Então, mano, retire o *S*. . . peço-lhe pela alma do meu coronel.

—Não retiro, não retiro, não retiro. . . affirmou tres vezes Justino, indo fechar-se no seu quarto.

—Então adeus para sempre! disse tragico Philippe, pondo o pé no primeiro degrau.

—O meu chapéu! o meu chapéu! gritou D. Palmira, pondo a compoteira em falso, em cima da meza.

A compoteira caiu semeando o chão de ginjas, que o Arnestosinho deitando-se de bruços, começou logo a colher.

Angelica pallida, gritava:

—Tudo isto me mata, tudo isto me mata, e procurava o chapéu sem dar com elle.

O pequeno berrava cada vez mais, e D. Josephina que tinha agarrado Arnestosinho pelo bibe azul, ralhando-lhe: «—Tira-te d'ahi menino, estás-te a emlabusar todo, credo que rapaz?» teve uma inspiração do ceu.

Correu ao quarto, tirou o pequeno da cama, e foi bater á porta da casa onde Justino estava fechado.

—Abra, mano, abra.

—Não abro, gritou hydrophobo Antunes.

—É seu filho que está á porta, disse dramatica D. Josephina.

Antunes abriu commovido.

—Aqui tem este anjinho, declamou Josephina,

impingindo-lhe o pequeno a chorar como um desesperado, e agora se não quer não retire o *S*... mas lembre-se que deixa essa creança, que ainda não tem um nome, erma dos seus avós!

E retirou-se commovida.

Antunes sentiu-se impressionado e beijando o pequeno, apertando-o d'encontro ao seio, n'um grande auge de commoção, monologou:

—Por ti, pobre innocente, faço todos os sacrificios...

E dirigiu-se para a casa de jantar dizendo com voz balbuciante a sua irmã, que esperava o desenlace d'esta scena...

—Diga lá mana, que retiro o *S*.

D. Josephina correu logo a gritar:

—O mano retirou o *S*.

Foi uma explosão de alegria

Palmira correu á escada a gritar para seu marido:

—Olha filho, o Justino retirou o *S*.

Angelica atraz d'ella, dizia tambem para baixo:

—Suba, papá, suba, que elle retirou o *S*.

Filippe, que ia já no segundo andar, subiu gravemente e entrou dizendo solemne:

—Foi por um patamar que não quebrámos os laços de familia. Tinha jurado a mim mesmo, que em chegando ao primeiro andar não subiria.

Justino envergonhado, com o pequeno ao collo, dizia submisso:

—Retiro o *S*., meu sogro...

—Está o jantar na meza, vamos, depressa, que eu tenho muito que fazer e preciso dos lumes para chamuscar a criação, entrou dizendo na sala a Alexandrina, muito afogueada, com as mangas arregaçadas e o avental azul todo cheio de sangue e de pennas.

—Vamos jantar, vamos jantar, respondeu Philippe a Justino, e não fallemos mais n'isso. Eu sou assim. . . esqueço tudo quando perdôo.

E foram jantar, já muito amigos. O estomago quente acabou de harmonisal-os. E depois de jantar, enquanto Alexandrina chamuscava os patos e os frangãos com grande alegria de Arnestosinho, que não se tirava da chaminé, e em quanto Palmira, e Josephina preparavam n'um aparador tudo o que era preciso para o jantar do grande dia, e Angelica punha umas laçadas no vestido de baptisado, que mandára o conselheiro, Philippe resolveu seu genro a ir a casa do prior dar os apontamentos para o assentamento, para no dia seguinte não ficarem toda a manhã na igreja. Justino foi a casa do prior, que estava já para se metter na cama.

—Peço perdão de vir incommodal-o.

—Essa é boa, tem a bondade de se sentar e dizer. . .

Justino disse tudo.

—Muito bem, isso era lá para a igreja, mas em summa vou tomar as notas, tornou o prior um pouco enfasiado.

E pegou n'um caderno de papel e começou a escrever.

—Como se chama o pae?...

—Sou eu...

—Mas o seu nome?

—Justino Antunes.

—A mãe...?

—É minha mulher.

—Mas como se chama?

—Angelica Martim Antunes, sem S...

—Antune?

—Não senhor, Martim, sem S...

—Ah! E o neophito... É menina ou menino?

—Menino... sexo masculino.

—Que nome recebe?

—O do padrinho.

—Como se chama o padrinho?

—Conselheiro Torres.

—Mas o nome?

—Conselheiro Torres! repetiu Antunes muito ancho.

—Isso não é nome.

—Ah! sim... o nome não sei.

O prior olhou para elle de mau humor.

—Pois eu não lhe hei de pôr Conselheiro, como se fosse um cão... Saiba o nome e era melhor não ter vindo incommodar-me sem isso...

E Justino saiu, corrido, sem saber como havia de perguntar o nome ao conselheiro Torres, com delicadeza.

El poder de un hombre de poder
...
--Como se llama...
--Son...
--Mas o sea...
--Quanto...
--A qual...
--Mas como se chama...
--Anglo...
--Amo...
--Abi...
--Amo...
--Que nome...
--O...
--Como se chama...
--Cosselho...
--Mas o nome...
--Cosselho...
--Isto...
--O...
--Logo...
--Logo...
--Logo...
--Logo...

O NOME DO PADRINHO

Chegou o dia do baptisado.

Pela manhãzinha, muito cedo, a D. Josephina levantou-se para fazer a sua barrela. Foi para a cosinha, e como a luz tenue, esbranquiçada, da alvorada, coada pela janella estreita que deitava para o saguão alumiasse muito pouco, D. Josephina teve que accender o candieiro de petroline para fazer as suas lavagens.

Angelica estava ainda no seu primeiro somno e acordou-a a bulha que fazia sua cunhada chapinhando-se em agua morna, alagando a cosinha, com uma grande respiração offegante, entremeada d'uns Ha! . . . Ha! consolados, das pessoas pouco costumadas ao contacto da agua. Angelica esteve um momento, assustada, d'ouvido á escuta, com os olhos fitos no tecto de estuque branco, onde a luz da lamparina d'azeite punha sombras esquisitas, rectangulares, a vêr se distinguia o que vinha a ser aquelle barulho confuso, que a acordára.

—Nada! decididamente é gente que anda lá dentro.

E muito assustada, a tremer de mêdo e de frió, saltou da sua cama, em camisa, e foi abanar seu marido.

—O que é?... o que aconteceu? resmungou Justino, com os olhos meios fechados e voltando-se na cama.

—Anda gente lá dentro, disse baixinho, Angelica, aterrorisada...

—Ora adeus! isso são ratos!... Dorme, dorme... e voltou-se para o outro lado, aconchegando-se na roupa.

—Quaes ratos, homem! Mexe-te!... Credo! que empada de homem!... Não ouves!...

E n'isto Josephina, com as suas tremuras ao lavar o pescoço atirou ao chão o regador, que estava em cima do banco da cosinha.

— É verdade! disse Justino, já muito assustado, sentando-se na cama... Já sei o que é... São ladrões!

D. Josephina, baixando-se para apanhar o regador, apanhou tambem um golpe d'ar; e espirrou.

—E ladrões constipados! continuou amedrontado Justino... Vê lá se a porta do nosso quarto está bem fechada...

—Mas vae lá dentro vêr o que é...

—Nada, nada... põe ahi cadeiras á porta para elles não entrarem... e apita!...

—Estás doido! Queres fazer um escandalo na rua!

—A culpa não é minha! Essa é boa!... Então a gente ha-de deixar-se roubar para não fazer escandalo...

E saltando da cama poz-se apitar batendo na parede contraria ao seu leito, que era a do quarto de D. Josephina...

—Ó mana! Ó mana! acorde e apite, acorde e apite.

D. Josephina não estava lá, e não podia ouvir seu irmão, que dizia isto em voz baixa, cheia de conselho e de terror.

Justino não tendo resposta, gritou mais, mais, tanto que sua irmã ouviu-o e veio embrulhada na toalha ao corredor, perguntar:

—O que é, mano, quer alguma coisa?...

—Andam ladrões lá dentro, apite...

—Não são ladrões, respondeu Josephina rindo, sou eu que me estive a lavar...

Tranquillisado Justino, voltou-se para sua mulher e fulminou-a com a sua colera.

—Era uma tola! incommodal-o áquella hora com os seus medos! Parecia uma creança, tinha medo de tudo!... Acordal-o no melhor do seu somno! Ladrões! que idéa! só d'uma cabeça ôcca, como a d'ella!

E metteu-se, a resmungar, na cama, enquanto sua mulher, descompondo-o a elle «que era ainda mais medroso que ella, um homem, e d'aquella

idade, que podia ser seu avô!» principiou-se a vestir, mudando logo de assumpto, e n'outro tom:

—Hoje ha muito que fazer! Assim como assim, levanto-me já!... D'aqui a pouco está ahi essa gente: é preciso arranjar a casa... Isto já é dia claro... Tua irmã que anda em pé... E tu devias-te tambem levantar. Ainda tens que fazer a barba... e que ir a casa do nosso compadre... para saber o nome que se hade pôr ao pequeno... e deves ir á egreja cedo... para se escrever a tal coisa que é preciso escrever... para não estar a fazer esperar toda a gente... que é uma vergonha.

Justino deixava dizer, e embrulhava-se no lençol, e no silencio, cheio de reserva e de somno.

Durou pouco porém esse somno; sua mulher apenas vestida, abriu de par em par a janella do quarto, o dia entrou pela casa dentro, e d'ali por diante foi tal o reboliço e a claridade, que Justino não pode mais pregar olho.

Resignou-se e vestiu-se, e foi para a casa de jantar fazer a barba, em quanto Angelica varria todas as casas com uma grande preocupação de aceio; a Alexandrina accendia o lume para pôr a agua para o almoço, com muito máu humor, e a D. Josephina, em saias e de roupão branco ensaboava o Arnestosinho, muito choramingas, muito insubordinado, apesar de sua mãe pretender deslumbral-o com a festa que elle ia gosar, e com os aceios do priminho novo, para que elle deixasse lavar a cara e pôr banha no cabello.

Andava tudo n'uma azafama.

O almoço veio para a meza ás oito horas e meia, e todos enguliram o café com leite a correr; Justino, em mangas de camisa, de chinellas, com as calças pretas, novas, do seu casamento, muito lustrosas, presas por uns suspensorios muito janotas, que lhe bordára sua mulher na lua de mel, apertando dos lados o peitilho da camisa muito branco, que impava gomma anilada, fazendo-lhe um alto collo de pombo farto; Angelica, em roupas brancas, com um chale preto e branco, velho, constelado de nodoas, o chale da manhã, pregado com um grande alfinete amarello de cabeça de coralina, e os cabellos castanhos espetados no alto da testa, com ganchos, para depois frisar; Josephina, já com os bandós muito alisados, muito cheirosos a essencia de rosa, com a saia de seda preta já vestida e levantada para cima, pregada com alfinetes quasi ao pé do cós, toda forrada em roda pé de tarlatana branca, e um lenço de seda, de rapé, atravessado no peito esguiu e ossudo, por de cima da camisa lavada, cheia de bordados azulados da ilha da Madeira, e o Arnestosinho de bibe azul, com a cara muito vermelha da ensaboadela, e o cabello ensopado em banha, penteado á Capoul, caído em *chien* sobre a testa, a que a banha dava o tom lúsidio d'uma bola de bilhar.

O almoço foi silencioso: cada um estava preocupado com as graves funcções do dia, e o Arnestosinho choramingou muito e fez um grande

berreiro de «tenho fome», agarrando as saias da mãe com as mãos emlabusadas de manteiga quando viu todos levantarem-se da meza, quando elle ia ainda na primeira chavena de café, e na terceira fatia de pão.

Justino vestiu o collete aberto das grandes solemnidades, poz a sua gravata branca, e envergou por cima d'aquillo tudo a sua sobrecasaca russa e coçada de todos os dias, deixando a casaca aberta, com muito cuidado, sobre a cama.

E saiu, recommendando á sua irmã, que não deixasse ir o gato para o quarto, e bateu á porta fronteira, á porta do conselheiro.

Entrou para a saleta, uma saleta esteirada, com seus reposteiros amarellos, cadeiras graves, altas, d'assentos proeminentes como as corcovas dos dormedarios, um espelho grande, coberto de gase para as moscas não macularem os doirados brilhantes da moldura, defronte da porta da sala, por de cima d'um tremó de mogno, onde um enorme vaso de caramujos ostentava dentro da sua cuidadosa redoma de vidro, um grande *bouquet* de flores esquisitas, feitas de conchas de todos os feitios e de todas as côres, entre dois immensos ovos d'aves-truz, que o conselheiro Torres trouxera da sua viagem de guarda-marinha, carreira que abandonára por causa dos enjôos, e que ha muitos annos

faziam o espanto de todas as suas visitas e davam ensejo ao conselheiro para fazer uma interessante prelecção sobre os usos e costumes d'essas singulares aves.

Justino sentou-se tímido, a estudar a maneira como havia de perguntar ao conselheiro o nome, sem mostrar não o saber, porque entendia ser uma falta de respeito ignorar o nome d'um homem tão notavel.

Depois d'um longo bocado d'espera, appareceu o conselheiro de robe de chambre granada, e barrete amarello, com uma borla azul pendente.

—Muito bons dias.—Por cá? Então hoje é que é o grande dia?—Ainda é cedo, não é?—Então sempre é ao meio dia?—Será bom que não demore muito, porque n'estas ceremonias a pontualidade é tudo, trocaram-se entre o conselheiro e Justino, que se agarrou a uma d'estas phrases para abrir caminho á sua pergunta.

—É exactamente por isso que eu venho incomodar v. ex.^a, para não haver demora.

—Ora essa! por mim esteja descançado! Sei cumprir com os meus deveres! tornou o conselheiro um pouco severo.

—Não é isso, não é isso, pelo amor de Deus, observou logo Justino, então eu atrevia-me lá a fazer essas observações a um homem como v. ex.^a!

—Então o que é?... perguntou o conselheiro Torres serenando um pouco.

N'isto entrou a Sabina, a filha mais nova do

conselheiro com o ferro de frizar esbrazado, na mão, experimentando-o n'um pedaço do *high-life*, que vinha dizer ao pae que o almoço estava na meza.

—Viva, sr. Antunes! Como está sua mulher? e a D. Josephina? Então o pequenito já está preparado para o banho de chuva?

—Oh! minha senhora! como está v. ex.^a e as suas manas...

—Bravo! que luxo! já de gravata branca!... Parece um diplomata!...

—É que tenho que ir á igreja... mas não quero incomodar...

O conselheiro disse á filha que podiam ir almoçando, que elle já lá ia, que o sr. Antunes não se demorava.

E Sabina saiu apertando a mão a Justino com grandes gargalhadas.

—Até logo, sr. Justino... está mesmo um diplomata.

E depois, d'ali a momentos ouviu-se lá dentro ella dizer ás manas:—«Vão vêr o Justino! Está magnifico, de gravata branca e sobrecasaca suja... Parece um criado de meza!»

E os olhos das meninas Torres appareceram a espreitar pela greta da porta, com grave incommodo do conselheiro, que, muito comprometido, tossia para que Justino as não ouvisse, e passeiava defronte da porta, procurando posições para as encobrir dos olhos do seu futuro compadre.

—Mas então o que o traz cá, sr. Antunes?

—É que eu queria mandar lavar o assento antes da cerimonia, para demorar menos...

—Perfeitamente, perfeitamente, faz muito bem...

—E queria saber se v. ex.^a consente em que o seu afilhado tenha o seu nome festejado...

—O meu nome!... Sim, sim, pode pôr-lh'o. Não me opponho...

—Muito bem!...

—Então até logo, despediu o conselheiro.

Justino encaminhou-se para a porta corrido, sem saber o que desejava. Á porta lembrou-se d'um expediente, que era ao mesmo tempo uma necessidade.

—Ah! eu queria tambem pedir a v. ex.^a o nome de seu pae e de sua ex.^a mãe, para o assento...

—Pois não! tem muita razão... eu é que me esquecia.

E indo ao escriptorio voltou d'ahi a pouco com um bilhete, que deu a Justino.

—Prompto.

—Vae aqui tudo explicado? perguntou Justino parecendo-lhe mal lêr o papel.

—Tudo; o nome de meu pae e de minha mãe... O meu é que não puz...

Justino empallideceu.

O conselheiro continuou sorrindo:

—Esse não é preciso pôr ahi, creio eu?... Sabê-o perfeitamente, não é assim?

—Ah!... per... feitamente, balbuciou Justino.

—Toda a gente o sabe!... Ah! é verdade, assente ali lá em casa, tenho 48 annos e sou viuvo!... Até logo! Ao meio dia em ponto!...

—Até logo sr. conselheiro! disse succumbido Antunes, batendo á sua porta.

Entrou em casa desanimado, desnorteado, sem saber o que fazer...

—Então, disse-lhe a mulher, agora vae depressa á igreja, fazer o assento. São quasi dez horas.

—Á igreja! Isso é bom de dizer, mas que nome heide pôr ao meu filho.

—Ora essa! o nome do padrinho, então não está já decidido ha tanto tempo?...

—Sim! mas como se chama o padrinho?

—Não acabas de lh'o perguntar?

—Não... elle disse-me que eu sabia o nome d'elle com certeza, e eu não me atrevi a confessar a minha ignorancia... Era offender um homem d'aquelles.

—Bruto! Então não sabes o nome que hade ter o nosso filho...

—Talvez que pelo nome do pae do conselheiro e da mãe, se possa tirar o nome do filho.

E Justino, animado por esta esperanza abriu o papel.

—O pae é Gregorio, a mãe Sebastiana. Que nome sairia d'estes dois nomes? interrompeu febril Justino, olhando para o tecto.

—Gregorio e Sebastiana. Talvez elle seja Thomé... continuou Justino.

D. Josephina entrou n'este instante.

—Então como se chama o pequeno? perguntou ella.

—Ainda não sabemos, respondeu enfastiada Angelica, seu irmão é um pateta, não se atreveu a perguntar o nome ao conselheiro...

—Ora essa! eu pergunto ás filhas, offereceu muito desembaraçada Josephina.

—Não, não, mana: não vá offender essa familia... O pae do conselheiro era Gregorio, a mãe Sebastiana. Vejam lá o que será o filho... Thomé? Heliodoro?...

—A mãe Sebastiana e o pae Gregorio! repetiu Josephina ferida d'uma idéa e d'uma ambição súbitas. Já sei... Segismundo.

—Ora adeus! respondeu enfastiado Justino. Ah! Já sei! Vou perguntar cá abaixo á mercearia, elle gasta de lá, não gasta?

—Gasta, gasta, affirmou D. Josephina, é boa idéa, vá depressa.

Justino desceu a escada n'um pulo e entrou na mercearia. Felizmente estava lá o patrão.

—Adeus visinho. O sr. diz-me uma coisa?

—Pois não, se souber...

—Como se chama o conselheiro Torres? o que mora cá em cima no 4.º andar.

—O conselheiro Torres? Espere ahi... Elle outro dia esteve ahi com um amigo que o tratou pelo nome, e eu até tomei nota... para lhe pôr

na conta. Oh! José, dá-me d'ahi esse livro... Elle é um nome esquisito.

José, o marçano, foi buscar o livro.

—Cá está, Moysés Torres... É Moysés...

—Moysés? É impossível. Então elle é judeu...

—É Moysés, com certeza, o amigo tratou-o por esse nome... E já o tenho ouvido mais vezes... Até o tenho visto escripto em livros...

—Em livros? Então é Moysés! É esquisito, como de Gregorio e de Sebastiana saiu Moysés. Vão lá fiar-se na logica do nome.

E despediu-se depressa para ir á egreja, apesar de lhe custar a chamar Moysés ao filho: Moysés Antunes! É verdade que o padrinho era Moysés Torres, e tinha chegado ao que tinha chegado.

A IDA PARA A EGREJA

Ao meio dia em ponto bateram á porta da casa do Antunes.

A familia estava toda na sala á espera dos convidados; D. Angelica vestida de seda gris-perle, o vestido do seu casamento, com uma grande cauda e a cintura muito curta, quasi por debaixo dos braços, como então se usava; a D. Josephina com a sua magreza, hirta, mettida n'um vestido preto de faille de cordãosinho, o vestido com que visitava as egrejas na quinta feira santa desde o tempo do seu Segismundo, com a cintura muito comprida fechando adiante n'um enorme bico cheio de barbas: a cara parecia-se n'isto com o bico, faria a inveja de muitos adolescentes com o seu buço farto, as suas pequeninas *patilas* grisalhas, e uma especie de pera irregular que acompanhava, como

a cauda luminosa dos cometas, um grande signal negro d'onde os cabellos fortes, grossos, saíam espetados, aggressivos; o Arnestosinho, todo vestido de preto, muito escovado, com um frack de homemsinho, com os signaes das dobras muito accentuados, e as bandas abertas n'um escancaramento muito desastrado, gravata preta e branca, atada n'um laço enorme, de grandes cokas, cabelo muito penteado, e todo elle muito direito, sentado n'uma cadeira, compromettido, dentro do fato e debaixo dos olhares da mãe, que, espetada no sophá, com um lenço bordado na mão, não tirava os olhos d'elle dizendo, de segundo a segundo:

—Está quieto, Arnesto; não te mexas. Vê lá se emporcálhas já o fato... Olha que se te sujares vaes-te já despir... e não vaes á egreja...

Justino já com a sua casaca vestida, e cançado da eloquencia que lhe fôra necessario desenvolver para levar o prior a consentir em pôr o nome hebraico de Moysés a seu filho, passeiava d'um lado para o outro, consultava o relógio, admirava-se muito de seu sogro e sua sogra não terem vindo ainda, tendo-lhes elle mandado o trem ás dez horas e meia. E era já meio dia, e elles sem apparecerem, e o trem tinha ainda d'ir buscar a comadre ás Cruzes da Sé.

—O que valia é que era perto! dizia sua mulher.

—Sim, mas os convites foram para estarem todos aqui ao meio dia... o conselheiro não tarda

ahi... e é uma falta de respeito... uma falta de consideração...

—E o teu chefe, o tal doutor Fromigal... já cá está?...

—Não, mas esse não falta á hora...

N'isto foi que bateram á porta...

—Ahi vem elle! disse Justino, e n'um impeto dirige-se para a porta para a abrir...

Mas depois, considerou que não lhe estava bem n'esse dia abrir a porta aos convidados, e parou no meio da sala.

E ninguem foi abrir a porta.

A campainha tornou a tocar mais violentamente...

Angelica poz-se de pé e abriu a bocca para dar uma descompostura á Alexandrina:

—Então você não ouve... começou ella.

Justino fazendo muitos tregeitos, disse-lhe...

—Cala-te... Deixa-a lá... Ella é capaz de te dizer alguma... Está lá atrapalhada com o jantar...

E ao mesmo tempo ouviram-se os passos pezados de Alexandrina, chinelando pelo corredor, de mangas arregaçadas, vestido de chita muito remendado, e avental azul sujo de nodoas de sangue, de farinha, de azeite, e resmungando zangada:

—Olá!... quem é vem com pressa... Traz dinheiro!

E como a campainha tocasse então pela terceira

vez, já com uma insistencia ruidosa e colerica, Alexandrina gritou de cá, correndo o fecho.

—Está bom! está bom! Isto aqui não é porta de quinta.

Justino, enfiado, pallido, olhava-a da sala fazendo-lhes signaes para que se calasse.

A porta abriu-se e entraram por ali dentro as quatro meninas Torres, com umas *toilettes* muito espaventosas, de côres vistosas e variadas, fazendo uma grande algazarra de cumprimentos, e seguidas pelo conselheiro, muito grave de casaca, comenda de Christo, *paletot* vestido, e grande anel de brilliantes no dedo.

A Sabina, a mais nova, não pode deixar de dizer:

—Credo! pensava que tinham morrido todos! Estamos a batêr ha duas horas...

—É essa mulher que tem algodão nos ouvidos, desabafou por fim Angelica, vindo ao encontro das meninas Torres.

Alexandrina rosnou:

—Quem quer guarda-portão paga-lhe...

E mudando logo de tom, respondia ás outras meninas Torres, que se desfaziam em cumprimentos para ella.

—Vamos andando, minhas senhoras... como velha... como velha... E vocelencias!

A mana Carmo, a mais velha, que era mais amavel, a mais conciliadora, chegou até apresentar a face ao beijo de Alexandrina, que mais

serenada com esta prova de consideração, foi para a cosinha, e disse ao aguadeiro qua estava em mangas de camisa, areiando os talheres para o jantar:

—É muito sympathica, a Carmo, a filha mais velha do compadre do senhor, agora a mais nova, é uma lambisgoia, uma espevitada...

Na sala havia já um grande susurro de conversações misturadas, fallavam todos ao mesmo tempo, porque as meninas Torres eram como os canarios, em cantando um cantavam todos, e o conselheiro depois de ter cumprimentado gravemente D. Angelica e D. Josephina, e de ter feito uma festa na cara ao Arnestoso, dizendo-lhe com um sorriso protector «adeus seu morgado!» afastou-se para um vão de janella com Justino, mostrando-lhe o relógio para comprovar a sua pontualidade.

—Eu n'isto sou inglez, meu amigo; nunca faltei á hora aprasada a coisa nenhuma.

E Justino ouvia-o atrapalhado, sem saber como dizer áquelle grande homem, que seus sogros e o seu chefe ainda não tinham chegado.

As meninas Torres perguntaram pelo pequenito, onde estava elle, se já estava vestido.

O pequeno dormia, estavam á espera da comadre para o vestir. E já tardava! A caruagem fôra buscar a mamã e o papá, e ainda não tinham vindo. Até já estava com cuidado; se lhe teria acontecido alguma coisa... Aquella demora...

O conselheiro franzia o sobr'olho e dizia a Antunes com certo tom reprehensivo:

—Eu nunca faço esperar, mas tambem não gosto de esperar por ninguem...

A D. Angelica mirava dos pés á cabeça as meninas Torres, passava-lhes uma revista minuciosa aos vestidos e aos chapéus, em quanto D. Josephina dizia ao Arnestosinho:

—Então menino, já deu um beijo á sr.^a D. Carmo?

E voltando-se para a mais velha das Torres, dizia sorrindo:

—Voss'lencia é os seus encantos... não sei... é uma allucinação... Crédo!... Olhe que até ás vezes me espanta! É tal qual o pae era comigo...

—Veja lá sr.^a D. Josephina... tome sentido com elle, disse-lhe rindo a Sabina... as paixões n'esta idade...

E o pequeno, vermelho como uma cereja, com os olhos no chão, começava a bambolear-se na cadeira, para se dar *contenance*.

Parou um trem á porta. Angelica correu á janella.

—É a mamã, gritou ella para dentro. Oh! Justino, vae lá baixo dar as ordens ao trem... e que vá depressa.

—Com licença, sr. conselheiro, disse Justino ceremoniosamente ao Torres.

E deitou a correr pela escada abaixo.

D'ali a um bom pedaço Justino, esfalfado da correria, entrava na sala, trazendo pelo braço sua sogra, a sr.^a D. Palmira Martim, carregada d'oiro, como uma varina em dia de festa, e vestida de seda côr de cereja, de grande espectaculo.

Seu sogro seguia-o, cofiando as suas austeras barbas brancas, com o sobr'olho carregado, e o ar de poucos amigos, que elle imaginava dar-lhe uma grande gravidade de physionomia politica.

As senhoras pozeram-se todas de pé com um sonoro ruido de sedas que se mexem, D. Palmira, beijou todas as meninas Torres, abraçou sua filha, com a respiração alterada de quem sóbe até um 4.^o andar.

—Crédo! Veiu tão tarde, que já estavamos com cuidado...

—Que queres! respondeu Filippe apertando cerimonioso a mão do conselheiro, teu marido mandou-nos um trem que não presta para nada, que anda como uma carroça... com os cavallos sempre a cairem...

—Ai! já não vou n'elle, disseram em côro as meninas Torres.

Justino ouviu-as atterrado.

Aquella gente toda, o conselheiro e as filhas, não tinham carruagem e contavam com a d'elle. Mas seu sogro tirou-o do seu espanto, perguntando-lhe como um patrão-poderia perguntar a um criado:

—Onde mandou o senhor buscar aquelle carro da lama?

—Foi ao Zeferino, que tem muito bons trens.

—Então esteve a caçoar comsigo... não lhe deu importancia.

O conselheiro intreveiu conciliador.

—É que ha vehiculos que...

A entrada da sr.^a Leonarda da Purificação veio interromper a falla do conselheiro. Leonarda vinha vestida modestamente, sem o espalhafato proprio dos baptisados: entrou muito mesureira, muito desembaraçada, dizendo os ditos da sua profissão e foi vestir o pequeno que chorava com uma ancia, com que realmente choraria o verdadeiro Moysés, se alguém se lembrasse de o fazer baptisar em S. Nicolau.

Por fim o neophyto appareceu vestido na sala.

—Como elle vem bonito! disseram todos em côro.

E o pequeno andou por todos os collos, muito aborrecido, muito enfastiado, muito rabujento, choramigando.

—Bom, então vamos para a igreja, disse o conselheiro puxando pelo relógio; é já quasi uma hora.

—Vamos, vamos, approvaram todos pondo-se de pé.

—Perdão... murmurou succumbido Justino...

—O que é?

—É que falta ainda um convidado... o meu

chefe... o dr. Fromigal... que hade tocar por madrinha...

— Bem, então já vejo que não temos baptisado hoje; resmungou zangado o conselheiro...

— O que? O dr. Fromigal vem cá? perguntou irado Philippe Martim a seu genro...

— Faz-me essa honra, respondeu Justino; com uma cara a trasbordar vaidade...

— Era o que faltava! Você metter em sua casa essa gente!... O dr. Fromigal... um homem d'aquelles... uma firma desacreditada...

O conselheiro a ouvir isto levantára-se inquieto interpellando Justino:

— Perdão! eu desejo saber... quem é a pessoa que o senhor me deu por parceiro n'esta solemnidade religiosa...

— Tem muita razão, muitissima razão, sr. Conselheiro.

— Responda sr. Antunes...

— Oh! compadre... meu sogro, respondeu atarantado Justino... o dr. Fromigal... é um homem importante...

— Hum! Hum! sorriu ironicamente Philippe Martim...

— É o meu chefe accentuou Justino, ufano.

— Ah!... se é um chefe... disse meio convencido e tranquillizado o conselheiro.

— Sim, observou logo Philippe... mas diga o resto...

— O resto quê, meu sogro?

—Diga que é um homem que se atreve a fazer opposição ao sr. Fontes, ao Bismark portuguez, digo-o bem alto para que todos o oiçam!

A sogra de Justino teve uma longa exclamação de espanto e de terror...

Justino ficou anniquilado.

O conselheiro porém, longe de ficar irado como Filippe suppunha, sorriu...

—É só isso!... Pelo que vejo v. ex.^a não é ecletico...

—Não senhor, respondeu sem saber o que era, Filippe...

—O meu Segismundo, interrompeu D. Josephina mettendo-se na conversação, era muito, tinha ás vezes ataques que duravam cinco quartos de hora e mais...

O conselheiro olhou-a muito espantado, e continuou entendendo não dever levantar o áparte:

—Pois eu sou... O respeito mutuo das opiniões individuaes é um dos mais bellos fructos da frondosa arvore da liberdade...

—Que o meu Segismundo ajudou a plantar, observou orgulhosa D. Josephina.

Filippe Martim não replicou, mas ficou desgostoso...

—Eu acho n'este tal sr. doutor uma coisa peor do que fazer opposição ao sr. Fontes, é não ser pontual ás horas do baptisado.

—Pois quem não tem bom senso politico,

póde lá ter pontualidade! disse em ar de axioma Philippe.

A Leonarda da Purificação ouvindo n'esse momento dar uma hora, levantou-se desembaraçada, e veio ter com Justino.

—Diga-me uma coisa, sr. Antunes. Istô tem ainda muita demora? Se tem, eu tenho que me retirar porque tenho outro baptisado ás duas horas e meia em casa do commendador Rocha, sabe, aquelle brasileiro que mora ali ao Corpo Santo, que é muito rico?... Ora, não sabe o senhor outra coisa!... Aquelle que é casado com a viuva Marques, do Porto?... Uma senhora já madura... mas que teve ainda ha oito dias uma menina...

E foi bem feliz... Eu não o julgava... Estava com medo... Dormi lá duas noites... Ella é uma santa senhora... Estava-me sempre a dizer: Oh! Purificação!... Ella trata-me pelo meu appellido... É como a baroneza de Vinhaes, nunca me trata senão por sua Purificaçõesinha!... Mas como eu ia dizendo: «Oh! Purificação, a senhora está muito incommodada cá em casa, que massada que eu lhe tenho dado.» Nunca vi uma senhora assim. E rica como ella. Porque ella herdou do primeiro marido uma grande quinta em Guimarães... a quinta da Porta Larga... ha de conhecer... uma quinta que fica...

E Antunes, colhido por esta batega de tagarellice recolhera-se na meditação sobre o modo

de arranjar trens para aquella gente toda... e pensou:

—O melhor é tomar ali um trem de praça ás horas... O peor é o numero!... Mas elles tirarão o numero...

E interrompendo a torrente de palavras de Leonarda, disse em voz alta puxando-a para a varanda:

—Talvez ella saiba! Os trens de praça podem tirar o numero?

Leonarda desapontada, olhou-o com espanto, e respondeu-lhe seccamente, quem não sabia.

—Hão de tirar, vou saber-o! E esgueirou-se da sala, sem que ninguem dêsse por isso e foi alugar dois trens de praça.

Quando voltou encontrou na escada o dr. Fromigal. Aproveitou a occasião para lhe pedir a honra de servir de madrinha a seu filho, e entrou triumphante com elle pelo braço na sala... apresentando-o em globo.

—O sr. dr. Fromigal!... Então vamos!

O dr. Fromigal fez os seus cumprimentos, para um lado e para o outro; as senhoras pozeram-se de pé; encaminhou-se tudo para a escada. O dr. Fromigal curvou-se diplomaticamente quando as senhoras passaram. A ultima era D. Palmira com o seu vestido cereja. Seguia-se-lhe o conselheiro e Philippe Martim.

Justino, que estava ao lado de Fromigal apresentou-lhe seu compadre e o seu sogro. Fromigal

apertou-lhes a mão com amabilidade e olhando para a cauda do vestido de D. Palmira Martim, que embaraçava todas as pessoas, disse rindo, espirotuosamente, a Filippe Martim, que estava ao pé d'elle:

—Não sei o que é... Isto de parteiras conhecem-se logo.

Filippe olhou-o colerico e não respondeu.

E accommodados todos nos trens o prestito seguiu para a egreja.

aportados a cargo de don Juan de Salazar
por la cuenta de vestido de D. Rodrigo de Salazar
que encarga las cosas que se le dan para el
servicio de su persona y familia.

de 5 de mayo

Yo el Rey. Yo el Adelantado. Yo el Oydor.

Yo el Contador.

Felipe Alfonso de Salazar.

Yo el Oydor. Yo el Contador.

Yo el Escribano.

O BAPTISMO DE MOYSÉS

Chegaram á egreja.

Eram tres os trens. Justino tivera apenas que tomar um de praça, porque n'aquelle em que mandára buscar seu sogro, accomodaram-se sua sogra e a parteira, com o neophito, no assento de traz, sua mulher e o conselheiro no da frente. No trem em que tinha vindo o dr. Fromigal, um coupé com banquinho adiante, o Justino, teve a habilidade de metter as duas filhas do conselheiro, a mais nova e a mais velha, a Sabina e a Carmo, e de se anichar com o seu chefe no banquinho pequeno, ambos entalados entre os joelhos das meninas Torres, quasi submergidos nas ondas azuladas e liláz dos seus vestidos de seda.

—Mas era ali muito perto, dissera Justino, dois passos apenas, não valia a pena estar a alugar outro trem.

E o dr. Fromigal, como achára muito picante a menina Sabina, não levantára nenhuma objecção.

No terceiro e ultimo trem, aquelle que Justino não podéra deixar de alugar, pedindo ao cocheiro para tirar o numero, iam a Eduarda e a Clementina Torres, as outras duas filhas do conselheiro, no assento do fundo, e defrõnte d'ellas o Philippe Martim e a D. Josephina, muito espetada, muito direita, com um chapéu preto de veludo, com um grande Himalaya de flores liláz, que andava sempre a embirrar com o tecto da carruagem, e o Arnestosinho subira para a almofada ao som dos gritos tragicos da mãe, que tinha muito medo que o menino caisse.

E por todo o caminho D. Josephina viera de segundo a segundo, a voltar-se para traz, e a recommendar ao Ernesto:

—Vê lá, Arnestosinho, segura-te bem...

Os trens pararam á porta de S. Nicolau.

De dentro de todos elles surgiu, ao mesmo tempo, um braço de homem, debatendo-se em baldados esforços para abrir a portinhola.

Uns pobres muito risonhos, que, farejando baptizado ou casamento, estavam de sentinella á porta da egreja, vieram muito amáveis, uns coxeando, outros curvando-se muito ao peso d'uma doença, que só lhes dava quando avistavam «ricos bemfeitores», abrir as portinholas, de chapeu na mão, e rosnando a sua lenga lenga tradicional.

O conselheiro saltou ligeiro do trem, como um

homem que tem muito o habito de andar de car-ruagem, offereceu delicado a sua mão calçada em deslumbrante luva branca, a D. Palmira; emquanto o dr. Fromigal, apeando-se lepidamente ajudava a apearem a menina Sabina, que, sorrindo-lhe muito agradecida, deixava ver, ao saltar, um pé pequeno, fino, cambré, calçado n'um sapato bicudo, polido, e uma meia de fio d'escocia, côr de laranja, com umas riscas negras; e o chapéu de D. Josephina saía do outro trem, e depois d'ali a pedaço a propria D. Josephina gritando para a almofada:

—Vê lá como desces, menino: não ponhas o pé n'isso... espera... Ó sr. conselheiro... sr. conselheiro?

E o Arnestosinho agarrado á almofada do trem, com um pé no ar, e a perna estendida, esperou que o conselheiro muito cansado, de apearem a D. Palmira, viesse muito solícito, á voz de D. Josephina, segurar-lhe o pé, até ao sitio da roda onde havia menos perigo de fazer ponto de apoio.

Apearam-se todas as senhoras, aconchegando as sedas subiram os degraus do adro, o conselheiro atirando para traz a aba do paletot, para se ver bem a commenda, approximou-se de Philippe Martinim, e foi subindo com elle atraz das damas, Justinino ficou mais atraz dando ordem aos trens, que esperassem ali, que não tinha demora, que o assentamento estava já feito, e muitas mais explicações para que os cocheiros se não zangassem, e o dr. Fromigal, separando-se um pouco do grupo,

tirou da algibeira uma bolsa de prata, metteu duas meias corôas n'um pedaço de papel, que tinha na carteira, com mau humor e pensando:

—Mau, já me vae saindo caro o jantar.

E entraram todos na igreja; Justino atravessou-a apressado, azafamado, para ir á sacristia tratar de assignar o termo, emquanto as senhoras ajoelhavam com um grande ruido sonoro de sedas que se amachucam, defronte do Santissimo, o dr. Fromigal approximou-se de D. Palmira Martim, que se ajoelhava mais atraz, ao lado de seu neto pequenino, com muito custo da sua gordura, segurando-se á teia, e disse-lhê amavel:

—Ande lá, que eu a ajudo. . .

E segurou-lhe no braço para a ajudar a ajoelhar.

Palmira muito admirada, e extremamente offendida, porque não queria que houvesse ninguem mais ligeiro do que ella, disse-lhe um «obrigada» muito secco, quasi synonymo de «quem lhe encomendou o sermão?»

O dr. Fromigal então, disse-lhe baixinho ao ouvido:

—Tome lá para si!

E metteu-lhe na mão o embrulho com as duas meias corôas, e afastou-se um pouco, muito envergonhado de só dar dez tostões.

Palmira, vermelha de furia, depois de desembrulhar as duas meias corôas, fazia incriveis esforços para se pôr em pé, e dizia em voz alta, que começou a fazer escandalo na igreja:

—Por quem me toma o senhor... seu atrevido...

O dr. Fromigal parou ao pé da sachristia, espantado do atrevimento da parteira, que tinha o descaramento de recalcitrar ao que lhe davam.

E resmungava de lá:

—Então, cada um dá o que quer, isto não é uma obrigação.

As meninas Torres estavam estupefactas e cochichavam baixinho.

—O que seria isto!

—O que lhe diria elle?

Angelica approximára-se de sua mãe; assustada...

—Deixe vir meu marido, que elle já o ensina... continuava Palmira tendo por fim conseguido pôr-se em pé!

Entretanto o dr. Fromigal fôra para a sachristia resmungando, zangado:

—Ora isto! dar dez tostões e ainda em cima ouvir uma descompostura.

E o sachrista, que o viera chamar para assignar o termo, ia ao lado d'elle, ouvia-o, e consolava-o, com esperança de gorgeta:

—Não faça caso! Estas mulheres são muito ordinarias.

Angelica, sem perceber nada do que se passava, olhava para os dez tostões, que sua mãe tinha na mão, e não sabia o que pensar nem o que dizer.

—Dar-me dez tostões! A mim... Uma Martim... Ora se ha!...

Das meninas Torres, a Sabina, que era a mais esperta, começava a comprehender, e dizia a suas irmãs, e abafavam grandes risadas indomaveis...

Mas D. Palmira, não se dera por vencida. Aquillo não podia ficar assim.

E correu pela egreja acima até á sachistia; Angelica foi atraz d'ella, muito vermelha, muito chorosa, a pedir-lhe que não fizesse escandalo, e a D. Josephina seguiu-as muito direita, muito estúpida, sem conseguir perceber nada, repetindo perguntas idiotas, e arrastando pela mão o Arnestosinho aos saltos, e as meninas Torres, todos quatro em linha foram tambem a vêr o que aquillo dava de si, cheias de grandes tentações de riso e de troça.

E umas mulheres de capote e lenço, que andavam de egreja em egreja a vêr baptisados, foram por ali acima ao cheiro do escandalo, e os pobres, que estavam ao pé do guarda-vento, uns, dormitando encostados á pia d'agua benta, outros, resmungando conversas desagradaveis e mal humoradas, seguiram D. Palmira á sachistia.

Quando tudo aquillo chegou á porta da casa do despacho, onde o padre lia em voz alta e muito explicada, ao pae e aos padrinhos do neophyto, o termo que elles tinham que assignar, e a D. Palmira, desvairada, allucinada, mas, querendo ter mão em si, e ser digna, ser fidalga, ser Martim,

no desagravo do insulto, chamou em voz clara, vibrante, muito espevitada:

«Ó Filippe!... ó Filippe!... vem cá... depressa» ouviu-se de dentro da casa do despacho uma grande bulha, um ruído de muitas vozes falando ao mesmo tempo, e, dominando todas, a voz irada do conselheiro, declamando:

—Nunca admitti que ninguem me insultasse... e isto é um insulto.

—Mas perdão... diziam em unisono as outras vozes, humildes, conciliadoras.

—Eu vim aqui como S. João Baptista, e sou esperado por um Judas, continuou o conselheiro solemne e com bellos pulmões.

—Judas, sr. conselheiro... pois o sr. chama-me Judas, meu compadre, soluçava, chorava, contricta, a voz de Justino.

—Qual compadre, nem qual diabo, desmantelava-se o conselheiro, desmanchando no meio do seu furor a gravidade serena da sua prosa.

—Senhor, bradou escandalizado o sacerdote, lembre-se d'onde está...

O embate d'estas duas questões, a que se gerára na casa de despacho, e a que vinha a correr pela sachristia fez sossobrar a cólera de D. Palmira.

As meninas Torres calaram assustadas a sua tagarellice trocista e como o momento era solemne a mana Carmo, a mais velha, tomou a palavra de cá de fóra da porta e perguntou anciosa:

—O que é que tem papá... o que foi que lhe fizeram?

A voz da Carmo fez cessar todo aquelle ruido. As meninas Torres encheram a casa de despacho.

D. Palmira ficou á porta, com Angelica, tendo por traz d'ambas a cabeça de D. Josephina olhando para aquillo tudo com um olhar imbecil; em quanto o pequeno, o Arnestosinho, furava por entre as saias e surgia como que por encanto ao pé das calças pretas do conselheiro.

O prior muito envergonhado poz-se de pé tentando acalmar a tempestade:

—Não é nada, minhas senhoras, foi um simples equívoco...

—Não é nada, ora essa! Acho-lhe graça! Não é nada; gritava o conselheiro fulo...

—Mas o que foi? perguntou o quarteto das meninas Torres.

—Foi este senhor, que me convidou para ser padrinho do filho, que me obrigou a fazer despesas e a ter incommodos, e no fim de tudo para me insultar...

—Peço perdão, meu compadre...

—Mau... já lhe disse que não quero que me chame compadre... entre nós não ha já nada de commum...

—Nem sequer o meu filho, sr. conselheiro? perguntou Justino commovido, como uma resignação humilde.

—Mas o que foi? o que foi? perguntaram em

côro todas as mulheres, acompanhado do sussurro vago de curiosidade da multidão de beatas e de pobres, que enchem a sacristia, pondo-se nos bicos dos pés para vêr o que se passava...

—Foi este senhor que me chamou Moysés... disse por fim o conselheiro acabrunhado.

As meninas Torres tiveram um grito de horror, e as outras pessoas ficaram todas muito admiradas, sem poderem adivinhar o insulto.

—Mas, sr. conselheiro, observou o padre, Moysés foi um grande patriarcha...

—É verdade apoiou Justino, Moysés foi cardeal patriarcha...

—Deixal-o ser, replicou desdenhoso o conselheiro, eu não sou patriarcha.

—Mas o que vem a ser isso de Moysés? perguntou por fim o dr. Fromigal ás meninas Torres, sem ter percebido nada do que ouvira, eu não sei que insulto ha n'isso...

—É que ao papá, explicou Sabina olhando-o suavemente com os seus grandes olhos escuros, pozeram-lhe a alcunha de Moysés, por ter sido salvo das ondas, n'um banho na barca, quando era da marinha.

—Está bem. Bibina, isso não é para aqui... admoestou o conselheiro melindrado...

—Mas juro-lhe que foi um equivoco... observou Justino...

—Se o senhor não sabia o meu nome, porque não m'o perguntou...?

—Que quer... tive vergonha da minha ignorância... não saber o nome d'um homem tão celebre...

—Ora! disse modestamente o conselheiro já muito mais serenado... Em summa... visto ser por engano... não ter havido intenção offensiva... sou padrinho...

—Ah! disseram todos contentes...

—Com a condição de não se chamar Moysés...

—Isso é que não póde ser, observou o padre... está já o termo lavrado...

—Lavra-se outro, disse o conselheiro. Lá de Moysés não sou padrinho...

—Mas isso agora que tempo não leva... interrompeu Philippe.

—Oh! é impossível... disse o padre...

As meninas Torres supplicaram ao pae...

—Deixe-o ser Moysés...

O conselheiro estava inabalavel.

—Não, Moysés não!...

O pequeno farto de esperar chorava tanto na egreja, que já se ouvia na casa do despacho...

—Moysés! Moysés! supplicaram todos.

—Peça-lhe v. ex.^a, disse em voz baixa, Justino ao dr. Fromigal.

Fromigal aproximou-se solemne do conselheiro Torres.

—Sr. conselheiro, apesar de ser hoje a primeira vez que o vejo, tomo a liberdade de lhe fazer um pedido...

—Oh! sr. doutor...

—Seja padrinho de Moysés...

—Isso de fôrma alguma, tenho pena de lhe recusar a primeira coisa que me pede...

—Até é uma prova de espirito superior, insistiu Fromigal, fazer da sua alcunha o nome do seu afilhado.

—Exactamente, como Camões, observou sentencioso Filippe Martim.

—Como Camões? repetiu o conselheiro estupefacto.

—Sim: Camões era a alcunha que davam ao grande epico dos *Lusiadas* por elle ser cego d'um olho, e elle fez d'essa alcunha o nome immortal que hoje disfructa.

O conselheiro não teve que responder a este argumento e disse vencido:

—Pois seja... se Camões fez isso, eu serei tambem padrinho de Moysés.

Acabado o incidente, os padrinhos assignaram o termo, o prior vestiu a estola e foram todos para a igreja.

Cada vez porém que atravez do latim da igreja o conselheiro percebia—Moysés—franzia o sobre-olho...

Fromigal estava muito espantado de não vêr o Moysésinho ao collo de D. Palmira, e chegando-se ao ouvido de Filippe, que ficára ao seu lado perguntou-lhe.

—A parteira está incommodada?

Filippe não percebeu e replicou seccamente.

—Talvez. Esteve tanto tempo á espera!

Encaminhou-se tudo para a pia baptismal.

O conselheiro pegou no pequeno, o dr. Fromigal pôz-lhe por cima o escápulario da Senhora das Dôres, as meninas Torres não deixavam mexer o prior, com as suas cabeças meias debruçadas sobre a pia, e D. Josephina pediu ao sr. Philippe Martim:

—O sr. Martim faz-me um favor?

—Diga sr.^a D. Josephina...

—Pega no meu pequeno ao collo para elle vêr o baptismo do priminho...

E o Arnestosinho já arqueava os braços defronte de Martim á espera que lhe pegassem ao collo.

O Martim olhou muito espantado para D. Josephina, e para o tamanhão que tinha defronte de si, e disse-lhe muito grave:

—Pegue-lhe a senhora se tem forças para isso.

A cerimonia acabou-se, trocaram-se os parabens do estylo, os pobres rodeavam o conselheiro, que se tratou logo de safar para a carruagem, e a parteira approximando-se do dr. Fromigal disse-lhe muito risonha.

—Parabens, meu compadre.

O dr. Fromigal olhou-a muito espantado.

—O que? A senhora é que é a comadre?

—Sim senhor...

—Então aquella senhora? e apontou para D. Palmira, que saía da igreja pelo braço de Justino.

—É a avó do Moysésinho.

—A avó de Moysés? Oh! com a breca!

E correndo a D. Palmira disse-lhe desfazendo-se em desculpas.

—Minha senhora, eu peço perdão a v. ex.^a... ha pedaço dei-lhe uma coisa e tinha-me enganado... pensava que v. ex.^a era a partei...

E estacou reparando na sua inconveniencia.

D. Palmira fez-se vermelha como uma melancia bôa, e respondeu:

—Está bem, senhor, mas fique sabendo que ha enganos que podem custar caros.

E afastou-se com uns ares de rainha.

—Tem muita razão, resmungou Fromigal vendo-a metter no trem sem lhe restituir o dinheiro que lhe deu, este custou-me dez tostões.

—E a isto de 1777—

—A isto de 1777—

—E a isto de 1777—

—A isto de 1777—

—E a isto de 1777—

—A isto de 1777—

—E a isto de 1777—

—A isto de 1777—

—E a isto de 1777—

—A isto de 1777—

—E a isto de 1777—

—A isto de 1777—

—E a isto de 1777—

ANTES DO JANTAR

Eram tres horas quando chegaram a casa, vindos da solemnidade religiosa.

A Leonarda da Purificação, a comadre, estava sobre brasas. Ás duas e meia tinha que estar em casa do commendador Rocha, e já eram tres. Estava vendo que se zangavam com ella, e que perdia aquelle freguez. E que freguez! O commendador Rocha! Um homem que tinha pelo menos quatro filhos em tres annos! . . . Era quasi que um partido!

E desesperada, enchia o Justino de accusações. Era por causa d'elle aquillo tudo! Por causa do Moysés, que tinha havido aquella demora! E se ella perdesse aquella casa quem a indemnizava?

O Justino muito compromettido, muito magoado, respondia-lhe a tudo com este offerecimento delicado, instante:

—Suba, venha tomar um copo d'agua.

Mas a Leonarda não queria subir. A scena passava-se toda á porta da rua. As senhoras já tinham subido, a D. Palmira Martim pelo braço do conselheiro, a menina Sabina pelo braço do dr. Fromigal, a mana Carmo pelo braço do Arnestosinho, muito tolo, muito vaidoso, emproado, fazendo-se homem, todo córado, ruborizado, por sua mãe lhe ter dito: «Vae Arnestosinho, dá o braço á tua noiva!» O Justino ia para as seguir, mas a comadre tomára-lhe o passo, com a creança ao collo, e pespegára-lhe com toda a sua colera ao pé do primeiro degrau da escada.

Justino, levantando de momento a momento o pé para esse degrau, o que lhe dava o movimento d'um amolador de thesouras, não sabia dizer outra coisa senão:

—Ora vamos, suba venha beber um copo d'agua!

A Leonarda não queria copos d'agua; o que queria era ir-se embora.

—Mas ao menos leve lá acima o Moysésinho, e beba um copo d'agua.

—Não posso, não posso, não tenho tempo... Vou para o commendador... Leve o senhor o pequeno.

—Oh! comadre! exclamava o Justino, attonito, afflito, recebendo o pequeno nos braços, com o seu comprido vestido de baptisado, cheio de bordados e arrastando no chão.

—Não me posso demorar, não me posso demo-

rar, até outra vez, tenha paciencia, dizia ella, já um pouco mais macia, mas sem arredar pé.

—Então paciencia, eu cá levo o pequeno.

E muito desastrado, sem saber pegar na creança, levando-a como um embrulho, subiu o tal-degrau.

A comadre estava parada no mesmo sitio.

—O que estimo é que chegue lá a horas... disse affavel Justino, subindo a escada, tropeçando no vestido do Moysés...

—E então, não me diz mais nada, perguntou sorrindo, cá de baixo, a Leonarda.

Justino parou espantado.

—Mais nada o que?...

—Então não sabe que hoje foi o baptisado... não tem nada que me dizer?

—Ah! queira desculpar, disse Justino, fazendo-se muito vermelho, com esta atrapalhação toda tinha-me passado da idéa...

E dispunha-se a descer o lance mettendo a mão na algibeira.

—Não se incomode, que eu lá vou, respondeu sollicita a parteira subindo os degraus.

—Eu logo vi que se tinha esquecido... fallei-lhe n'isto... bem sabe... são os nossos emolumentos...

Justino deu-lhe um rabuçado que trazia já na algibeira, tendo por fóra escripto: «*Para a comadre 4\$500 réis*».

—Muito obrigada, agradeceu Leonarda... e desceu dois degraus concluindo:

—Estimo que seja muito feliz, e que Deus o veja crescer para bem.

Depois tornou a parar.

—É verdade, sr. Antunes, e o padrinho?

—Está lá em cima. Ora suba, venha tomar um copo d'água.

—Não posso... bem vê... O senhor não me podia dar, o que elle lá tem para mim... e depois receber d'elle...

—Que idéa! Então eu hei-de ir pedir ao sr. conselheiro que me dê a esportula da comadre... ora essa!...

—Olhe, sabe, sr. Justino, a gente não pode perder isto, são os nossos emolumentos... Eu vou n'um pulo ao baptisado do commendador Rocha, e depois venho por cá... Elle demora-se?...

—Demora... jantá cá...

—Magnifico... então se me dá licença, também venho cá comer-lhe as sopas.

—Pois não, com muito gosto, disse Justino muito friamente, subindo a escada carregado com o pequeno que começava a rabujar.

E a parteira muito lepida saltou para o seu trem, dizendo ao cocheiro:

—Para o largo do Corpo Santo, depressa!...

* * *

Quando Justino chegou lá acima ao quarto an-

dar suava em bica, e o pequeno Moysés ia já rouco de chorar.

A familia estava toda muito admirada da demora, o Philippe Martim perguntava a sua filha o que queria dizer aquillo: Angelica encolhia os hombros sem saber nada, a D. Josephina espreitava cá de cima, do patamar: as meninas Torres tinham ido a casa tirar os chapeus e darem uns toques á sua *toilette*, e o dr. Fromigal desfazia-se em amabilidades para com a D. Palmira Martim, para desmanchar o mau effeito do seu desastrado equivoco, para ver se lhe apanhava um sorriso, ou os dez tostões.

—Então o que é isso? você é que traz o pequeno? perguntou Philippe vendo entrar seu genro.

—A comadre teve alguma coisa? perguntou cuidadosa Angelica...

—Teve... teve... disse o Justino depondo o pequeno no collo ossudo de D. Josephina.

—Então o que teve, coitada? perguntaram todos anciosos...

—Foi alguma coisa que lhe deu de repente?...

—Não admira... andam por ahi tantas apoplexias...

—Talvez fosse fraqueza... disse o dr. Fromigal, sentindo o que dizia.

—Mas o que teve ella? perguntaram outra vez todos, assustados com a demora de Justino na resposta...

—Teve... teve... respondeu por fim Justino

muito preocupado com o peitilho da camisa todo amarrotado e humido... teve um baptisado.

A noticia fez completa desillusão na familia, que tinha já preparado o espirito para lamentar a desgraça da pobre Leonarda.

O conselheiro que fôra tambem a casa acompanhar suas filhas, entrava n'este momento á frente do seu bando.

—O que? foi-se embora a comadre?...

—Foi, respondeu Justino... foi a outro baptisado...

—Teem muito que fazer essas mulheres,... é uma vida que está sendo rendosa, disse o conselheiro allegrissimo, levando a mão á algibeira, onde tinha 2\$000 réis embrulhados n'um papel, e apertando-os entre os dedos com um grande jubilo sovina.

As meninas Torres irromperam na sala, alegres, tumultuosas.

A menina Sabina foi dar uns beijos muito amoveis no pequenino Moysés, que choramingava no collo de D. Josephina.

O dr. Fromigal foi logo fazer festas ao pequerucho, e recomeçou a sua conversação com Sabina.

Na sala houve um momento de silencio demorado.

Os estomagos esperavam alguma coisa.

Angelica perguntou languidamente ao conselheiro Torres, recostando-se na sua poltrona:

—Diz-me que horas são, compadre?

O conselheiro não percebeu que era comsigo, e ficou muito sério sem responder.

—Papá! gritou-lhe a mana Carmo, a mais velha, a sr.^a D. Angelica pergunta-lhe que horas são.

—Ah! perdão! minha senhora! faltam vinte e dois para as quatro.

—Parece-me que está atrasado, sr. conselheiro, observou logo o dr. Fromigal, consultando o seu relógio; faltam cinco.

—Perdão! o meu está certo, pelo balão, afirmou o conselheiro.

—Nada! disse Martin, são quatro menos um quarto... este está certo pelo relógio da Estrella.

—Então o relógio da Estrella anda mais certo que o balão do Arsenal? disse o conselheiro escandalizado. O balão do Arsenal é uma pendula...

—Pois o da Estrella não é menos pendula... sr. conselheiro, tornou formalizado, Philippe.

—Oh! filho, disse Angelica a seu marido, que entrava n'esse momento com uma camisa lavada, anda cá...

Justino foi ao pé de sua mulher e curvou-se, dizendo-lhe:

—O que queres tu, menina?

—Vae ver se o jantar está prompto... esta gente hade ter fome... e quanto mais se demorar... mais comem depois.

Justino, muito envergonhado com medo que as suas visitas ouvissem, foi d'ali direito á cosinha.

A Alexandrina, afogueada, com um lenço branco

atado na cabeça, como uma doente n'um hospital, andava d'um lado para o outro, azafamada, com maus modos, rogando pragas ás visitas, quebrando muita loiça com os seus arremessos.

—Então, ainda tem muita demora, Alexandrina? perguntou Justino a medo.

—Nada! já está prompto! disse Alexandrina com uma ironia muito mal-creada... Isto faz-se pelos ares!... Eu tenho cinco braços!...

—Está bom, mulher, não se zangue, se não está prompto, não se amofine, nós esperamos!...

—E se não quizerem esperar não esperem, vão comer ás suas casas!... Isto aqui não é hospedaria!...

Justino muito de mansinho saiu da cosinha para não irritar mais a sua criada.

—Fechem-me já essa porta, gritou Alexandrina furiosa, querem dar cabo de mim!... Estou aqui a suar em bica!... e abrem-me essa porta! Que corja!

Na sala ouviram-se os gritos de Alexandrina; e o Philippe Martim veio ao corredor ter com seu genro, que saía corrido da cosinha.

—Diga a essa mulher que se cale, é uma vergonha!...

—Diga-lh'o o senhor!... ella está que é uma bicha!... Vá lá se é capaz!...

—E ia, se o senhor não fosse um bolas, que deixa as criadas pôrem-lhe o pé no pescçoço. Isto, sabe que mais, até é immoral!

Na sala discutia-se ainda a certeza das horas, e Sabina mostrava ao dr. Fromigal o seu relógio de ouro, pequenino, muito bonito, mas que trabalhava mal, e andava sempre a parar.

O dr. Fromigal, muito amavel offereceu-se para lh'o mandar concertar a um relojoeiro seu conhecido, seu patricio, tambem de Leiria, e que trabalhava muito bem.

A menina Sabina ficou indecisa, mas seu pae, o conselheiro, que ouvira o offerecimento do dr. Fromigal, aconselhou logo a sua filha, que accettesse o offerecimento do sr. doutor, visto que s. ex.^a queria ter esse incommodo.

E ficou muito contente pensando lá de si para si que tinha sido muito amavel, para com um homem importante, e ao mesmo tempo tinha arranjado a maneira de concertar o relógio de sua filha sem gastar dinheiro.

E Sabina muito córada, desabotoou um botão do seu corpete para desprender o relógio, e deu-o ao doutor.

—A minha vontade agora era ficar com elle, disse a meia voz Fromigal, terno.

—Porque? não vale nada.

—Porque é seu! respondeu elle guardando o relógio na algibeira da casaca, que ficava sobre o coração.

O conselheiro ouviu em *zum-zum* a primeira phrase do dr. Fromigal; e assustado, tomado de repente por uma idéa negra, afastou-se pensativo em

procura de Justino, que vinha n'esse momento esfoqueteado lá de dentro pela cozinheira e pelo sógro.

—Venha cá, meu amigo, disse-lhe o conselheiro dando-lhe o braço.

—O que é, sr. conselheiro?

—Diga-me; conhece bem o dr. Fromigal?

—Ora essa! É meu chefe!

—Elle é capaz?...

—Capaz? como? perguntou o Justino.

E depois olhando para o seu chefe e vendo-o a conversar muito á mão com a filha do conselheiro, percebeu a pergunta e apressou-se a satisfazer a ella.

—Ah! é capacissimo, pode-se-lhe fiar abertamente a felicidade d'uma menina.

—Não é isso que eu pergunto, é se se lhe pode fiar um relógio de ouro?

O Justino olhou muito espantado, sem perceber.

N'isto o aguadeiro, o Gil, vestido de casaca, gravata branca e luvas de algodão, appareceu á porta da sala, com a sua cara accentuadamente gallega, a participar:

—Saibam vossas excellencias que o jantar está prantado na meza.

A alegria sorriu em todos os rostos; o Fromigal deu o braço á Sabina; o Justino á D. Carmo, o conselheiro á D. Angelica, e Philippe, que ia a offerecer o braço á menina Eduarda Torres, a mais bonita das Torres, foi agarrado por sua mulher, que lhe não dispensou o braço.

E foram todos para a meza.

A VITELLA DO BAPTISADO

A meza de jantar tinha um aspecto festivo, mas de festividade barata, louça da fabrica de Sacavem com cavalleiros azues a fazerem habilidades nos seus cavallos grandes ao pé de portas pequenãs, que parecem mais terem saído dos cavallos do que os cavallos d'ellas; copos de vidro ordinario com grinaldas de rosas e de amores-perfeitos muito mal gravadas, tendo no fundo em vez das scintillações das facetas de chrystal, o assombreado fosco, baço, do sarro do vidro mal-limpó e muito tempo guardado, talheres de cabo d'osso, gretado, cheio de malhas negras, guardanapos de barras escarlates dobrados desastradamente em cima dos pratos, com uma intenção de feitio elegante, escondendo meios quartos de pão de meio kilo, porque o padeiro faltára á ultima hora com os pãesinhos pequenos, no meio da meza jarrãs d'oratorio búrguez,

com ramos de flôres ordinarias, pedidos, aqui, e ali, a pessoas que tinham quintaes: entre as jarras, a espaço, uns copos de champagne, antigos, d'aquelles muito compridos e esguios, tendo em cima umas pequenas bandejas de metal branco amarellado pelos annos, carregadas de nozes meias abertas e amendoas descascadas, fingindo *porte-desserts*, aos cantos em symetria, umas garrafas antigas de grande bojo, com vinho muito escuro, termo tinto, e duas com vinho do Porto, com a sua côr d'oiro torrado, e por fim, formando em procissão pelo meio da meza acima, travessas com sopa doirada, arroz doce, leite crême, polvilhados de canella, em desenhos caprichosos, tendo a do meio, a travessa grande de leite crême feito pela D. Josephina, umas nuvens de clara d'ovo, e entre as nuvens a data celebre do baptisado de Moysés, e um M e um A, muito tremidos, escriptos a canella n'uma calligraphia muito redonda, muito cuidada pela mão burocrata do pae do neophyto, e que queriam dizer—MOYSÉS ANTUNES.

Quando todos se tinham já sentado á meza e desdobrado alegremente os guardanapos, com o estomago a palpitar de jubilo, o dr. Fromigal, a quem a delicadeza do dono da casa collocára á direita de Angelica e á esquerda da menina Carmo Torres, olhou para todos os convidados com uns olhos investigadores, sorriu resignado á menina Sabina, que ficára muito longe e disse, como quem faz uma grande descoberta:

—Esperem ahi... Somos treze!

De todos os lados se elevou um grito de susto e de protesto, e só o conselheiro sentado á direita de Justino, não fez caso do numero fátidico, e continuou muito serenamente a pôr o talher, o pão e os pratos em ordem de combate; murmurando risosno, e com o desdem d'um espirito superior:

—Isso são tolices, quando ha treze pessoas só para quem é mau é para o dono da casa, que ganhava mais em que fossem doze...

—Não, sr. conselheiro, observou D. Palmira, em casa da minha tia condessa de Mira-Além, em Leiria, jantámos uma vez treze pessoas, e d'ali a dois mezes morria o tio conde...

—É porque tinha que morrer, respondeu o conselheiro...

—D'ahi em diante, eu que não acreditava n'essas coisas que se dizem, fiquei com um enguiço, que prefiro não jantar, a jantar á meza de treze.

—Eu tambem não gosto, disse o dr. Fromigal, não acredito em crendiças... mas não gosto.

De todos os lados da meza surgiam opiniões e historias a proposito do numero treze.

Entretanto Angelica, que estava callada, ouvindo aquellas historias contava os convidados.

—Mas nós não somos treze, somos doze, disse ella por fim.

—Perdão, somos treze, insistiu o dr. Fromigal.

—Nada, doze.

E todos se pozeram a contar. Eram doze.

O Fromigal emendou logo com uma amabilidade.

—É verdade, somos doze, tinha contado duas vezes a sr.^{ta} D. Sabina.

Sabina fez-se vermelha e sorriu.

Gil esparava-lha muito tempo, com os pratos de sopa na mão, que acabasse o incidente.

—Serve a sopa, ordenou Justino.

E Gil começou a collocar os pratos de sopa diante dos convivas.

N'isto bäteram uma grande campainhada á porta.

—Quem será? perguntou D. Angelica.

—É mais algum massador, disse com a sua pronuncia gallega o Gil, servindo-lhe a sopa.

A campainha tornou a tocar.

—Bate com a cábexa, caramba, disse enfástiado o Gil.

Justino fez-se muito vermelho, e começou a fazer por traz do conselheiro eloquentes signaes com os olhos a Gil, para que se calasse.

—Vae lá abrir, disse Angelica, pode ser alguma visita.

—Mau, resmungou Gil, ou se hade servir á meza ou se hade ser guarda *portão*.

Os olhos de Justino revolviam-se na sua orbita.

—Eu lá vou, maina, offereceu amavel D. Josephina querendo pôr-se de pé.

Mas Philippe Martim, que estava ao seu lado,

puxou-lhe pelo vestido e deu-lhe uma pisadã, envergonhado do *fiasco* que a família estava fazendo diante do conselheiro.

—Para que me está o senhor a dar pisadellas, disse D. Josephina, entre colerica e risonha, se me quer dizer alguma coisa, diga, mas não me estrague os sapatos.

O Philippe muito córado pôz-se a comer a sopa.

Gil serviu o ultimo prato, atarantado, á pressa, á menina Eduarda, e entornou-lhe por decimã todo o caldo.

—Aii! gritou a Eduarda, com o seu vestido de seda azul clara todo cheio de macarrão.

—Estragaste o vestido? disse o conselheiro irritado, eu bem t'o dizia que o tirasses.

—Não é nada, não é nada, disse a menina Eduarda, limpando-se com o guardanapo.

—Isso tira-se com cal, aconselhou logo D. Josephina.

Filippe Martim poz-se logo em pé e correu para Eduarda, a sua predilecta, com um copo d'agua na mão, e dizendo.

—Lavando já não põe nodoa...

—Não sabia que eras benzina, disse-lhe D. Palmira, zelosa.

Entretanto o Gil, corrido, safára-se a pretexto de abrir a porta e a Leonarda da Purificação assomou á porta toda offegante de ter subido a escada a correr com medo de não chegar a tempo de jantar.

—Então, venho á horas, ou passo por debaixo da meza, disse ella, quasi sem poder fallar.

—A parteira! murmurou o conselheiro enfiado, á idéa de ter de lhe dar os dois mil réis.

—O que? vem jantar, comadré? disse-lhe Angelica enfasiada.

—O compadre não lhe tinha dito nada? perguntou Leonarda olhando para Justino.

—É verdade, disse Justino corrido.

—Aqui tem um logar, minha senhora, offereceu Fromigal pondo-se de pé, aproveitando o pretexto para se safar d'ali e ver se arranjava logar ao lado da Sabina.

—Agora é que somos treze, lembrou o conselheiro.

—É verdade! murmuraram todos atterrados.

—E eu com treze é que não jantô, declarou logo o conselheiro pondo-se de pé.

—Mas v. ex.^a ainda agora disse que não acreditava n'estas tolices, ponderou Justino.

—Não acreditava... mas depois do que disse a sr.^a D. Palmira...

—Tem muita razão, approvou Palmira Martin.

E o conselheiro procurava esse medo supersticioso, na esperança de encontrar qualquer meio de se safar á esportula da parteira.

—Ai! que reboição que eu venho cá fazer! disse muito descançadamente Leonarda, sentando-se no logar de Fromigal.

Não tem duvida, lembrou Angelica, o Ernesto vae jantar lá para dentro...

—É verdade! é verdade! approvaram varias vozes, emquanto o dr. Fromigal se encaixava ao pé da Sabina.

—Não quero ir lá para dentro! choramingou com muito má creação o Arnestosinho, não quero ir!...

—Então, menino! reprehendeu D. Palmira.

—Elle tem razão, coitadinho, defendeu logo embespinhada D. Josephina, elle não é criado de servir para jantar fóra da meza.

—Não vou! Não vou! chorou Arnestosinho.

E o conselheiro em pé, com o prato na mão, comendo a sua sopa, esperava a resolução do problema.

N'isto bateram outra vez á porta. O Gil, que andava agora arredio da casa de jantar onde o seu caldo entornado fizera grande balburdia, foi logo abrir.

Era um sujeito muito comprimenteiro, muito risonho, muito amavel, que vinha receber o premio do seguro.

O Gil não se atreveu a voltar á casa de jantar, estava amuado com o seu desastre da sopa e obrigou a cosinheira, a Alexandrina, que é uma fera para toda a gente e para o aguadeiro era uma pomba, a ir annunciar o recebedor do seguro ao patrão.

A Alexandrina, muito afogueada, de mangas

arregaçadas, muito gordurenta, constellada de nodos, chegou á porta, e gritou:

—Ó sr. Justino, esta lá fóra um sujeito que procura por vocemecê.

O Justino fez-se de côres, debaixo dos olhares irritados de seu sogro, de sua sogra, de sua mulher, e dos sorrisos disfarçados das meninas Torres e do dr. Fromigal, que fazia agora sucia com ellas.

Pôz-se em pé, e com o guardanapo preso entre o collarinho e o pescoço e a indignação nos labios veiu á cosinha e ralhou:

—Eu não quero que você vá n'esse estado á casa de jantar.

—Ora essa! n'este estado? Então o que tem o meu estado? Se eu em vez de estar aqui a fazer o jantar, a trabalhar como uma negra, o estivesse a comer, decerto estava mais limpa. Ora que toleimas! que feducias!...

—Mas o Gil está ahi para servir á meza; porque não foi elle annunciar...

—Elle não quer lá ir mais...

—Não quer lá ir... ora essa! porque?... Então quem ha de servir á meza?...

—Saiba vocemecê patron, disse o gallego, revirando nas mãos um guardanapo, que eu não sirvo, não estou acostumado a esta historia, e lá as meninas do sr. conselheiro, estão a fazer troça, e eu para troças não estou...

—Oh! homem! estás doido? disse o Justino já

muito manso. Então, aquillo succede a todos, entornar o caldo... Quem é que na sua vida nunca entornou o caldo... Não sejas tolo... Vae servir, anda, vae servir que não perdes nada com isso.

—Então vou, mas é por ser seu amigo... fique sabendo... é por o patron me pedir.

Mais contente, por ter resolvido a crise doméstica, Justino foi fallar ao homem que o procurava. Era um homem muito apresentavel, muito decente, com o seu fraque preto muito limpo, muito escovado. Era muito aceiado, em summa, o recebedor do seguro! Deu excellencia ao Justino, e antes de lhe pedir o dinheiro, pediu-lhe desculpa de o ter vindo incommodar ao jantar. Pelo cerebro de Justino passou uma idéa salvadora.

—E o senhor já jantou? perguntou elle ao recebedor.

—Ainda não, senhor, ainda tenho que ir primeiro á companhia.

—Pois meu caro amigo jante connosco.

—Ora essa! disse o homem muito penhorado, então hei de vir dar-lhe esse incommodo... sem o senhor me conhecer...

—Ora! conheço-o ha muito tempo de nome e tenho immenso prazer em estreitar relações com v. ex.^a

O homem estava deslumbrado.

—Ah! conhece-me já de nome... Então tem lido os meus versos...

—Sei-os de cór, affirmou heroico Justino. Então, está dito, janta connosco?

—Hoje não posso, que tenho de ir á companhia, mas agradeço-lhe immenso; outro dia será... depois d'ámanhã, por exemplo.

—Outro dia não, protestou aterrado Justino, ha de ser hoje...

—Bem... visto que tanto insta, respondeu o recebedor, acceito com muito gosto, e muito pehorado.. mas, se me dá licença, vou n'um pulo á companhia...

—Nada, nada, vamos já para a meza, disse Justino, e tirando-lhe o chapéu da mão, empurrando-o quasi á força pelo corredor fóra, apresentou com elle na casa de jantar.

Houve espanto geral; ninguem conhecia aquelle homem.

Justino quiz apresental-o.

—Meus senhores, sr. conselheiro, apresento-lhes o meu amigo, o sr...

E esbarrou. Como demonio se chamaria o homem?

Tossiu, para saltar a difficuldade, de apresentar o recebedor, que sorria muito compromettido á familia e aos convidados, e fez-lhe logar ao lado de D. Josephina.

A idéa de Justino foi comprehendida e louvada por toda a gente, menos pelo conselheiro, a quem a chegada do recebedor desmanchando o numero treze, desmanchava todas as esperanças de se ver livre da parteira.

—Gil, traz o jantar, ordenou Justino. E chamando-o disse-lhe ao ouvido:

—Pela ordem que está na papeleta, que eu dei á Alexandrina.

E todos silenciosos, menos o dr. Fromigal que cochichava com a menina Sabina esperavam a continuação do jantar.

Houve um grande momento de espera e de impaciencia. No fim de dois minutos appareceu o Gil á porta. Todos preparavam os pratos á espera do que vinha.

O Gil não trazia nada, e disse lá da porta:

—Ó patron! patron! perdeu-se a listra!

Justino fez-se de côres, o recebedor olhou muito espantado para o gallego, e o dr. Fromigal riu com a menina Torres.

—É o mesmo; traz o jantar, ordenou Justino, muito vermelho, fazendo signaes com os olhos.

—Xim xenhor! disse o gallego.

E d'ali a momentos appareceu com a travessa com o assado.

O Justino, quando viu a vitella assomar ao limiar da porta, fez um violento signal *que não* com a cabeça.

O Gil retirou a vitella. Seguiu-se uma longa pausa. E como não viesse mais nada, o Justino teve que chamar:

—Ó Gil! Gil! Traz o jantar.

A vitella tornou a apparecer á porta.

Justino, que d'esta vez não a esperava, só repa-

rou n'ella quando Gil a apresentava ao recebedor do seguro, que ficára ao pé da porta, e que já lhe tinha fincado o garfo para cortar.

Justino, então, olhou severamente para Gil, e repetiu-lhe o signal com a cabeça.

O gallego, atarantado, fugiu com a vitella, levando espetado o garfo do recebedor, attonito.

—O meu garfo! o meu garfo! murmurou elle, estupefacto.

Nova pausa no jantar.

—Gil! gritou pela terceira vez Justino apoplectico, no meio dos rumores iradões de seus sogros, e do sussurro de troça das meninas Torres.

O gallego tornou a apparecer com a vitella, com uma cara muito admirada.

Justino ia desmaiando, e sua sogra, erguendo-se furiosa, bramiu, com toda a nobre indignação que comportava uma Martim:

—Leve já d'aqui a vitella!

Gil, atarantado, voltou-se, e espespegou com a vitella e a travessa no meio do chão.

Houve muitas gargalhadas, e o dr. Fromigal disse em voz alta:

—Ainda bem! agora ficamos livres d'ella.

O recebedor olhava para aquillo tudo muito sério: e, enquanto o Gil ia buscar um panno da casa para apanhar o molho do assado, disse para Justino:

—Se v. ex.^a me dá licença, parece-me que tenho tempo de ir á companhia enquanto não vem outra coisa.

Justino pediu-lhe, com um olhar supplicante, que ficasse, que o jantar já se ia servir.

Effectivamente; d'ali a momentos Gil appareceu com um prato que começou a servir.

Justino estava mais descaçado. Já não podia ser a vitella. Mas, ao olhar para o prato, teve um gesto de terror. Era a salada.

As gargalhadas rebentaram de todos os lados.

—Um jantar de grillo, ouviu-se o dr. Fromigal dizer a Sabina.

Justino deitou-lhe um olhar envergonhado, e disse vexado ao Gil:

—Não é isso, homem, isso é mais tarde. A Alexandrina que te dê outra coisa.

O Gil já muito aborrecido, muito seccado retirou com a salada, e appareceu logo com outra coisa.

Era uma lampreia d'ovos, que a D. Josephina comprára para o Arnestinho offerecer ao seu primo Moysés, e que reservára para a sobremeza como surpresa.

D'esta vez foi D. Josephina que aterrada abanou a cabeça ao gallego.

Gil então, fóra de si, esgotando-se-lhe a paciencia, declarou terminantemente:

—O que? tambem não lhes serve isto? Então, com licença, sirva á meza quem quizer, que eu não estou para estas massadas.

O escandalo rebentou medonho, Philippe, Palmira, Justino e Angelica pozeram-se em pé. As

visitas olhavam-se espantadas. D. Josephina dizia a seu irmão:

—Então, mano, não se deite a perder.

D. Palmira berrava fula.

—Ponha fóra esse gallego...

Filippe gritava:

—Nunca se viu isso na familia dos Martin.

E o conselheiro muito conciliador, aconselhava:

—Então, nada de questões, não faça caso do homem, coitado... Vamos jantar, que isto assim faz mal ao estomago.

—Eu é que não sirvo mais, dizia entretanto Gil.

E pondo-se em mangas de camisa, atirou a casaca para o chão.

—Ahi tem a casaca, quem quizer que sirva...

Filippe quiz-se atirar a elle; segurou-o o recebedor, murmurando:

—Eu bem dizia que tinha tempo de ir á companhia.

Angelica como prudente dona de casa, gritava no corredor:

—Ó ama! O Moysés dorme?

—Sim, minha senhora... respondia a voz aflautada da ama.

—Então, venha você servir á meza...

—Eu! oh! minha senhora... eu não fui justa para isso...

Mas D. Angelica convenceu-a com cinco tostões, e enquanto o gallego saía furioso atirando com as

portas, e a Alexandrina fula na cosinha atirava com os tachos por terem despedido o Gil, a familia sentava-se á meza cheia de esperanças de por fim jantar.

A ama começou a servir á meza, com a sua touca de rendas e o seu avental branco.

E fez a sua primeira entrada na casa de jantar, com um prato que começou a servir. Mas, oh! fatalidade! esse prato trazia... a vitella. Era a implacavel vitella, mas d'esta vez sem molho, porque o Gil o apanhára no panno da casa!

...Alexandria...
 com os tachos por terem despedido o Uli, e ta-
 milha sentava-se à mesa cheia de esperanças de
 por fim jantar.

A sua comição a servir a mesa, com a sua
 cones de rondas e o seu eventual banco.

Foi a sua primeira entrada na casa de jantar,
 com um prato que comecou a servir. Mas em in-
 stituido, esse prato-taxia... a vitella, fôra a in-
 dicavel vitella, mas h'era um certo macho, porque
 o Uli o apontava no banco da mesa.

O FIM DO JANTAR

O jantar do baptisado estava enguiaçado com o demonio da vitella.

O sr. Antunes estava apopletico. Por fim enfiou, fez-se muito pallido e começou a desmaiar, a desmaiar.

Sua sogra, a sr.^a D.^a Palmira é que tomou uma resolução energica: Levantou-se n'um impeto, chamou lá dentro a ama, tirou-lhe da mão o prato da vitella e fechou-o á chave no quarto de sua filha. E depois, disse-lhe com a consciencia livre da vitella:

—Agora vá servir a meza.

Entretanto a D. Angelica, muito vermellia pedia desculpa aos seus convidados, que respondiam em sussurro.

—Ora essa! Então, por quem é! Nós não somos de ceremonias.

E o recebedor dos seguros dizia tambem:

—Essa é boa, nós não somos de ceremonias.

E para si, pensava muito admirado:

—Para que demonio me convidaria esta gente?... Seria sómente para eu ver a vitella?...

O jantar por tanto tempo descarrillado entrou por fim nos seus *rails*.

A ama trouxe um prato cheio de croquettes.

A fome era devoradora. Os croquettes desapareceram n'um abrir e fechar de boccas.

Só o recebedor dos seguros, á sua parte, comeu seis.

—Estão deliciosos estes croquettes, disse por fim o recebedor, com a bocca cheia, interrompendo o silencio profundo, que se fizera em toda a meza.

—São magnificos, approvou o conselheiro.

—Quer mais, compadre? sem cerimonia offereceu o Justino, a quem os elogios feitos á sua cozinha davam uma alma nova.

—Venham lá mais dois, disse o conselheiro Torres, estendendo o garfo...

—Eu tambem como mais um, disse o recebedor, visto que ninguem lhe offerecia...

—Veja lá não lhe faça mal, já tem comido tantos! gritou o Arnestosinho, isto é muito indigesto.

O recebedor fez-se muito vermelho, e embatucou enquanto D. Josephina ralhava:

—Então, menino, cale a bocca, não se faça tolo... Não faça caso do que elle diz... meu caro senhor...

—Essa é boa, minha senhora, disse o recebedor muito compromettido.

—Então a mamã é que estava a dizer ao sr. Philippe «olhe aquelle bruto, comeu seis croquettes» e agora diz que eu é que sou tolo.

Mas de repente interrompeu n'um berreiro muito dorido.

—Ai! Ai! Ai!

Era sua mãe que lhe tinha dado um beliscão na perna, que o tinha feito vêr as estrellas.

O recebedor, para disfarçar o seu compromettimento, despejava no prato o resto da travessa dos croquettes, ao mesmo tempo que a menina Sabina Torres dizia lá do outro lado da meza.

—Ó sr. Antunes, tem a bondade, passa-me croquettes para o sr. dr. Fromigal...

O Justino muito amavel, muito prasenteiro respondeu:

—Pois não, minha senhora...

E estendia a mão ao prato dos croquettes.

Mas o prato estava despejado...

—Já vem mais... já vem mais... affirmou Justino olhando para o dr. Fromigal, e dizendo logo á ama:

—Ó ama, traga mais croquettes...

—Sem incommodo, sem incommodo, respondeu o dr. Fromigal...

—Essa é boa, tornou Justino, ha lá dentro muitos...

A ama não appareceu mais, nem os croquettes...

—Então, ama, os croquettes... gritou Justino.

A ama appareceu enfiada...

—Diga á Alexandrina que mande mais croquettes, ordenou-lhe Justino.

A ama retirou-se e esteve outra vez um longo momento sem apparecer.

O dr. Fromigal disse á menina Sabina:

—Bom... agora os croquettes vem interromper outra vez o jantar...

—Não saímos d'aqui senão lá para as dez horas da noite... se sairmos...

—Lamenta-o? perguntou Fromigal olhando-a ternamente.

—Bem sabe que não, respondeu Sabina, pondo os olhos no prato e fazendo-se vermelha.

—Então esses croquettes... gritou Justino já irritado.

A figura colerica, raivosa de Alexandrina appareceu á porta da casa de jantar.

—O que está o senhor ali a berrar por coquettes... disse ella desabrida, muito malcriada, eu não me posso fazer em coquettes... com meio arrate de carne não se pode fazer mais... não quer gastar dinheiro, é quer dar jantares!... eu cá milagres não sei fazer... Ora esta!

Alexandrina, disse, e retirou-se, contente, satisfeita, como quem se vê livre d'um enorme fardo, e na casa de jantar não se ouvia senão os risinhos abafados das meninas Torres e a respiração offe-

gante de Justino e da familia; que parecia que estava tomando um *duche*.

O recebedor, tomado d'uma dedicação heroica, poz-se de pé, e atravessando a casa, foi-se ao pé do dr. Fromigal, com um croquette espetado n'um garfo:

—V. ex.^a tem a bondade de se servir, disse elle, dedicado como um antigo romano legendario.

—Pelo amor de Deus, exclamou o Fromigal, muito espantado, de fórma alguma.

—Não senhor, não senhor, tem a bondade, eu estou repleto...

—Nada, ora essa...

—É uma desfeita... Ora coma...

Muito instado e muito vermelho, o dr. Fromigal comeu o croquette, debaixo dos olhares admirados do conselheiro Torres.

E o jantar seguiu, e nunca mais ninguém se atreveu a repetir nenhuma entrada.

Começou-se a sobremeza: a D. Josephina, muito contente, com a alegria de quem vaê fazer uma surpresa depois de ter visto desaparecer todo o leite, creme, todo o arroz doce, e toda a sopa doirada... levantou-se muito lepida e foi lá dentro, ao quarto de sua cunhada buscar a lampreia imprevista, com que ella resolvera brindar o neophyto na pessoa do seu mano Justino.

E foi, e quando todos já esgotados os doces se atiravam ás fructas com um appetite de quem come o jantar, a D. Josephina appareceu a correr:

—Esperem ahi! esperem ahi! Ainda está aqui isto, que eu offereço ao meu mano em acção de graças por seu filho ter sido hoje feito christão.

E apresentou no meio da meza, ante o espanto geral, a terrivel peça de vitella assada.

*

* *

Era de mais. D. Palmira, que a fechára á chave no quarto de sua filha, olhava irada para D. Josephina, que a olhava tambem colerica por ella ter ido pôr, sem lhe dizer nada, a vitella ao pé da sua lampreia, occasionando assim aquelle ridiculo equivoco.

Quem se não desnor-teou foi o recebedor. Como não podia entrar á sua vontade pelas comidas por causa do demonio do Arnestosinho, desferrára-se nas bebidas e estava já um pouco... entrado.

Emquanto a vitellã fazia desabrochar gargalhadas nos labios das meninas Torres e caretas nos de Justino e sua mulher, e seu sogro, o recebedor puxava-a para diante de si, dizendo com muito bom humor, desembaraçado:

—Nada... está provado que o unico meio de acabar com ella é comel-a. Vamos a isto.

E poz-se a comer vitella como quem estava atacado de fome canina.

Justino deitou-lhe um olhar irado—já se habituára a contar com aquella vitella para o jantar

do dia seguinte — enquanto o conselheiro, que depois da historia dos croquettes tinha feito sua cerimonia, approvava rindo a resolução do recebedor e se atirava tambem ao assado.

E o dr. Fromigal seguiu o conselheiro, e as meninas Torres seguiram o Fromigal, e a vitella desapareceu n'um momento, apesar de ter vindo já depois dos doces e no meio das fructas.

A parteira, a sr.^a Leonarda da Purificação, cuja voz não se tinha ouvido ainda durante o jantar, porque tinha sempre a bocca tão cheia que não havia logar por onde saíssem as palavras, disse por fim...

—Vamos lá a provar a vitella... Não sei de que isto é... hoje tenho comido com mais algum appetite... Tenho estado com um fastio, que a comadre não faz idéa!

Mas fallou tarde, porque da vitella havia apenas o necessario precisamente para o provar.

—Ó Anna, sirva o vinho do Porto ordenou D. Angelica.

O Justino não gostou muito da lembrança de sua mulher, estava com algumas esperanças já, que o vinho do Porto tivesse esquecido.

—Estava á espera d'elle, disse o conselheiro, estendendo o copo á garrafa que a ama inclinava, para fazer uma saude ao meu afilhado.

—Eu tambem quero fazer uma saude, gritou o recebedor dos seguros.

—Primeiro, tem a palavra o sr. conselheiro,

disse Justino, olhando reprehensivo para o recebedor, e tomando o tom enfastiado d'um presidente de monte-pio.

O conselheiro fez uma mesura de agradecimento, pondo-se em pé, e de copo em punho começou, no meio do silencio geral, só interrompido pelos dentes do recebedor tasquinhando nozes e passas:

—Meus senhores, convidado pelo meu visinho e amigo o sr. Justino Antunes, a servir d'égide, na pia baptismal, ao pequêno ser, que ha dias abriu os olhos á luz do sol, prestei, cheio de jubilo, o meu concurso para que hoje, a agua de S. João Baptista, lhe abrisse os olhos á luz não menos clara, do preclaro sol da religião.

—Muito bem! muito bem! approvou Justino maravilhado.

—É muito bem fallante, disse D. Josephina ao recebedor, que meneou a cabeça com uns Huns! Huns! de descontentamento, que fizeram empalidecer Justino e córar o conselheiro.

Retomando porém o fio do seu discurso, depois de curta pausa, o sr. Torres continuou:

—Meus senhores. Eu, conselheiro, eu, collocado no vertice do organismo social, entendi que não me assistia o direito de recusar o meu concurso n'este acto solemne, a um homem, que, meu inferior na hierarchia burocratica, é todavia um homem digno de respeito, pelas suas virtudes civicas, e a quem eu aperto a mão.

E apertou-lhe a mão, que Justino tentou retirar commovido e cheio de reconhecimento.

Mas o conselheiro conservava a mão d'elle, nas suas, para concluir o seu improviso.

—É pois á saude d'esta mão honesta, impolluta, d'esta mão nobre que sabe manter com dignidade a penna illustre de segundo official, que eu bebo n'este fraternal convivio, que nos reunio em torno d'esta meza. Disse.

Todos approvaram muito o discurso, e o recebedor, despejando o terceiro copo do Porto, gritou como um posseso:

—Á saude da nobre mão do sr. Antunes.

Ao mesmo tempo levantaram-se de copo em punho, o recebedor, o dr. Fromigal e o Filippe Martim, e começaram todos tres...

—Meus senhores...

E olhando uns para os outros calaram-se e tornaram a sentar-se.

—Nada, primeiro v. ex.^a, disse o Filippe.

—Não senhor, v. ex.^a, tornou o Fromigal.

—V. ex.^a... v. ex.^a... disse o recebedor.

O dr. Fromigal levantou-se de novo, disse simplesmente tres ou quatro phrases banaes, com grande entono e brindou á sr.^a Angelica Antunes, para que visse repetir-se muitos dias d'aquelles, phrase que fez corar Angelica, e que teve toda a approvação da D. Leonarda da Purificação.

O Filippe Martim ergueu-se muito rapido, antes que o recebedor se levantasse.

—Senhores, disse elle cofiando as suas barbas, eu nasci no dia vinte e sete de dezembro de 1825... Meus paes eram de nobre stirpe... como o diz o meu appellido... o unico no seu genero que ha em Portugal... Martim... Martim sem S... é este o segredo da minha nobreza.

O dr. Fromigal olhava para elle estupefacto.

—Aos dois annos, continuou Filippe, fiquei sem mãe... Aos cinco entrei no collegio do Sicouto, onde recebi a mais aprimorada educação, que nunca jámais um pae deu ao seu filho querido... Aos onze annos já lia por cima e escrevia correntemente, com o applauso de todos os meus professores... Aos doze annos...

—Então elle vae-nos contar toda a sua vida? perguntou aterrado o dr. Fromigal á menina Sabina.

—Aos doze annos... continuava o implacavel Filippe, sempre no mesmo metal de voz, ferindo sempre a mesma nota, ... aos doze annos comecei a entrar com a grammatica... e os verbos foram a minha gloria... Aos quinze annos...

—Perdão, quantos annos tem v. ex.^a? perguntou muito delicado o recebedor de seguros.

—Cincoenta e cinco, respondeu admirado Filippe.

E continuou logo:

—Aos quinze annos...

—Ah! então com licença... tornou muito amavel o recebedor, vou ali á companhia e já venho... Ainda faltam quarenta annos...

Na meza houve uma grande gargalhada...

Filippe enfiou e respondeu muito branco:

—Eu não admitto que me faltem ao respeito...

—Então, meu sogro, supplicou Justino.

—Então, Philippe, disse sua mulher.

—Então, papá, implorou Angelica.

—Então! então! aplacaram todas as vozes.

—Perdão... perdão... eu não lhe quero faltar ao respeito... mas também não quero faltar á companhia...

—Não admitto, repito, tornou Martim irado... E se o senhor pensa que por eu ter as barbas brancas...

—Eu não penso nada... dasculpou-se o recebedor.

—Elle não pensa nada... disseram todòs em côro.

—Não digo mais nada, concluiu por fim Martim, sentando-se.

—Diga, diga, murmurou por delicadeza a familia.

—Em fim... Aos quinze annos continuou, sem que fosse preciso instar muito, Philippe... Aos quinze annos...

Mas n'isto ouviu-se um grande choro berrado no corredor, acompanhado de um soluçar de trovão.

—O que é isto?... perguntaram todos aterrados.

—Não é ninguem, an! an! sou eu... an! an!...

que venho... an! an!... pedir perdão, an! an!...
ao patrão! an! an!...

Era o Gil, que debulhado em lagrimas se arrastava em mangas de camisa pela casa, e se agarrava ás pernas de Justino:

—Perdõe... sr. Justino, aconselhou o conselheiro, o perdoar é digno das almas grandes.

O Justino perdôou e abraçou o gallego...

Entretanto, todos se tinham levantado e Filippe continuava:

—Aos quinze annos!...

Mas á formiga, tinham saído todos da sala, o recebedor fôra á companhia, o Martim achou-se sósinho, defronte do gallego, que muito choroso e admirado o ouvia declamar:

—Aos quinze annos!...

A SOIRÉE DO BAPTISADO

O sr. Justino Antunes estava furo.

O jantar deitára até luzes accesas, as visitas não tratavam de ir para as suas casas, e estavam todas com feitio de quem se dispunha a passar a noite.

Era o deñmonio aquillo! Com esta é que o Antunes não tinha contado.

Ainda por cima do jantar, um chá, e chá de cerimonia, chá grande, porque tinha ali para beber-o o chefe da sua repartição, e o conselheiro Torres, um homem respeitavel, uma notabilidade.

Seu sogro estava d'um máu humor irritante desde que o gallego, o Gil, lhe interrompera o seu brinde da sobre-meza.

E apesar d'isso não arredava pé; raivoso, coletrico, tratando todos mal, repoltreára-se n'uma ca-

deira com todos os ares de quem está disposto a não sair d'ali tão cedo.

Sua sogra, chamára-o de parte, dera-lhe com toda a caricia maternal uma formidavel descompostura insultante pelas irregularidades burlescas com que correra o jantar, e terminára dizendo-lhe:

—Agora ao menos veja se se desforra na ceia... veja se apresenta uma coisa que se possa vêr.

—Ceia! repetiu Justino com uns olhos muito espantados... Chá, é o que a senhora quer dizer...

—Qual chá, homem? o senhor está doido, isso é d'uma pelintrice indecente. Não faça isso, pelo amor de Deus. Dar só agua chilra a essa gente? Crédo, é para nos cair a cara de vergonha... é o remate da festa...

—Mas então o que quer a mamã que eu faça? perguntou Justino submisso e assustado.

Angelica, que deixára um momento as meninas Torres entregues á mana Josephina e ao dr. Fro-migal, viera ao corredor agrupar-se a sua mãe e a seu marido.

—O que vem a ser isto? perguntou ella inter-vindo.

—É teu marido, que queria dar a esta gente só chá...

—E bolos, e bolos, acrescentou elle, logo doi-rando o quadro...

—E então... disse Angelica sem perceber a indignação de sua mãe...

—Então, tu queres dar só chá e bolos a essa

gente toda... n'um dia de baptisado... tudo gente de representação...

—Mas... observaram a medo marido e mulher.

—Não ha mas nem meio mas... não tem remedio senão dar-lhe uma ceia volante...

—Uma ceia volante? gritou Justino assombrado...

—Sim, uma ceia qualquer, uns croquettes, fiambres, sandwichts, bananas, queijo, vinho, pasteis.

—Mas, onde vae isso dar comsigo?

O vulto enorme e grave do conselheiro Torres appareceu á porta do corredor.

—Ó sr. Justino... sr. Justino... gritou o conselheiro.

—Meu nobre comrade... acudiu logo solícito Justino...

—Lá dentro as senhoras reclamam divertimentos...

—Ah! pois não, eu já lá vou...

E comsigo resmungava:

—Divertimentos!... Divertido estou eu!...

E voltando para ao pé de sua sogra e sua mulher, que se alargavam no *menu* da ceia, Justino cheio de repente d'uma grande impiedade moderna, attribuindo á Santa Madre Igreja a falta dos croquettes ao jantar, o caso da vitella, o arrependimento do aguadeiro e por ultimo a ceia volante, resmungava atheu...

—Deixem-me ter outro filho, que eu lhes direi... Baptiso-o civilmente.

—Crédo! não digas heresias! reprehendeu sua mulher.

—Não diga asneiras! censurou mais severamente sua sogra... E vá tratar da ceia...

—Mas onde hei de eu ir agora arranjar tudo isso... é impossível... Parecia-me que, com uns bolos finos, e uns pães de ló do Cócó... olhe que são muito bons os pães de ló do Cócó... repetia elle cheio d'uma nobre convicção regeneradora, se fazia uma festasinha muito decente.

—Nada, nada, isso tudo é preciso, mas para depois da ceia.

—O que? ceia e chá? Nada! lá as duas coisas é que não póde ser.

—Então filho, suavizou docemente sua mulher, isto tambem é uma vez... nós não estamos todos os dias a ter Moysés...

—E deixem-se ficar por ahí... Tenham juizo, aconselhou como boa mãe prudente a D. Palmira Martin.

Justino fez-se córado e desviando o assumpto, perguntou já docil.

—Mas onde arranjarei eu agora a ceia... Talvez no Penin? hein... lá come-se bem...

—Nada... vá ao Baltresqui, á rua dos Capellistas... em qualquer d'aquelles confeiteiros arranja ainda alguma coisa.

—Vae depressa, vae acrescentou sua mulher.

—Então vão lá para a sala divertir as visitas... que eu vou tratar da ceia.

—Olhe, criados, não é preciso trazer, gritou-lhe do patamar, já muito amigavel, muito boa conselheira, sua sogra; o meu criado, o Manuel, vem logo buscar-me, e póde servir... está ás suas ordens...

Justino murmurou um muito obrigado e correu pelas escadas dando ao diabo a sua sogra, a idéa que tivera de se casar, o Moysés e até o proprio conselheiro Torres.

E foi á rua dos Capellistas.

*

* *

Na sala havia grande reboliço. As meninas Torres queriam jogar jogos de prendas.

O Filippe Martim, pensando nos abraços que costumam fingir castigo n'estes jogos viera logo, aproximando-se muito sorrateiro para a roda das meninas; um olhar severo de sua mulher, que entrava n'esse momento na sala pregou-o no chão quando elle puchava uma cadeira para se sentar.

—O senhor vae jogar a manilha comnosco, ordenou-lhe D. Palmira com a voz a trovejar ciume.

—A manilha, sim, minha filhinha... o que quizeres respondeu elle logo manso como um cordeiro.

—Nós ambos... o sr. conselheiro, e o sr. dr. Fromigal, estatuiu D. Palmira.

O Fromigal embatueou. A menina Sabina fez-lhe signal com os olhos, que se desculpassem, que

não fosse, e então o chefe de Justino balbuciou, desculpando-se:

—Eu tenho muita vontade... mas jogos de vasa só sei o loto.

—Então vem a D. Josephina fazer uma perninha.

—Só se fôr a padre nossos. . . que eu a dinheiro não jogo, observou D. Joséphina. Sigo os exemplos do meu Segismundo, que Deus tem.

—A padre nossos é uma semsaboria, protestou de mau humor o Philippe.

O conselheiro era da opinião prudente de D. Josephina; mas a D. Palmira também não jogava senão a dinheiro, para isso é que ella se tinha feito forte na manilha.

—Mas espera, lembrou o Philippe, o Justino, o Justino que venha jogar.

—Elle agora não póde vir. . . desculpou D. Palmira, fazendo signaes com os olhos a seu marido.

—Porque? está incommodado? perguntou cuidadoso o conselheiro.

—Elle sairia? com visitas em casa? gritou, já irado pela desconsideração Philippe.

—Nada, nada, elle não tarda ahi, respondeu D. Palmira.

E beliscando seu marido nas pernas, dizia-lhe ao ouvido:

—Pareces tolo! Foi arranjar a ceia!

—Ah! exclamou o sogro alegrando-se á idéa da ceia, e dizendo logo ao conselheiro:

—Elle já ahi vem, coitado! vamos jogando a *trempe* para entreter.

Angelica preparou as cartas, a meza, os tentos, os castiçaes, os tres parceiros abancaram, enquanto as meninas faziam roda, com o dr. Fromigal, muito risonhamente mulherengo, anichando-se entre as saias, discutindo muito interessado os jogos de prendas.

Depois de muitas hesitações, preplexidades entre o *padre cura*, propostos por D. Josephina com o jogo em que nunca pagava prenda o seu Segismundo—um homem tambem muito forte em jogos de prendas—os *disparates*, propostos pela menina Carmo Torres, a mana de mais juizo, e o da cabra cega, gritando com grande algazarra pelo Arnestosinho, que estava doido de contente; a assembléa, levada pelo verbo eloquente do dr. Fromigal, decidiu-se pelo jogo do anel, a predilecção da menina Sabina, manifestada em voz baixa, timidamente, quasi em confidencia.

Começou-se, pois, a jogar o anel, começando o dr. Fromigal, por correr o circulo de mãos postas, como um celebrante de missa, fingindo que deixava em todas as mãos o anel, que fôra fornecido pela menina Sabina.

Quando chegaram ás mãos d'esta, as mãos do dr. Fromigal demoraram-se muito tempo, com uma insistencia voluptuosa.

Depois o doutor sentou-se.

—Quem tem o anel?

Todos responderam que era a Sabina, e houve muitas gargalhadas, muita galhofa, quando a menina Sabina, muito vermelha, abriu as suas mãos, que não tinham nada dentro, e o anel appareceu na D. Josephina.

E o jogo continuou, muito alegre, muito divertido.

D'ali a momentos entrou esbaforido, a suar em bica, o Justino: e quando se propunha a descansar, ao lado de sua mulher, a quem contava, em voz baixa, offegante pela commoção do quarto andar e das tres libras dadas à *la Violette*, o seu sogro obrigou-o a ir ser seu parceiro á manilha, a ir fazer a tal perninha.

A noite ia passando-se alegremente: as scenas do jantar estavam quasi esquecidas. Às nove e meia sentiu-se uma forte campainhada á porta, e d'ali a pedaço a Alexandrina, chegando á porta da sala, já muito arrebicada, com o seu oiro de gala nãs orelhas e no pescoço, gritou para dentro:

—Ó senhora, faz favor de cá chegar.

A Angelica, que estava na berlinda, pediu licença, interrompeu-se o jogo, e foi lá dentro; enquanto que, graças á interrupção, a menina Sabina, que andava colhendo «os motivos porque estava aquella senhora na berlinda» cochichava em segredo com o dr. Fromigal a pretexto de acharem um bom motivo.

A campainhada era a ceia. E bem boa que ella vinha! croquettes pequenos, espetados em palitos,

fritos d'ostras, sandiwichs de vitella e fiambre com nodoas amarellas da mostarda alastrada, tudo bem collocado em pratos brancos com orlas doiradas, uma ceia que fôra encommendada por um brasileiro gordo e sanguineo, que casára n'esse dia, mas que ás 7 horas da tarde fôra fulminado por uma apoplexia, não podendo assim utilizar-se da ceia nem da noiva.

D. Angelica ficou deslumbrada com o aspecto da ceia e mandou chamar sua mãe.

—Ó sr.^a D. Palmira, faz favor de vir cá dentro, que a menina chama-a.

Palmira, mandou chamar D. Josephina, D. Josephina mandou chamar Justino, Justino mandou chamar Philippe e dentro em pouco as visitas achavam-se sós na sala, e o conselheiro muito espantado via-se sósinho na meza do jogo com o baralho defronte de si.

O Arnestosinho, ancioso por saber o que vinha a ser aquelle conselho de familia safou-se sorrateiramente lá para dentro, e pé ante pé, chegou á casa de jantar onde a familia se extasiava tanto diante dos croquettes, que nem por elle deu. O pequeno metteu-se por entre as saias da mãe e da tia, lançou as mãos ao prato, e a um grito terrivel e irado de sua tia, fugiu para a sala, espavorido, com dois croquettes na bocca e quatro sandwicks na mão.

Na sala, quando viram apparecer o pequeno todo enlusbado, gordurento, houve muitas gargalhadas

de troça, e um grande terror das nodóas. D'ali a pedaço envergonhada, a familia voltou para as visitas, e a manilha e as prendas continuaram.

— Ás 10 horas sentiu-se nova campainhada violenta á porta.

— Quem será? interrogáram todos curiosos. A porta abriu-se, e entrou pela sala dentro uma senhora, magra, trigueira, decotada e de manga curta, com uma *toilette* muito estapafurdia, toda feita de trapicalhos, uns grandes brilhantes falsos nas orelhas, e muitas camelias na cabeça, que tinha o aspecto de cesto da *montre* do Neves do Rocio.

As senhoras pozeram-se em pé, intrigadas, sem conhecerem quem entrava, e a dona da casa dispunha-se já, muito espantada, a dizer áquella senhora, que decerto se tinha equivocado na porta, quando atraz da desconhecida viu apparecer o recebedor de seguros, que jantára á sua meza para desmanchar o numero dos treze.

O recebedor entrou muito alegre, já com muita intimidade amigavel, apresentando:

— Minha senhora, apresento a v. ex.^a minha mulher, que eu tomei a liberdade de ir buscar a casa, para felicitar v. ex.^a pelo baptisado de seu menino.

Angelica, muito vermelha apertava a mão que lhe estendia a mulher do recebedor. Depois seguiu-se a apresentação a Justino, assombrado da petulancia do seu decimo quarto conviva, e Del-

phina, a Titina, como lhe chamava o recebedor, sentou-se logo entre as meninas, muito meiga, muito amavel, dando beijos a todas, muito desembaraçada, mettendo-se no coração e na intimidade, e desenvolvendo um grande talento de *soirées* particulares na invenção dos castigos para as prendas.

O recebedor não gostava d'aquillo e não fallava senão em musicas.

É muito bonito ouvir tocar piano... e sua mulher tocava muito bem... sobre tudo musica classica... e elle tambem arranhava alguma coisa... mas não se podia comparar a sua mulher... que era uma professora... E como apesar d'isso ninguem lhe pedisse para tocar, elle, aproveitando um momento de descanço no jogo de prendas disse logo a sua mulher:

—Ó Titina, vae tocar alguma coisa para estas senhoras ouvirem...

—É verdade... é verdade... disseram todos por delicadeza.

—Ah! eu não sei nada de cór... senão com muito gosto...

O recebedor foi ter com Angelica e disse-lhe ao ouvido, como quem dava uma grande novidade boa:

—Eu trouxe-lhe as musicas ás escondidas...

E n'uma corrida foi lá dentro e voltou com um enorme masso de peças.

—O que, tu trouxeste ás musicas, meu bicho, disse-lhe ternamente Titina, que era assim que chamava sempre a seu marido.

E sentando-se ao piano tocou muito mal, enganando-se a cada nota, voltando atraz de compasso a compasso, uma walsa de Chopin.

Quando acabou, as meninas Torres, perdidas de riso com o dr. Fromigal, deram muitas palmas.

O *meu bicho* que voltava a folha disse a sua mulher:

—Olha, Titina, agradou muito, senão te cança torna a repetir. É uma lindeza esta composição.

E no meio do terror dos ouvintes a Titina repetiu a walsa ainda peor que da primeira vez.

E depois da walsa, tocou um enorme concerto de Beethoven, e a polaca de Chopin, e uma sonata de Schubert, tudo muito mal, sem se perceber o que era.

E quando se levantou do piano seu marido sentou-se a tocar composições suas.

—É muito curioso de musica o Isidoro—o recebedor chamava-se Isidoro—disse sua mulher e tem composições muito bonitas, e tudo de ouvido.

As visitas estavam a escabecear.

—Ó meu bicho, toca aquelle hymno triumphal que tu fizestes ao papá quando saiu tenente.

E Isidoro tocava aquillo, a que a familia chamava hymno.

—Olha, agora, pedia sua mulher, aquella Ave Maria que prometteste ao Senhor dos Passos quando eu tive os frunculos.

E Isidoro tocou a Ave Maria.

—Agora, continuou sua mulher, canta um bocadinho, sim, meu bicho?

E voltando-se para o dr. Fromigal, disse:

—V. s.^a vae ver a voz, que elle tem, ninguem ha de dizer com aquelle corpo...

E sentando-se ao piano acompanhou seu marido, que, n'um grande berreiro, como quem mette medo a creanças, gritou o *Dio del oro* do *Fausto*.

Deram-lhe palmas de cerimonia.

—Agradou? Eu repito, eu repito.

E voltou ao principio.

Felizmente a ceia veiu interromper o *Dio del oro*.

Isidoro e Titina deixaram logo o piano e sentaram-se um ao pé do outro.

D. Angelica fôra fallar apressadamente ao ouvido do Justino, que pedira para deixar a manilha e se ausentára rapido.

A ceia era servida pelo Gil, e pela Alexandrina, que dizia graças ás visitas e ficava ás vezes parada ao pé de uma das meninas Torres a conversar sem servir as outras pessoas, até que Gil gritava lá d'um canto da sala:

—Ó mulher, traga para aqui esses pãesinhos com choriço; pega-se que nem uma mula velha.

D'ali a momentos appareceu outro gallego, o Manuel, criado do Martim, de calças de riscas, collete azul, gravata branca e casaca muito curta e muito apertada, a estoirar, a servir o vinho da Madeira.

O dr. Fromigal começou a servir a menina Sa-

bina, ella a servil-o a elle, e os dois cheios d'amor, devoravam croquettes sobre croquettes, como se não tivessem jantado.

A Titina tinha aberto um lenço no cólo, tirava as sandwichs, ás mãos cheias, e deitava-as no lenço para levar para casa. Isidoro despejava copos de vinho uns em cima dos outros e comia com fome como se estivesse no baile da Associação Commercial.

O conselheiro tinha tambem appetite.

O Arnestosinho corria pela casa, a tirar dos pratos croquettes para a menina Carmo, a sua predilecta, e andava n'essa faina tão lepidio, tão cego d'amores de adolescente, que tropeçou no Manuel e fêl-o pespegar com a bandeja dos pratos e do vinho no meio do chão.

Gil servia n'esse momento o dr. Fromigal e exclamou aterrado:

—Com o diabo! lá partem a loiça ao homem.

O Manuel, muito vermelho baixou-se para apañhar os cacos, mas no esforço para se curvar, abriu de meio a meio pelas costuras a casaca que estava a estostrar-lhe no corpo.

—Bruto! agora dá cabo da casaca do *patron*, berrou o Gil furioso...

Toda a gente desatou a rir, e o Arnestosinho batendo as palmas, gritava:

—Está bonita agora, a cásaca do titi.

Uma porta da sala que até então estivera sempre fechada e que dava para o quarto de dormir

dos donos da casa, entreabriu-se e appareceu n'ella a espreitar, muito aterrado, Justino em mangas de camisa.

Grande risota, gargalhadas trocistas das meninas Torres, desculpas de D. Josephina que dizia que o filho era um tolo, que aquillo era mentira.

Acabou-se a ceia e foi-se dançar, para evitar Izidoro de continuar a cantoria. Izidoro tirou para par a D. Palmira muito lisongeada com essa distincção. No meio da dança houve grande sensação. Justino entrou na sala, mas agora vinha de sobrecasaca. Finda a dança Izidoro e Titina approximaram-se do piano e começaram a tocar a 4 mãos o *D. João* de Mozart.

Era tardissimo, perto de duas horas: o conselheiro Torres retirou-se com as meninas, notando aassustado que sua filha Sabina dera ao dr. Fro-migal o anel do jogo das prendas.

—Este homem leva-me todo o oiro da rapariga!

O recebedor e sua mulher tocavam sempre o *D. João*.

Justino bateu-lhes no hombro para que elles se despedissem do seu sogro.

O Isidoro então levantou-se e despediu-se dos sogros de Justino com grandes offerecimentos.

—A minha casa está sempre ás suas ordens, Izidoro d'Almeida Bastinho...

—Bastinho? perguntou severo Martim. O sr. é parente d'um Bastinho, continuo da minha repartição?

—Sou filho d'elle!...

Palmira ficou furiosa por ter dançado com o filho do continuo do seu marido e saiu sem lhe apertar a mão.

Izidoro e Titina saíram também promettendo muito a Justino e a Angelica virem a miudo, passar o dia, porque não eram de ceremonias, não reparavam em visitas.

E quando exausto de forças e de dinheiro Justino apagava as luzes e trancava a porta, bateram uma furiosa campainhada.

—Quem é? perguntou de mau humor Justino.

—Sou eu, o cocheiro.

—O cocheiro? disse Justino sem perceber.

E abriu a porta. Era o cocheiro do trem de praça que elle alugára ao meio dia, ás horas, para o baptisado, e não tinha despedido.

O trem estava desde então, á porta, ás suas ordens. Do meio dia ás duas e meia horas da noite; quatorze horas e meia de serviço, teve Justino, cadaverico, que pagar, nem mais nem menos 6\$500 réis para fechar a noite!

O CHAPEU DO DR. FROMIGAL

Tinham-se passado quinze dias sobre o baptisado do pequeno Moysés Antunes.

O recebedor, o Isidoro Bastinho e sua esposa, logo no domingo immediato á cerimonia tinham apparecido a jantar em casa do Justino Antunes e a tocar piano.

Tocaram duettos e comeram como um quarteto, com grave desgosto de toda a familia, que não contava com aquellas boccas e que teve que fazer cruces na bocca propria para que as visitas enchessem a barriga.

Á noite as meninas Torres foram para lá fazer companhia e Sabina crivou o Justino de perguntas a respeito do seu chefe, do dr. Fromigal, o conselheiro ganhou 720 ao Justino, e o recebedor como não o deixavam cantar pela setima vez o

Dio del oro, começou a fazer sortes de prestidigitação, que andou a aprender com um amigo, que perpetrava d'essas coisas por theatros particulares e n'uma mimosa sorte que fez com tres chavenas em que se tinha servido o chá, teve a rara habilidade de as reduzir todas tres a um unico pires. O resto ficou feito em cacos pela casa, e ás duas horas, depois de todos se terem ido embora, o Justino veio varrer a esteira, para que os pedaços de porcelana se não mettessem pelos pés d'alguem e murmurava:

—Dizem que é aziago treze pessoas á meza: aziago são quatorze!

*

* *

Pois quinze dias depois do baptismo o conselheiro Torres veio da secretaria mais cedo, ás tres e meia, e disse á filha mais velha:

—Ó Carmo, manda pôr o jantar na meza, e vistam-se todas porque saem de tarde.

—Onde vamos, papá? perguntou Sabina muito curiosa.

—Logo saberás, respondeu o conselheiro enigmatico, com um certo sorriso que denunciava surpresa.

A menina Sabina correu logo á janella, tirou da algibeira o seu lenço e atou-o á varanda.

Jantaram, e ainda o queijo flamengo da sobre

meza não estava engulido, o conselheiro ordenava:

—Vão-se vestir, meninas.

As quatro pequenas desarvoraram da meza, e o conselheiro ficou sósinho tocando modinhas da sua mocidade, com os dedos, na meza, n'um grande ruído secco e continuado.

Quando imaginou que seria tempo, levantou-se, com o seu palito, na bocca, despiu o chambre de ramagens vistosas, envergou o seu fraque gracioso, grave mas elegante, com as bandas abotoadas n'um só botão, no peito, e depois recuando com certa garridice, pôz o chapéu na cabeça, e veio para a saleta, esperar, ao principio, bonacheirão, tranquillo, mas depois impaciente, por fim desesperado, que as meninas fizessem a sua *toilette*.

E colérico, justificando todos os proverbios sobre quem espera, dirigiu-se para a sala, gritando:

—Então! veem ou não veem?

Como d'uma janella aberta viesse grande vento, que fazia ondular furiosamente a cortina, o conselheiro foi para a fechar resmungando:

—Dão cabo das bambinellas, com estas ventanias. . .

Mas os seus olhos esbarraram com sua filha Sabina, que, de chapéu e já vestida, se debruçava da varanda, fazendo signaes com os dedos para a rua.

—A quem estás tu a fazer gatafunhos? perguntou elle desconfiado.

—É á Mimi, ali defronte, do barbeiro, respon-

deu Sabina fazendo-se muito córada, e mettendo-se para dentro.

O conselheiro, desconfiado, encostou-se ao parapeito, debruçou-se para ver a quem eram os signaes: mas o vento estava forte, e n'uma rabanada atirou-lhe com o chapéu por ali fóra.

—Ai! soltou o conselheiro aterrado e quasi que indo atraz do chapéu.

O *ai* echoou por toda a casa, as meninas vieram todas ás jauellas assustadas, e o chapéu fazia um tac! sonoro, ruidoso nas pedras da rua dos Figueiros.

—Tudo isto por causa de ti, doida! ralhou furioso o conselheiro com a menina Sabina.

—Quem o mandou ao papá ir espreitar? replicou ella toda espevitada.

—É verdade, querem ver tudo, depõis queixam-se, approvou a mana Eduarda, que era sempre a favor d'ella.

—Ah! ainda em cima respingas? censurou com energia o conselheiro.

—Cala a bocca, não respondas ao papá, ralhou tambem, approvada pela mana Clementina, a menina Carmo, que eram sempre opposição ás outras duas.

—Pois agora, ha de ir lá abaixo buscar-me o chapéu... para castigo...

A Sabina, com uma obediencia que seu pae não esperava, e que espantou as duas manas da opposição, dirigiu-se logo para a escada muito submissa.

—Coitada! ella lá foi, desculpou a Eduarda.

—E que não fosse! ameaçou o pae.

Mas como a Sabina tãrdasse, acrescentou:

—Vamos nós indo para baixo, para ella coitada não andar a descer e subir escadas.

E foram todos quatro descendo, o conselheiro mais atraz, pondo o lenço de seda estampado a côres doirados sobre a cabeça, por causa das constipações.

Quando chegaram ao segundo andar já muito admirados de não encontrarem ainda a Sabina, avistaram-a no patamar de baixo, encostada ao corrimão, a conversar muito, e tendo na mão, feito n'um bolo, o chapéu do pae.

O conselheiro tornou a entrar n'uma grande colera ao ver assim o chapéu, e a filha, o chapéu n'um figo, e a filha muito bem descansada, a conversar com muita animação.

Com quem conversaria?

Desceu mais tres degraus, fazendo um grande peso nos degraus que estremeciam atraz d'elle, com os saltinhos das tres meninas Torres, e viu com quem era.

E suffocou um grito de admiração, um Ah! ou um Oh! ou um Ih!

O homem com quem Sabina conversava era o dr. Fromigal, aquelle celebre doutor, que no dia do baptisado do Moysésinho, lhe levara o relógio, o anel, uma immensidade d'oiro.

Sabina, surprehendida pela familia fez-se muito

vermelha, e o dr. Fromigal um pouco atrapalhado avançou para o conselheiro balbuciando n'um tom que queria tornar muito despreoccupado, muito natural:

—Sr. Torres... como está v. ex.^a?...

—Oh! v. ex.^a por aqui! pelos meus patamares! disse o conselheiro um pouco ironico e alguma coisa carrancudo.

—Nada mais natural, respondeu Fromigal cada vez mais embaraçado, eu passava pelo chapeu, quando vi cair a rua, e tomei a liberdade de levantar do chão o sr. conselheiro para o vir trazer ao seu chapeu...

E depois emendando balbuciou:

—Não é isto... não é isto... eu passava pelo sr. conselheiro... Decididamente não atinava com a resposta, e fazia-se muito vermelho na escuridão do patamar.

—Muito obrigado! muito obrigado! interrompeu o conselheiro, azedo, pegando no chapeu, que lhe estendia sua filha, tentando pô-lo na cabeça.

—Ó papá! não póde ir assim para a rua, observou a menina Carmo!...

—E o peor é que não tem lá mais nenhum chapeu... o outro foi a engommar ao Roxo, lembrou terrivel a menina Eduarda...

—Vae assim muito bem, disse a Clementina.

—Não póde ser, não póde ser, decidiu desconsolado o conselheiro, está indecente este

chapeu . . . Vou mandar buscar o outro ao Roxo.

—Se v. ex.^a quer eu proprio lá vou.

—Nada, nada, mando lá um gallego.

—Olhe, então vá v. ex.^a com o meu chapeu, que eu espero aqui.

E o Fromigal tirando o seu chapeu de côco pôl-o na cabeça calva do Torres.

Mas o chapeu não entrava no amplo craneo do conselheiro, e dançava-lhe lá em cima, muito comico, dando-lhe uns soberbos ares de caricatura . . .

—Vá, vá, papá aconselhou Sabina, vá buscar o seu chapéu, e traz depois esse n'um lenço, que o sr. doutor espera aqui . . .

O conselheiro teve uma idéa diabolica, trocista, naturalmente já effeitos do chapeu de côco.

—Pois se v. ex.^a espera aqui . . . é um momento . . .

—Pois não, com todo o gosto . . .

—Então vamos lá, meninas, disse o conselheiro ás filhas, encaminhando-se para o ultimo lanço.

Sabina ficou sem pinga de sangue.

—Nós tambem vamos? perguntou Eduarda.

—Já se vê!

O dr. Fromigal enfiára; o conselheiro saiu com as filhas, e o dr. Fromigal, fulo e descarapuçado, ficou-se no patamar a passeiar em cabelle, como um doido manso.

E se houve occasião em que a escada fosse fre-

quentada foi aquella. Começou a entrar e a sair gente, uns a subirem, outros a descirem, e todos repontavam com o dr. Fromigal, com aquelle homem, que passeiava no patamar, sem chapéu, como um caixeiro por detraz do seu balcão, e os aguadeiros enchiam-n'ó de perguntas ácerca de toda a gente do predio, procuravam-lhe informações, reduziam-n'ó ao triste papel de guarda-portão.

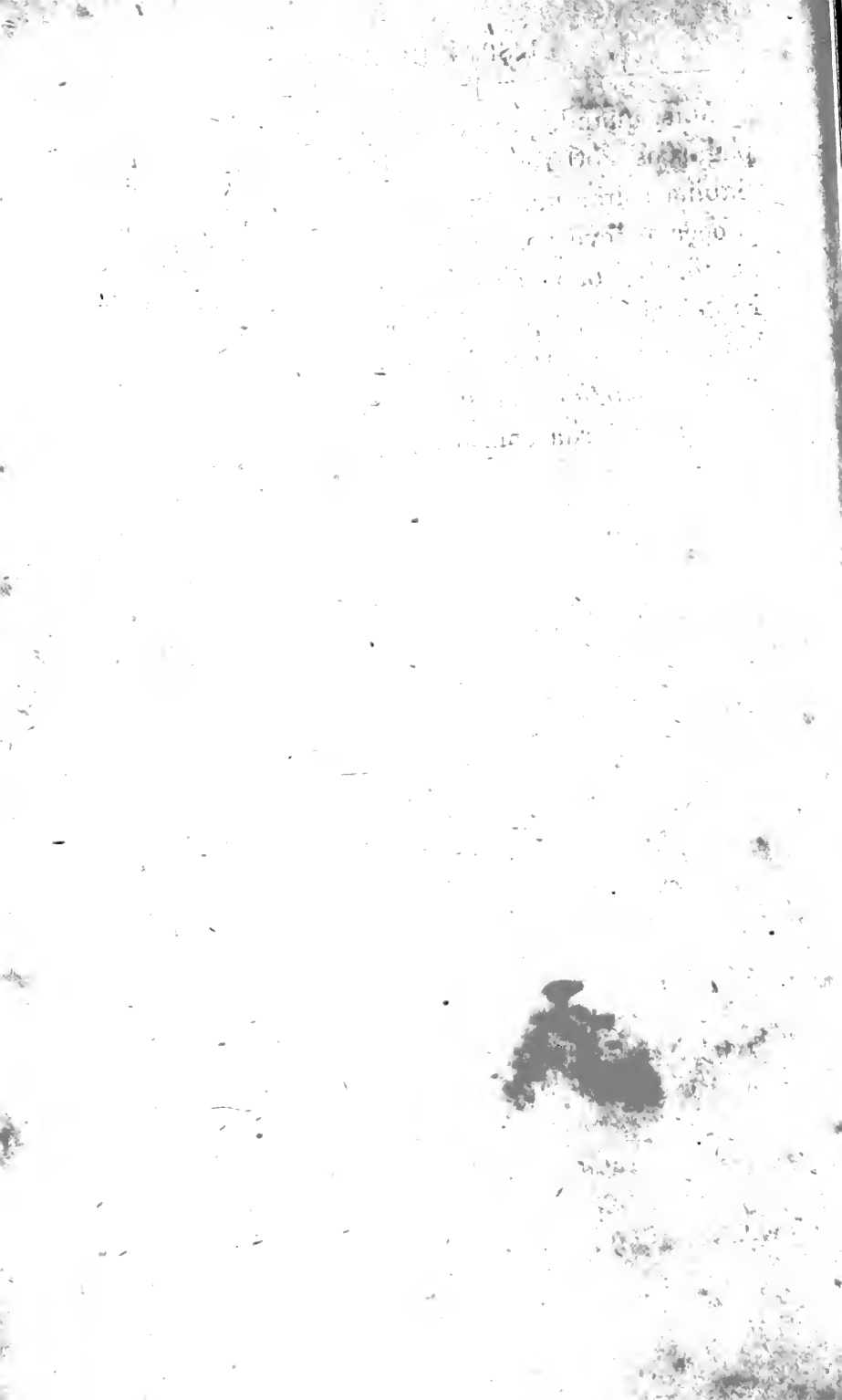
Ao mesmo tempo o conselheiro Torres fazia sensação na rua da Bitesga e no Rocio, com o seu pequenino chapéu de côco: chegou ao Rocio, e em vez de ir pessoalmente restituir o côco ao dr. Fromigal, mandou-o por um aguadeiro, embrulhado n'um *Diario de Noticias*.

A menina Sabina estava furiosa, e a mana Eduarda ainda se atreveu a aconselhar que não mandasse o chapéu por um aguadeiro, que parecia desconsideração, mas o pae estava inabalavel.

E triumphante, depois de ter dado um pataco a um gallego da esquina do Neves, para levar o chapéu a um sujeito sem elle, que estava no patamar da escada numero tantos da rua dos Fanqueiros, o conselheiro fez signal de parar a um americano aberto, de platéa, que ia para Belem.

E instalou-se n'elle com suas filhas, muito contente consigo, por ter feito aquella peça ao dr. Fromigal, por ter contrariado aquelles amores, que se iam adiantando.

Mas, quando puxava da sua bolsa de prata para pagar os 250 réis ao conductor, ouviu sua filha Sabina soltar uma exclamação de jubilo, voltou a cabeça e teve por sua vez uma interjeição de espanto. Na bancada de traz sentava-se... o dr. Fromigal, o proprio dr. Fromigal, escondido debaixo d'um enorme chapéu alto. O doutor, percebendo a *partida* que lhe fizera o conselheiro poze-ra-se em guarda com o chapéu do Justino.



UM DRAMA NO AMERICANO

A presença do dr. Fromigal, do inevitavel dr. Fromigal no americano de Belem desnorteára completamente o conselheiro.

Elle viera n'esse dia da repartição com uma grande idéa saudavel e amigavel para familia: jantára a correr com essa idéa saudavel e amigavel, sahira de casa com ella na cabeça mesmo na situação difficil e constipativa em que não trazia na cabeça chapeu, fôra ainda com essa idéa amigavel e saudavel que acceitára o chapeu de côco do detestado dr. Fromigal, levára-a desde a rua dos Fanqueiros até ao Roxo do Rocio, fôra com ella que fizera signal com a mão direita ao americano de Belem, com ella entrára no carro e se sentára nos bancos em platéa, mas ao sentar-se a idéa saudavel e amigavel fugiu espavorida, estonteada

ante o dr. Fromigal com o seu chapéu colossal do Justino mettido até ás orelhas.

Com o demonio! um homem não é de ferro e um conselheiro nem por isso ás vezes deixa de ser homem!

O conselheiro Torres não era de ferro, e o dr. Fromigal contendia-lhe muito com os nervos desde o dia em que levou o ouro de sua filha.

A idéa saudavel e amigavel que elle tinha era alugar uma casa nas praias, para banhar a familia nas salças ondas do chrystalino Tejo!

Atraz d'esta idéa muito desenxovalhada havia outra um poucachinho egoista: não era só a idéa de lavar a familia que o levava ás praias, era tambem a idéa de se vêr livre do dr. Fromigal.

Não sabia que as coisas estavam tão adiantadas como realmente estavam, imaginava que as relações de sua filha Sabina com o doutor tinham ficado pelo arranjo do relógio, e que refugiando-se dois mezes n'um dos beccos de Pedrouços o Fromigal lhes perderia a pista, e que trinta e um banhos da praia do Pataco apagariam o incendio que lavrava no seio de sua filha.

E na occasião em que punha em pratica o seu astuto plano, na occasião em que entrava no americano para fugir ao dr. Fromigal, esbarrava com o dr. Fromigal sentado dentro d'esse americano.

Era para perder a cabeça!

Entretanto o americano ia andando pela rua do

Ouro abaixo, e o conselheiro vendo desmanchados os seus planos não encontrára ainda uma resolução.

No seu cerebro atropellavam-se as idéas quando o conductor lhe bateu no braço a perguntar-lhe:

—Quantos?

—Cinco, respondeu o conselheiro.

Mas n'isto tocaram a campainha e o americano parou.

O conductor olhou para quem tocára a campainha a vêr o que era.

O conselheiro tirava da bolsa cinco tostões, mas o conductor não os recebeu e passou ao passageiro seguinte.

—Aqui está o dinheiro... cinco bilhetes... pague-se.

—Já está pago, respondeu o conductor.

O carro continuára a andar.

—Já está pago? perguntou o conselheiro não sabendo se devia alegrar-se ou indignar-se nobremente.

O conductor não respondeu e continuou a dar bilhetes aos outros passageiros.

—Mas quem pagou? perguntou o conselheiro ainda na mesma hesitação.

—Naturalmente foi o dr. Fromigal, disse-lhe a menina Clementina, que ia á sua direita.

—O dr. Fromigal? espera ahi.

E erguendo-se n'um impeto, puchou a corrêa da campainha, e cahiu estonteado pelo movimento do carro, no collo de uma velha que ia á sua esquerda.

O americano parou.

—Quem pagou os meus logares? perguntou o conselheiro em voz alta e irritada ao conductor.

—Foi aquelle senhor, que vae lá atraz, respondeu o conductor.

—Qual senhor?

—Póde lá andar, disse o conductor ao cocheiro, que batendo nas mulas gritou um sonoro:—Vae!

—Não póde lá andar, não senhor, protestou indignado o conselheiro pondo-se outra vez em pé, puchando a campainha com ancia e cahindo novamente no collo da velha da esquerda.

O carro parou outra vez.

A velha perdendo a paciencia gritou com todos os pulmões de um pudor de 70 annos offendido:

—Seu bregeiro! isso é de mais!

—Bregeiro, minha senhora, replicou indignado o conselheiro fazendo-se vermelho, eu sou conselheiro.

—Sim, mas o ser conselheiro não é uma razão para se sentar no meu collo, tornou fula a velha.

—Então ficamos aqui, gritou um passageiro farto com as paragens do americano.

—Póde lá andar, disse o conductor ao cocheiro.

O carro recommçou a andar.

—Não póde, não senhor! gritou novamente o conselheiro pondo-se de pé e tocando repetidas vezes a campainha.

O americano tornou a parar.

—Mas que demonio é isto! perguntaram irados alguns passageiros.

—Quem foi que pagou os meus logares? interrogou pela millesima vez o conselheiro.

—Foi aquelle senhor, respondeu o conductor apontando para o dr. Fromigal que lá ao fundo ia escondido debaixo do enorme chapéu amarrotado do Justino.

O conselheiro poz-se em pé e voltando-se para o dr. Fromigal, disse-lhe de cá:

—Muito obrigado, mas não acceito.

—Não, isso é uma desfeita, murmurou o dr. Fromigal pondo-se tambem em pé.

—Então vae ou fica? vociferaram impacientes os passageiros.

O cocheiro sem esperar signal do conductor bateu nas mulas e o carro andou.

Pela terceira vez o conselheiro cahiu no collo da velha da sua esquerdá.

A velha d'esta vez gritou:

—Ó da guarda! que este velho esmaga-me!

Na rua começava toda a gente a olhar para o americano.

Ao mesmo tempo o dr. Fromigal cahia sobre um saloio que ia ao seu lado e que lhe gritava:

—Eh! seu bruto!

—Bruto será você! replicava o Fromigal pallido de raiva.

O saloio deu-lhe uma bofetada os dois engalfinharam-se, ao passo que a velha pondo-se em pé começára aos murros ao conselheiro.

O carro parou: as meninas Torres chorosas agarravam-se a seu pae, supplicando-lhe:

—Ó papá, não se desgrace!

A menina Sabina, fula, gritava pallida de furia, em pé, olhando para o dr. Fromigal engalfinhado no saloio:

—Separem-nos que se matam!

Os passageiros punham-se todos em pé: em torno do americano fazia-se enorme grupo de povo: um sujeito muito grave que ia sentado ao pé do Fromigal e que apanhava por tabella muitas cotoveladas e amolgadellas, gritava suffocado:

—Apitem! Apitem!

O conselheiro Torres suava em bica soccado pela velha: uns passageiros queriam apartar os combatentes: outros, mais trocistas, gritavam, rindo muito, com uma grande chacota:

—Á unha! Á unha!

—Apeie-se, papá, apeie-se, gritavam as meninas Torres, saltando algumas já para a rua.

—Salte, doutor, gritava cá de longe a menina Sabina ao dr. Fromigal.

O conselheiro apeou-se, o Fromigal desaven-silhando-se do saloio saltava para a rua e atirava o seu bilhete de visita ao saloio, dizendo-lhe:

—Ahi tem o meu cartão.

—Para que demo quero eu cá esse papelinho? perguntava o saloio espantado.

O conselheiro Torres, vendo a acção cava-

lheirosa do dr. Fromigal, imitava-a e tirando da algibeira um *adresse*, dava-o briosamente á velha:

—Se não é uma cobarde, espero que nos encontraremos!

E as quatro meninas Torres, o seu pae, e o dr. Fromigal, encontraram-se fóra do americano, e unidos pela identidade da sorte, sumiam-se por entre a multidão, que os apoupava com grandes gargalhadas de troça.

—Ó amigo, ó amigo! gritava do estribo do americano o conductor, então os bilhetes quem é que os paga.

Os seis evadidos do americano porém tinham já entrado na Aurea, e atravessando o café, saíam pela porta da rua do Crucifixo.

A catastrophe conciliára o conselheiro Torres com o dr. Fromigal: ambos tinham sido soccados: os resentimentos antigos calavam-se diante d'esses soccos identicos, e as pazes faziam-se.

O conselheiro abandonou completamente a idéa das praias e convidou o dr. Fromigal para ir jogar n'essa noite o gamão para sua casa.

O doutor foi radiante d'alegria, e fallaram muito do incidente do americano, contando cada um as suas façanhas. Segundo o que o dr. Fromigal dizia o saloio já áquellas horas devia estar moribundo. Pela narrativa do conselheiro a velha estava com certeza com pouca saude.

A noite passou-se n'um momento para o con-

selheiro que morria pelo gamão, e para o dr. Fro-migal que morria pela menina Sabina.

O conselheiro á meia noite deitou-se, exami-nando antes as nodoas negras que a velha lhe fi-zera nos braços, e consolando-se d'ellas com a idéa de que não pagára um real ao americano.

*

* *

D'ali a oito dias, já o conselheiro não pensava no caso do americano, vieram-lhe annunciar, quando almoçava, que estava na saleta uma senhora que lhe desejava fallar.

O conselheiro levantou-se da meza e entrou na saleta muito risonho: mas ao vêr a senhora que o esperava empallideceu, e as pernas cambalearam-lhe:—era a velha do americano.

A idéa d'um duello passou pelo espirito atribulado do conselheiro.

Mas a velha sorria e dirigindo-se á elle dizia-lhe:

—V. S.^a outro dia...

—Excellencia, minha senhora, excellencia, emendou grave o conselheiro mais tranquillizado com o sorriso da velha.

—V. Ex.^a outro dia deu-me um bilhete no americano e eu hoje venho pagar-lh'o, trazendo-lhe outro bilhete, que espero acceitará.

E abrindo a mala deu ao conselheiro um bilhete... de beneficio para o theatro do Principe Real!

A SOIRÉE MASQUÉE DO CONSELHEIRO

Os annos do conselheiro Torres eram a 27 de fevereiro, e coincidiam por isso quasi sempre com o carnaval.

O conselheiro Torres tinha um grande desgosto n'esta coincidência. No seu intimo, censurava ás vezes, amargamente, «seus paes por terem escolhido aquella época para o darem á luz». Realmente era pouco sério, pouco'conselheiratico, um homem d'aquelles, grave, sisudo, occupando um alto logar na burocracia portugueza, fazer annos nos dias em que se esguicham as pessoas no meio das ruas, e em que os *chéchés* dirigem chufas para as janellas.

As meninas Torres em compensação gostavam muito do tempo em que o papá fazia annos, era muito divertido, brincavam o entrudo com os con-

vidados, pregavam peças ao *menino nascido*, e era uma galhofa enorme aquella noite de festa.

N'este anno o conselheiro queria ir passar o seu anniversario natalicio para Queluz, para se furtar ao domingo gordo. As filhas recalcitraram.

Parecia mal, ponderaram ellas, toda a gente sabia que o papá fazia annos, os jornaes com certeza dariam a noticia, e a ida para fóra n'esse dia tinha muitos ares de sumiticaria. O que diria o visinho, o Antunes, que ainda ha bem pouco tempo dera uma *soirée* no baptismo do filho, o Antunes, um amanuense, dar uma *soirée* e elle, um conselheiro, um chefe de repartição não dar coisa nenhuma no dia dos annos!

Esta ultima razão commoveu o conselheiro.

Realmente era assim, não era por elle, era pela respeitabilidade da sua posição, pela dignidade do funcionalismo, que elle devia pagar o chá, os bolos, e os *croquetes*, que lhe tinha offerecido o amanuense Antunes.

E o conselheiro Torres, resolveu dar uma partida no dia dos seus annos, uma reunião intima, que desse brilho ao seu nome, e consolidasse os seus creditos burocraticos.

As meninas Torres pularam de contentes, e convenceram facilmente o seu pae, que visto dar *soirée*, era muito melhor, attenta a noite d'ella, domingo gordo, que a *soirée* fosse *masquée*. Era muito mais chic, muito mais distincto, muito superior á *soirée* do amanuense Antunes.

—É verdade, ponderou convencido o conselheiro, a *soirée* do Antunes não foi *masquée*...

D'accordo que foi em agosto, mas em summa o que é um facto, é que não foi *masquée*.

E o conselheiro Torres encarregou um segundo official do seu ministerio, muito notavel pela sua bôa lettra, um homem extraordinario, que fazia tudo o que queria da penna, a escrever-lhe em lettra gothica, e em caracteres de phantasia todos recamados de flôrsinhas os convites para a sua *soirée*.

Os convites distribuiram-se, o conselheiro foi muito meticoloso na escolha dos convidados, sómente a familia Antunes, e os paes, os Martim, que eram muito nobres, e o sr. Fontes Pereira de Mello, de quem era agora um admirador fervente e fanatico, e o Bastinho, o recebedor dos seguros e sua mulher para tocar dansas e umas pessoas velhas de quem esperava herdar. Acautelou-se bem em não mandar convidar o dr. Fromigal, porque notára que o gamão nocturno fazia estragos profundos no coração da sua filha Sabina, e ao segundo official, que lhe escreveu os convites, disse no ultimo dia, com um ar paternal.

—Sr. Gomes, agora faça-me mais um convite, ande lá.

O sr. Gomes fez.

E quando lh'o ía a entregar, o conselheiro retorquiu com um sorriso protector:

—Agora, guarde-o, esse é para si...

—Oh! sr. conselheiro!...

—O sr. toca alguma coisa, hein?

—Sopro... sopro...

—Sopra?

—Sim, flauteio...

—Ah! então leve a flauta, e recorde as contra-danças e as walsas.

—Sim, sr. conselheiro.

À saída, o conselheiro tornou-lhe a repetir:

—Então, amanhã, não falte, hein?

—Ora essa!...

E voltando atraz observou:

—Olhe! vá bem vestido... Vae lá o conselheiro Antonio Maria Fontes Pereira de Mello...

—Ah!...

No domingo pela manhã as meninas Torres levantaram-se muito cedo para arranjamem os seus *costumes*. O conselheiro saiu tambem muito cedo. Foi ao Cruz escolher um fato, que dissesse bem com a gravidade da sua posição, e depois, contente com o *costume* escolhido foi a casa do sr. Fontes, e reforçou o convite que dias antes mandára, com a seguinte carta, que confeccionára na vespera á noite, laboriosamente, e para não passar aos olhos dos seus inferiores pelo desaire de lhes não apresentar o illustre estadista.

«Ill.^{mo} ex.^{mo} sr.

«O abaixo assignado tendo tido ha cinco dias

a honra de enviar a v. ex.^a um convite para a *soirée masquée*, que se hade realisar hoje, 27 do corrente, pelas 9 horas da noite, na sua e de v. ex.^a casa, na rua dos Fanqueiros, n.º . . . , 4.º andar, lado esquerdo, vem por este meio sollicitar a alta comparencia de v. ex.^a a esse modesto recreio familiar, como o dia sollicita do astro rei os seus raios para bem merecer esse claro epitheto, e com o humilde regato sollicita a presença das donairossas naus, para ter as honras de porto franco. O supplicante, fiel recruta do regimento, que tem v. ex.^a por dignissimo piloto, sentindo pulsar-lhe no coração a bandeira que tremula nas mãos eloquentes do primeiro estadista portuguez, espera que v. ex.^a lhe honre a sua *soirée* com a sua presença, mascarada ou não mascarada, como aprouver a v. ex.^a, e como fôr mais consentaneo com os destinos d'este nobre paiz.

«Deus guarde a v. ex.^a

«Rua dos Fanqueiros, 27 de fevereiro.

Tiburcio Torres.»

E radiante, o conselheiro volveu a sua casa a fazer os preparativos para a festa da noite.

Em casa do Antunes andava tudo n'uma faina incrível. Seu sogro e sogra tinham ido para lá jantar, para se mascararem lá mesmo e pouparem

o dinheiro no trem, e o Filippe Martim sentado á machina de costura de sua filha, transformava umas cortinas encarnadas em calças de mouro, em quanto sua mulher lhe arranjava o turbante com duas toalhas de linho.

*

* *

Ás 7 horas da noite, o conselheiro mandou acender todas as velas da sala, pregou na parede do alto da sala um docel, que servia no oratorio no dia da Senhora da Conceição, collocou por debaixo do docel uma cadeira de braços, a mais confortavel e vistosa que tinha; estendeu-lhe o tapete que costumava figurar diante do sophá; e depois de ter preparado assim o lugar de honra para o seu amigo o sr. conselheiro Fontes, foi para o seu quarto vestir o seu *costume*, um *costume* de que fizera inteiro segredo a suas filhas, e que momentos antes lhe chegára do Cruz.

Ás 8 horas, as meninas Torres entraram na sala, mirando-se e remirando-se nos espelhos. A menina Carmo, a mais velha, vestia de vivandeira, com uma barretina que lhe emprestára o Arnestosinho, e um barril verdadeiro, de meio almude, á cintura, preso a tiracollo, porque não arranjou outro barril: a menina Eduarda vestida de hespanhola, a menina Clementina de odalisca, e a menina Sabina, que desde o baptismo do Moysés

andava toda romantica, vestia de Margarida do *Fausto*.

Quando entraram na sala, as quatro meninas, soltaram ao mesmo tempo um grito de terror. D'um lado para o outro da sala, passeiava com um grande ruido de folha de Flandres, um guerreiro antigo, muito lúsidio, todo vestido de folha, com armadura, guantes, capacete e viseira caída, empunhando uma enorme lança e tendo no braço direito um amplo escudo com um lagarto em relevo.

O guerreiro parou ao vel-as, ergueu a viseira, e as meninas desataram em gargalhadas successivas e convulsas.

O guerreiro era seu pae.

—De que se riem vocês, perguntou o conselheiro de debaixo do capacete. Não estou bem assim?

—Metteu-nos um susto, disse a mais velha.

—Parece o homem de ferro, do Corpo de Deus, disse troçando a Sabina, que não perdoava ao seu progenitor o não ter convidado o dr. Fromigal.

—O homem de ferro? Ora essa! É um *costume*, grave, severo, respeitavel, o unico *costume* digno d'um chefe de repartição e de mais a mais conselheiro.

N'isto bateram á porta.

—Vão depressa abrir... será já o illustre estadista? ordenou elle brandindo a lança e procurando o relógio na algibeira da armadura.

A porta abriu-se e a criada recuou espavorida ao ver diante de si uma coisa branca, muito alta, muito alta, que não cabia pela porta.

Essa coisa disse á criada:

—Menina, faz favor, diz ao sr. conselheiro Torres que está aqui o sr. Gomes, que é para s. ex.^a não se assustar.

—Tem a bondade d'entrar, disse a criada.

E o Gomes teve que se curvar para poder passar a porta. Por uma delicada e mimosa lembrança, vinha todo vestido de torres, em commoração do anniversario do conselheiro; torres pintadas no peito e nas costas, as pernas e os braços eram quatro torres, sobre os hombros duas torres pequeninas, e finalmente, servindo-lhe de chapéu, uma ultima torre enorme, feita de papelão.

As meninas pozeram as mascaras apenas elle entrou, e fizeram grande chiada; o Gomes dizia a todas apertando-lhes as mãos, com voz engraçada:

—Adeus! adeus! não me conheces!

O conselheiro ergueu a viseira e veiu a elle com ares graves d'um superior:

—Trouxe a flauta, sr. Gomes?

—Saiba v. ex.^a que sim, disse o Gomes tirando de dentro da torre que trazia á cabeça a flauta partida em tres e embrulhada n'um lenço de seda da India.

—Ah! muito bem! É esquisito esse seu fato?

—É expressamente dedicado a v. ex.^a . . .

—Oh! muito obrigado, sr. Gomes, não queria que estivesse com incommodos.

Pela sala dentro irrompeu em grande algazarra uma onda de gente.

Á frente d'essa onda vinha um grande macaco, de baeta parda, que dava cambalhotas, trepava a cima das cadeiras, e fazia um barulho de trezentos demonios.

Atraz do macaco vinha muito grave um *rei mouro*, dandó o braço á *noite*, seguido por um joven velho d'entrudo, muito pequeno, com a sua cabelleira de estopa, deitando com uma das mãos a sua luneta de papelão doirado, e dando a outra a uma camponeza alta e esguia, cujas pernas tezas e sem feitio pareciam umas andas, e tendo á sua direita uma ovarina carregada d'arcadas d'oiro e de grossos corações lavrados.

O conselheiro deixou logo cair a vizeira e poz-se de lança em riste para receber os convidados: o homem das torres guardou a flauta; as meninas pozeram-se em pé, e o macaco fazendo muita chiada, trepou pelo guerreiro acima.

E o conselheiro, querendo voltar o pescoço, mas sem poder, por causa do capacete, dizia para o macaco:

—Não trepe, que eu sou o dono da casa.

O macaco saltou logo para o chão, muito submisso, desfazendo-se em desculpas, e disse com a sua voz natural:

—Mil perdões sr. conselheiro, não sabia quem era...

—Ah! é o sr. Antunes, dizia o conselheiro estendendo-lhe a mão, não o tinha conhecido.

—Ah! este traje, respondia com certo orgulho o Antunes apontando para o seu fato de macaco, disfarça muito.

—Hum! tornava com ares de homem perspicaz o conselheiro, nem tanto como isso! Eu se tivesse attentado bem no senhor tinha-o reconhecido...

O rei mouro estava já ao pé do guerreiro, e disse-lhe com a sua voz natural.

—Sr. conselheiro, como está v. ex.^a?

—Viva, meu amigo, responde o guerreiro olhando-o desconfiado.

—É o meu sogro, segredou o macaco.

—Ah! o sr. Martim, eu tinha-o reconhecido logo. É bonito esse seu fato de rei mouro.

—É o fato d'um dos meus antepassados; disse o Martim, orgulhoso, porque os Martim tiveram tres reis nos seus avós.

—Que pena não terem chegado aos cinco, observou Margarida do Fausto, aproximando-se.

—Para que, gentil dominó!? perguntou Philippe, que chamava dominó a todas as máscaras.

—Ao menos já tinha para mandar cantar um cego.

Entretanto o macaco aproximára-se da ovarina, e dizia-lhe muito cuidadoso:

—Menina! toma sentido no ouro, vê lá... olha que o temos de dar ao seu dono.

E voltava a trepar ás cadeiras.

N'isto bateram á porta.

—Hade ser o illustre estadista!

—Quem? Quem?... perguntou o Philippe Martim.

—O sr. Fontes, respondeu-lhe o guerreiro.

E ergueu a vizeira.

Pela sala dentro entrou um gallego de grandes collarinhos, tocando castanholas.

—É elle! é elle! disse o conselheiro dirigindo-se ao gallego, e apertando-lhe a mão cheia de effusão respeitosa e dizendo-lhe:

—Como está v. ex.^a! muito obrigado! muito obrigado por ter vindo!

O gallego olhou-o admirado.

O conselheiro continuou, com grande humildade respeitosa.

—Eu reconheci logo v. ex.^a, apesar do seu conceituoso *costume*.

—Ah! o senhor reconheceu-me, disse o gallego desconsolado.

—Excellencia! murmurou respeitoso o rei mouro approximando-se do gallego. Sou o Philippe Martim, o seu mais humilde admirador.

—Ah! É o sr. Martim, como passou, guinchou o gallego, estendendo-lhe a mão estupefacto.

Além do gallego entrou uma fada de grande

barrete branco e distribuindo sortes com uma sisuda gravidade.

—Quem quer saber a sua sina? quem quer a sina?

As senhoras rodeavam a fada, mas o conselheiro e o Martim não deixavam o gallego e fallavam com elle, muito respeitosos, ácerca dos negocios da publica administração.

O gallego, pensando que era entrudada respondia com chalaças ordinarias, que estupefactavam os dois.

Entretanto a fada distribuía as suas sortes, que faziam estoirar gargalhadas.

O conselheiro, já farto d'ouvir dizer ao gallego, que elle imaginava ser o *illustre estadista*, «hade ganhar muito com isso! «pae Paulino tem olho!» nem tu nem teu tio!» aproximou-se da fada e disse-lhe:

—Uma sorte, gentil mascara!

A fada deu-lhe a escolher um mólho de papeis, elle tirou um.

E leu.

—Fostes tolo, és tolo, e sempre hasde ser tolo! Toda a gente desatou a rir e o gallego começou a dançar, agitando furiosamente as castanholas.

O rei mouro chamou de parte o guerreiro.

—Ó conselheiro! Olhe que me parece que não é o *illustre estadista*!

—Qual historia! Eu nunca me engano!

N'isto o gallego aproximava-se dos dois.

—É minha mulher! a Titina! Aquillo foi idéa d'ella!

—Sua mulher! exclamaram os dois.

—Então quem é o senhor? perguntou espantado o conselheiro.

—Sou o Izidoro Bastinho. Então v. ex.^a não me disse que me tinha reconhecido.

O guerreiro voltou-lhe as costas furioso, e o rei mouro afastou-se sem lhe dar resposta.

Na sala acabava d'entrar outro homem vestido de torres, como o sr. Gomes.

Entrou, não disse nada a ninguem, dirigiu-se á menina Sabina, a Margarida do Fausto, e disse-lhe em voz baixa.

—Sou eu!

—Ah! o doutor! murmurou ella fazendo-se vermelha.

Mas o guerreiro agarrou-se ao dr. Fromigal, que era o novo mascarado, e tomando-o pelo Gomes, queria obrigar-o a tocar flauta para as senhoras dançarem.

—Mas eu não toco, respondia o Fromigal, compromettido.

—Ora adeus! não esteja agora com brincadeiras, e arrastou-o para o pé do piano.

—Agora vae-se ao chá! disse a menina Carmo ao conselheiro.

—Por ora não, ainda cá não está o illustre estadista.

Entretanto o Fromigal fugira-lhe das mãos, mas

ficou muito espantado, quando ao chegar á saleta, viu a menina Sabina cochichando com outro homem torre.

—Ainda bem que veio, dizia ella, se soubesse como o amo!

—Pelo amor de Deus, menina então o que é isso? Olhe se o papá ouve, é capaz de me fazer tirar a gratificação, murmurava confundido, atrapalhado o sr. Gomes, a quem Sabina tomára pelo dr. Fromigal.

A este tempo o conselheiro mandava a toda a pressa a casa do sr. Fontes, saber a resposta da carta que lá deixára de manhã o Tiburcio Torres.

—Venha depressa! não se toma chá sem vir a resposta!

O criado partiu a correr.

O conselheiro ficou muito espantado ao saber que estava o dr. Fromigal em sua casa.

—Sabia que eram os seus annos e não quiz deixar de vir comprimental-o n'este dia solemne.

Mais brando, o conselheiro respondeu:

—Muito obrigado, mas em domingo gordo não se dão parabens. Tenho um desgosto em fazer annos n'este dia!...

—Não tem de quê. Tambem os faz Victor Hugo!

—Pois sim, mas Victor Hugo não é chefe de nenhuma repartição!

Todos esperavam pelo chá, e o conselheiro esperava pelo illustre estadista.

O criado chegou finalmente.

—Então, perguntou ancioso o conselheiro, no meio das suas visitas, anciosas também.

—O sr. conselheiro mandou esta resposta.

E deu-lhe um papel embrulhado.

O conselheiro abriu-o febril.

Eram cinco tostões.

O sr. conselheiro Fontes vira por alto o memorial, e pensava que era pedido de esmola.

Desanimado, abatido, o conselheiro mandou servir o chá.

Não havia gosto para danças, para nada, e para se passar o resto da noite, a D. Josephina, vestida de camponesa, lembrou jogar o loto.

E assim se fez.

Sentaram-se todos, mascarados, gravemente, em redor da meza da casa do jantar, e começaram a jogar.

—27, dizia o guerreiro.

—Quinei, gritava a Margarida do *Fausto*.

—Trinta e tres! lia o macaco.

—Idade de Christo! gracejava o rei mouro...

The first part of the book is devoted to a discussion of the
 various forms of the infinitive and the gerund. It is
 shown that the infinitive is a verbal noun, and that
 the gerund is a verbal adjective. The second part of the
 book is devoted to a discussion of the various forms of
 the participle and the verbal noun. It is shown that the
 participle is a verbal adjective, and that the verbal noun
 is a verbal noun. The third part of the book is devoted
 to a discussion of the various forms of the verb. It is
 shown that the verb is a verbal noun, and that the
 various forms of the verb are derived from the
 infinitive. The fourth part of the book is devoted to a
 discussion of the various forms of the noun. It is
 shown that the noun is a verbal noun, and that the
 various forms of the noun are derived from the
 infinitive. The fifth part of the book is devoted to a
 discussion of the various forms of the adjective. It is
 shown that the adjective is a verbal adjective, and that
 the various forms of the adjective are derived from the
 infinitive. The sixth part of the book is devoted to a
 discussion of the various forms of the adverb. It is
 shown that the adverb is a verbal adjective, and that
 the various forms of the adverb are derived from the
 infinitive. The seventh part of the book is devoted to a
 discussion of the various forms of the pronoun. It is
 shown that the pronoun is a verbal noun, and that the
 various forms of the pronoun are derived from the
 infinitive. The eighth part of the book is devoted to a
 discussion of the various forms of the preposition. It is
 shown that the preposition is a verbal adjective, and that
 the various forms of the preposition are derived from the
 infinitive. The ninth part of the book is devoted to a
 discussion of the various forms of the conjunction. It is
 shown that the conjunction is a verbal noun, and that
 the various forms of the conjunction are derived from the
 infinitive. The tenth part of the book is devoted to a
 discussion of the various forms of the interjection. It is
 shown that the interjection is a verbal noun, and that
 the various forms of the interjection are derived from the
 infinitive.

O VEADO REAL

Semanas depois da sua infeliz *soirée masquée*, o conselheiro Torres depois de ter almoçado o seu café com leite e o seu pão de bico com manteiga, sósinho, ás nove horas, enquanto suas filhas se espreguiçavam ainda na cama, d'onde só se levantaram lá para o meio dia, lustrava o seu grave chapéu alto, com o seu fôfo lenço de seda cheio de ornatos amarellos, phantasticos, complicados, sobre fundo escarlata, e preparava-se olhando, satisfeito comsigo, o espelho, para sahir, para ir para a sua repartição, quando uma forte campainhada, inesperada áquella hora matinal, á sua porta, o fez ter um ligeiro sobresalto.

Quem seria áquellas horas? pensou o conselheiro ao ouvir aquella campainhada grosseira, brutal, de porta de quinta, parando de lustrar o chapéu

e escutando os passos pesados da cosinheira pelo corredor.

Era um gallego com um grande embrulho, n'um papel forte, azul, cheio de nodas de sangue escuro, e uma carta.

—Isto é para aqui? perguntou o gallego dando a carta.

A cosinheira para a não sujar envolveu os dedos gordurosos no avental de riscadinho azul, pegou no sobrescripto por um dos cantos, cautelosamente, e veio á saleta ter com o conselheiro.

—Ó senhor, isto é para cá?

O conselheiro Torres pegou na carta e leu.

—Conselheiro Torres. É, é para cá.

—É sim senhor, gritou a cosinheira pelo corredor fóra indo á porta ter com o gallego, que lhe entregou o embrulho.

—Ih! que maldito cheiro! Parece que é coisa podre! disse a cosinheira pegando no embrulho e afastando o nariz, toda enojada.

O conselheiro entretanto abrira a carta. Era um bilhete de visita do dr. Fromigal, com estas linhas escriptas por baixo do nome:

«envia ao seu amigo o sr. Conselheiro Torres, uma peça de veado real, morto nas ultimas caçadas de Villa Viçosa pelo sr. infante D. Augusto.»

—Oh! veado real morto pelo sr. infante! disse o conselheiro com um sorriso contente, aquelle Fromigal está muito bem relacionado, e voltando-se para a creada:

—Diz lá que fico muito obrigado e que á vista darei os agradecimentos!

—Não quer dar nada ao homem?

—Ah! sim! toma lá um pataco.

E deu um pataco á creada, mas ficou pensativo.

—Um pataco; por um veado real é pouco! Ó Engracia, Engracia!

A cosinheira voltou a traz.

—Nada, não se póde dar só um pataco, o veado é real: dá-lhe meio tostão.

E tirou da algibeira dez réis.

A Engracia foi dar o recado e o dinheiro ao gallego.

O conselheiro dirigiu-se respeitoso para o embrulho, mas de repente parou, e fungando murmurou:

—Oh! senhores, que cheiro que aqui está.

E abriu o embrulho quando a cosinheira voltava toda curiosa a ver o que era.

Eram umas costeletas muito negras, cobertas de sangue coalhado.

—Ai! que porcaria! exclamou a Engracia tapando o nariz.

—Pateta! reprehendeu offendido o conselheiro. Isto é veado real, entendes?

—Pois sim, mas cheira que tresanda.

—Cheira mal, concordo, cheira mal, mas é real. Isto é um prato delicadissimo. Vou mostral-o ás meninas. Não ficar contentissimas.

E o conselheiro pegando no embrulho do veado foi por ali fóra ao quarto de suas filhas.

O quarto estava todo ás escuras: elle disse á criada:

—Abre ahi uma greta da janella.

E aproximando-se das camas gritou:

—Ó Carmo, Carmo!

—O que é? o que é? gritaram as quatro meninas Torres, acordando assustadas.

—É um presente!

—Oh! que cheiro que está aqui, papá, queixaram-se todas.

—É do maldito presente, denunciou a cósineira.

—Idiota! reprehendeu o conselheiro, mostrando as costelletas ás suas filhas:

—É veado! é veado!

—Tire para lá isso, papá, que fedor!

—Fedor? É real, meninas.

—Parece uma peste... mande deitar já isso fóra, gritou muito enjoada a menina Sabina.

—Deitar fóra veado real, morto pelo sr. infante... Estás doida.

—Eu não o como!

—Nem eu!

—Nem eu!

—Nem eu.

—Tolas! um prato magnifico!

—O que? o papá gosta d'isso?

—Não gosto, mas é um prato magnifico!

—Olhe lembrou a Carmo, mande-o aqui ao lado, á D. Angelica.

—É verdade, ao meu compadre... lembras bem... mando-o para o meu afilhado, coitado, nunca lhe dei nada... O peor é se o dr. Fromigal vem a saber.

—O que? Foi o dr. Fromigal que mandou isso, perguntou a menina Sabina, sentando-se na cama?

—Foi.

—É um prato muito delicado, disse ella. Não mande isso embora...

—Mas...

—Veado real!... É raro!...

—Sim, mas cheira como peste disseram as outras manas.

—É o cheiro d'elle.

—Por isso mesmo é que é preciso mandal-o embora, replicaram as outras.

E o conselheiro pegando n'um bilhete de visita seu, escrevia:—«Offerece ao seu afilhado para o almoço.»

E mandou o bilhete e as costelletas de veado ao Justino, para almoço do seu afilhado, que tinha sete mezes de idade!

*

*

*

Em casa do Justino o veado fez profunda sensação e profundo mau cheiro.

O Justino que se preparava para ir também para a sua repartição, apressou-se em ir a casa do compadre agradecer a sua lembrança.

Entretanto sua mulher defumára as casas e embrulhava o veado em muitos papeis para o mandar para fóra, de presente a alguém.

O Justino voltou radiante:

— Isso é um prato excellente! É veado real morto pelo sr. infante.

— Não presta para nada, disse a mulher atordoada já com o cheiro.

— Pois sim não presta para nada, mas é excellente! Imagina, veado caçado pelo condestavel do reino.

— Eu vou mandal-o á mamã, o que dizes?

— Á minha sogra? Manda já, já, menina, respondeu jubiloso o Justino, é um bello presente, cheira que parece um cano.

E o veado foi para a Lapa, para casa do Philippe Martim, o nobre Martim, e o Justino foi para a repartição, levando no nariz veado real para todo o dia!

*

* * *

Quando o Philippe Martim chegou a casa para jantar, logo á porta perguntou, tapando o nariz.

— O que é isto? Andam a arranjar a pia?

— Não senhor, respondeu-lhe a criada, foi um presente que a menina mandou á mamã.

—Um presente com este cheiro? Nós não estamos no entrudo.

O Philippe subiu e encontrou sua mulher de cama, com dores de cabeça causadas pelo cheiro do veado.

—Nada, é preciso mandar já isto para fóra de casa!

*

* *

Ás sete horas da noite quando o conselheiro Torres se dispunha a sahir para ir até á Aurêa jogar o seu gamão, bateram á porta.

A creada foi abrir e voltou com um sacco.

—Aqui está isto que vem de casa do sr. Philippe Martim.

—O que é? perguntaram as meninas, vindo a correr.

—É o veado! disse com profunda desconsolação o conselheiro tapando o nariz!

—Tire para lá isso! tire para lá isso! bradaram em côro as meninas Torres.

—Nada, um veado morto pelo sr. infante não se póde perder.

—Olhe mande-o á parteira da D. Angelica, o papá só lhe deu dois mil réis, lembrou a Sabina.

—Lembras bem, approvou o conselheiro.

E o veado foi para casa da D. Leonarda, da parteira!

*

* *

No dia immediato de manhã, ao almoço, a criada do conselheiro, apresentou ao patrão e ás meninas uma condessinha, que lhes mandava o sr. Bastinho.

—O que será? disse o conselheiro abrindo a condessa.

E recuou espavorido: era o veado.

E as costelletas já o conheciam tanto que pareciam querer saltar-lhe para o collo, sorrindo-lhe como a um amigo velho.

—Manda-me já esse demonio para o meio da rua, gritou fulo o conselheiro.

—Ó papá! Lembrou a menina Carmo, olhe, mande as costelletas ao tendeiro cá de baixo, a gente é-lhe obrigada... elle fia.

—Tens razão... é verdade que me chamou Moysés, mas sempre fia.

E disse á criada:

—Vae lá abaixo á tenda, dá isto ao Francisco, que lhe mando eu, que é veado real!

Vê lá não te esqueças!—Veado real! Diz-lhe que foi morto por sua alteza!

E não poderam acabar o almoço porque o veado espalhára na sala um cheiro nauseabundo que enjoára todos.

*

* *

N'essa noite, ás onze horas e meia quando o conselheiro se ia a metter na cama, ouviu uma violenta campainhada na porta.

O conselheiro poz-se em pé assustado, em ce-roulas, e disse aterrado ás filhas:

—Vão lá vêr o que aquillo é!

N'isto ouviu-se á porta um grito de terror soltado pela cosinheira.

—É fogo? É fogo? perguntou espavorido o conselheiro.

—Não senhor, é veado, respondeu pallida de commoção a creada entrando no quarto com as costelletas.

E o cheiro espalhou-se implacavel pela casa toda.

Era o veado que lhe mandava o continuo da sua repartição, que o recebera do Bastinho.

Então o conselheiro muito grave, heroico, resolutivo, disse:

—Nada! é preciso acabar com isto! Amanhã cheiraria peor ainda e d'aqui a oito dias seria um fóco d'infeção!

E tornando-se á vestir, envergando a sua sobrecasaca preta, pegou no embrulho do veado e acompanhado pelas quatro filhas e pela creada que levava a luz, desceu os quatro lanços de escada, e foi enterrar as fataes costelletas do veado

morto por sua altesa, nas profunduras insondaveis do barril do lixo.

E entretanto as multidões gulotonas, lambiam os beiços, cubiçosas, ao lerem nos jornaes a noticia dos veados mortos na tapada real!

*

* *

MORALIDADE.—Quantas coisas ambicionadas ha n'este mundo, que no fim de contas não passam de veado real!

Fim da primeira parte

SEGUNDA PARTE

SECRET

A RECITA PARTICULAR

I

A ESCOLHA DA PEÇA

As meninas Torres, depois d'uma rude campanha que durava desde o natal, venceram as hostes terríveis da eloquencia feroz e economica do grave conselheiro senhor seu pae, e arrancaram á sua vontade de dono de casa, por tanto tempo rebelde, a auctorisação ambicionada de fazerem na sala esguia e acanhada do seu quarto andar da rua dos Fanqueiros um theatrinho particular.

Quem tinha commandado a acção com toda a valentia d'uma legendaria amazona, e com toda a tactica d'um habil general, fôra a menina Sabina.

As outras tres lançaram-se na peleja com todo o ardor de raparigas que farejam um divertimento, mas a Sabina não fôra só o amor da festança que a impellira ao combate, fôra o amor, o puro

Amor, com *A* grande e personificado na pessoa do dr. Fromigal, que lhe tinha captivo o coração desde o baptisado de Moysés Antunes, o tenro filhinho do seu visinho do patamar, de quem seu pae fôra padrinho.

A mulher do Antunes, a D. Josephina, irmã d'elle, o proprio Antunes, e até o nobre Philippe Martim, seu sogro, tinham sido mettidos na conspiração do theatrinho pela menina Sabina, e foram um valente corpo de voluntarios que não contribuiu pouco para a decisão da victoria.

Espicaçado por todos os lados, farto das luctas intestinas, que todos os dias lhe faziam azia ao jantar, e do fogo de guerrilhas da vizinhança, um dia o conselheiro Torres, um dia em que estava cheio de alegria porque apertára a mão ao sr. conselheiro Fontes e porque tinha para o jantar chispe com ervas, o seu estadista e o seu pratinho favorito, ao sentar-se á meza declarou solemnemente á familia ali reunida, que sim, que consentia no theatrinho.

As filhas fizeram-lhe uma ovação; mesmo com a sopa já nos pratos foram dar a grande novidade ás vizinhas, que tanto as tinham ajudado. A D. Josephina, a irmã do Justino, a viuva do coronel Segismundo, veio logo com o seu filho, o Arnestinho, um granjola de quatorze annos educado entre as saias, á casa de jantar do conselheiro, para se congratular com as meninas Torres pela ambiciosa auctorisação.

—Então, ó que foi isto? O senhor conselheiro sempre cahiu em si? perguntou ella toda ri-sonha.

—Eu não caí em coisa nenhuma, respondeu o conselheiro já meio arrependido de ter capitulado.

—O papá sempre teve tenção de dar licença, esteve a fazer tudo isto para nos ralar, deitou logo agua na fervura a Sabina, fazendo festas ao pae, muito mocanqueira, dando-lhe beijos e palmadinhas na calva lusidia.

—Não tive tal, isto é uma asneira, não temos casa para estas funcções. . .

—Ora adeus, acudiu logo a menina Carmo, a mais velha, tudo se hade arranjar, verá.

—Olhe sr. conselheiro, interveio tambem a D. Josephina, o meu Segismundo, que Deus haja, coitadinho, até representou n'um palheiro.

—Sim, mas a minha casa não é palheiro! tornou o conselheiro enfasiado.

E levado pelo jogo das palavras accrescentou:

—Nem eu sou nenhum *painel* de palha.

—Ora que graça que elle tem! disse a D. Josephina, rindo-se muito com as voltas que o conselheiro dava á palha.

O conselheiro gostou que lhe achassem graça, tambem riu, e ficou logo desarmado.

N'isto entrou a D. Angelica Antunes a fazer *crochet*:

—Então já sei a grande novidade, sempre ha theatrinho cá, hein?

—Sim senhor, o papá é muito nosso amigo, e deu licença, respondeu uma das meninas Torres.

—Fiz essa tolice, appoiou com um sorriso bonacheirão o conselheiro.

—E fez muito bem, approvou Angelica, então o que quer o senhor que façam raparigas, se ellas se não divertirem agora, quando se hão de divertir?

—Quem a ouvir hade julgal-a uma velha, interrompeu amavel e galante o conselheiro.

—Ora sr. conselheiro! quer que ellas se divirtam quando estiverem rodeadas de *indezes*, como eu!

—Rodeadas? Tem só um...

—Ella lá sabe o que diz, observou maliciosa a D. Josephina.

As meninas Torres fizeram-se muito vermelhas e comeram a sopa. O conselheiro com a cara aberta n'um sorriso paternalmente abregeirado, piscava o olho para D. Josephina, enquanto a Angelica dizia com mau humor mais fingido que natural:

—Ora está a mana sempre com essas tolices!

—Mau, mau... Então, disse o conselheiro rindo muito, cada um sabe as linhas com que se cose.

E inclinando-se para Angelica, para as filhas

não ouvirem, continuou, em voz baixa, muito cheia de malícia:

—Vá-se cosendo, vá-se cosendo, está no seu tempo...

Angelica respondeu-lhe meio zangada meio a rir:

—Ora cale a bocca... Tenha juizo...

As meninas Torres devoravam a sopa, mas sem levantarem os olhos dos pratos, vermelhas como arrebenta-bois.

*

* *

Na noite immediata houve a reunião preparatoria da recita, a sessão para a escolha das peças.

A reunião foi em casa de Justino. Sabina instára muito para isso, porque assim ia á reunião o dr. Fromigal, e entrava para o theatrinho, emquanto que se a reunião fosse em sua casa, seu pae, que não morria de amores por elle, não o convidaria de motuo proprio e seria necessario muita diplomacia para conseguir mettel-o entre os actores.

Assim arranjava-se tudo n'um momento. A Sabina pedira a Angelica que fizesse a reunião em sua casa e que dissesse ao marido, ao Justino, que convidasse o Fromigal, seu chefe e compadre, ou antes comadre, pois no baptisado de Moysés, Fromigal tocára por madrinha, e o conselheiro acce-

deu logo ao pedido de Angelica, sem ver n'isso a insidia de lhe metterem o namorado da filha na recita, e vendo apenas a economia do chá e bolachas n'essa noite.

Às 8 horas da noite reuniu-se tudo em casa do Justino. O *tudo*, que constituia o elenco da companhia era:

O conselheiro Torres e as suas quatro filhas.

O Justino Antunes e sua mulher D. Angelica, sua irmã D. Josephina, e o Arnestosinho.

O Filippe Martim, e a D. Palmira Martim, pae e mãe da D. Angelica.

O dr. Fromigal, chefe da repartição do Justino e apaixonado da menina Sabina.

O Izidoro Bastinho, recebedor da companhia dos seguros e visita intima do Justino desde o jantar do baptisado do Moysés.

E a Delphina, a Titina, esposa lyrica do recebedor.

Depois de todos reunidos o conselheiro a pedido do Justino tomou gravemente a palavra, e expoz quasi que n'um discurso, pausadamente, cheio de virgulas, o fim da reunião e annunciou a organização do seu theatrinho com o tom solemne com que annunciaria a reforma da Carta.

«Trata-se pois meus senhores, concluiu elle, de proceder com todo o discernimento, á escolha da peça ou peças a representar no pequeno theatro que pensadamente se vae improvisar na minha sala, e á escolha das pessoas ás quaes se deve

incumbir o desempenho dos varios papeis. Para estas escolhas, e principalmente para a primeira, sollicito das pessoas presentes toda a serenidade e maduração, para que se tenha sempre em vista a moralidade, a honestidade, os bons costumes, que devem ser como que a estrella dos Reis Magos, a estrella conductora de todas as acções do homem no seio das familias que se prezam.»

O auditorio ouvira o discurso n'um silencio respeitoso, a D. Josephina escabeceava, e o dr. Fromigal, a um canto, fazia signaes approvativos com a cabeça, não tirando os olhos da menina Sabina collocada na outra extremidade da sala.

—Muito bem, disse o dr. Fromigal levantando-se, vamos primeiro á escolha da peça. Que genero querem?

—Uma coisa alegre disseram as meninas Torres.

—E que tenha sentimento, acrescentou a menina Sabina olhando para o doutor.

—Uma peça historica opinou Filippe Martin.

—Uma comedia fresca, lembrou o Justino.

—Com musica, com musica, disseram em duetto o Bastinho e a Titina.

—Perfeitamente, vejo que estamos todos d'accordo, concluiu o conselheiro: agora o que é preciso é assentar n'uma peça.

—De-me cá uma que eu me assento n'ella, agradeceu o Bastinho.

O conselheiro deitou-lhe um olhar severo e ninguém riu senão a Titina.

—Eu n'isto de theatro, lembrou o Philippe Martim, sou da opinião que se recorra ao patriarcha. . .

—Ao patriarcha? Para que? perguntou muito espantado o conselheiro; creio que nada d'isto é contra a religião.

—Não é isso, ao patriarcha do theatro, ao sr. Mendes Leal.

—Ah! d'accordo, d'accordo, appoiou logo o conselheiro. Temos *Os urrenegados*, que é uma peça muito circumspecta.

—Ou *Os amores de Bocage*, lembrou o dr. Fromigal, fitando Sabina.

—Bocage? repetiu indignada D. Josephina. Aquelle bregeiro! Nada, isso não é proprio para gente séria. O meu Segismundo sabia-o todo de cór.

—Perdão, minha senhora, mas. . . E Fromigal justificou-se em voz baixa com a D. Josephina.

—Ou *A escala social* suggeriu o Justino: ah! teem uma peça muito interessante.

—Mas é triste, é muito triste, ponderou o Fromigal.

—*A fada de Fritz* disse Palmira, é uma boa peça, e é alegre; o Sargedas, ai o que o Sargedas fazia rir n'essa peça! . . .

—Mas mette muita gente, menina, observou Philippe Martim.

—Eu então, opto pela *Bella Helena*, disse o Bastinho.

—Estamos a fallar sério, sr. Bastinho, observou fulo o conselheiro.

—Tambem é do patriarcha! justificou-se Bastinho. . .

—Queres fazer o Menelau? perguntou-lhe sua mulher rindo.

E ambos acharam muita graça á pergunta.

—Não sei; eu cá, continuou o conselheiro, optaria por uma peça historica.

—Olhem, lembrou Josephina, o *Templo de Salomão*, aquillo é que era peça! Via-a duas vezes e não me fartei. . .

—Não pode ser, mana, redargiu enfastiado o Justino, não é peça para casa do sr. conselheiro.

—Ora essa! porque! perguntou o conselheiro despeitado. A minha casa parece que é casa para todas as peças!

—Não é isso, sr. conselheiro. Longe de mim a idéa de o offender, mas é que n'essa peça entram tres camellos.

—Tres camellos? disse o conselheiro. Então não pode ser, a casa é pequena para um, quanto mais tres. . .

—Era por isso mesmo, apressou-se a dizer Justino sem o deixar acabar a phrase.

—Olhem; os *Dois dias no Campo Grande*, lembrou o Bastinho.

—É histórico? perguntou Philippe Martim. . .

—Peça moral era o *Evangelho em acção*, disse D. Palmira.

—É verdade apoiou a Titina, e não era preciso

armar calvario para o Christo, já cá o tinha... um quarto andar...

As familias do conselheiro e do Justino ficaram muito sérias...

—E se nós representassemos uma magica? lembrou Justino.

—Uma magica! disse o conselheiro. Então como quer fazer uma magica n'uma casa particular?

—Tira-se-lhe tudo que forem vistas, e mutações e comparsas...

—E os fatos, homem!

—Pódem tirar-se-lhe tambem os fatos.

—Cala a bocca, ordenou-lhe Angelica, isso só da tua cabeça.

—Ah! achei, achei, gritou de repente Fromigal, olhando para Sabina.

—O que é? Diga, diga!

—O *Pedro*; é um drama muito bem escripto, que tem muito sentimento...

—Ah! é lindo, approvou D. Palmira Martim, que estivera até então calada, aquelles versos...

Eu sou o Pedro Cem

Que tinha mas já não tem...

é muito bonito.

—Não é isso filha, estás confundida, emendou Filippe, é aquelle Pedro sem mais nada, que vae a um incendio, dá uma bolsa a um pobre, depois puxa d'uma pistola e chega a ministro...

—Chega a ministro? Excellente, approvou o

conselheiro. Está combinado então, o *Pedro*, e dá-se ás meninas a escolha de duas comédias n'um acto para completarem o espectáculo.

—Apoiado, apoiado! gritaram todos.

E ficou resolvido que no dia immediato comessem os ensaios do *Pedro*.

Entretanto o Bastinho resmungou zangado:

—Deixal-o, eu cá preferia os *Dois dias no Campo Grande*.

con el dicho...
 de la...
 con...
 A...
 El...
 En...
 En...
 En...

II

A DISTRIBUIÇÃO DO PEDRO.

À noite reuniu-se tudo em casa do conselheiro Torres.

Às 8 horas e meia entrou o dr. Fromigal.

Era esperado anciosamente por todos.

A menina Sabina e a Angelica Antunes, para salvar a decencia, foram á porta recebê-lo.

—Então tem a peça? perguntaram ambas.

—Vem aqui, disse elle triumphante batendo no peito, mas deu-me um trabalhão a arranjar-a...

—Aqui vem o *Pedro*, aqui vem o *Pedro*, gritavam Angelica e Sabina precedendo o dr. Fromigal na sala.

Um murmuri• de satisfação acolheu esta noticia.

O dr. Fromigal entrou, complimentou todos muito attentiosamente, e antes de se sentar tirou da algibeira um maço de folhetos.

—Aqui está o *Pedro*, disse elle gravemente.

—O que? é tudo isso? observou o conselheiro ao vêr a grande rima de folhetos, mas isso é muito grande, ficamos toda a vida a represental-o.

—Perdão, tornou o dr. Fromigal, isto são variós exemplares da mesma peça, para cortar o trabalho de tirar papeis.

—É Pedro e os seus manos, gracejou a Titina Bastinho.

—Eu cá, ainda estou pela minha, resmungou o marido, era melhor os *Dois dias no Campo Grande*.

E a discussão a respeito da escolha da peça ia a recommençar violenta, porque a D. Josephina falava já no *Templo de Salomão*, a D. Palmira lembrava novamente o *Evangelho em acção*; o Justino suggerira outra vez *A escala social*.

Mas o conselheiro interpoz a auctoridade da sua palavra.

—Perdão, disse elle, essas questões agora são intempestivas. Está decidido que a peça de resistencia é o *Pedro* do meu collega no conselheirismo, o sr. Mendes Leal, e uma assembléa illustrada nunca volta atraz.

—Mesmo porque se estivermos sempre a voltar atraz nunca vamos para diante, approvou Philippe Martim.

—Vamos portanto á distribuiçãõ da peça.

—Vamos á distribuiçãõ disseram todos.

—Tem a palavra o sr. dr. Fromigal, visto ser o portador da peça, seu iniciador, e além d'isso n'ella versado, para fazer a leitura d'ella.

Fez-se um silencio profundo, e o dr. Fromigal, sentando-se ao piano, pondo a peça na estante, começou a leitura, emquanto que todas as outras pessoas a seguiam pelo seu exemplar, como quem assiste á missa devotamente.

O dr. Fromigal começou:

«Este drama, doze annos depois de escripto. . .»

—Perdão, interrompeu o conselheiro: «Este drama foi escripto ha bons oito annos» é que eu cá tenho.

—Não senhor ha doze annos, disseram a Sabina, o Justino, a Titina.

—Ha oito annos, teimaram o Philippe Martim, o Bastinho, a menina Carmo e a D. Angelica.

—«Este drama, doze annos depois de escripto» é que cá está, repetia gravemente o dr. Fromigal.

—Perdão, sr. doutor., mas eu sei lêr. . .

—Tambem eu, replicou ferido o dr. Fromigal.

—E v. ex.^a não falla mais verdade do que eu concluiu o conselheiro.

—Nem mais, mas tambem nem menos, disse o Fromigal embespinhado e pondo-se em pé!

—Então, então, gritaram todos, conciliadores, deitando agua na fervura.

A menina Sabina, toda atarantada, muito vermelha, pozera-se em pé, e debruçando-se por detrás d'uns e outros, confrontára todos os folhetos.

—Esperem ahi, esperem ahi, disse ella dominando o tumulto.

Todos se calaram.

—Teem todos razão...

—Hein?

—Não póde ser!

—Como é isso?

—É que o sr. dr. Fromigal, continuou Sabina, tem a segunda edição e o papá a primeira: a segunda diz effectivamente: «Este drama doze annos depois de escripto» e a primeira: «Estê drama foi escripto ha bons oito annos.»

—Ah! exclamaram todos convencidos. Mas o conselheiro recalcitrou:

—Isso não póde ser!

—Ora essa! disse o dr. Fromigal, é o que é, aqui está...

—Não póde ser. Então como é que um drama escripto ha bons oito annos em 15 de novembro de 1857 como aqui diz, tem em 7 de junho de 1863, apenas doze annos de escripto? de 57 a 63, vão 6, e 6 com 8 são 14, é claro...

O dr. Fromigal embatucou, mas o Phillippe Martin interveio:

—Parece-me inteiramente deslocada a questão. Primeiro, não temos que apreciar arithmeticamente a obra dramatica do illustre patriarcha, e segundo, não vamos representar os prefacios.

—É verdade, disse o conselheiro, nós não vamos representar os prefacios, para que o leu o senhor?

—Para que me disse o senhor que lesse a peça? respondeu Fromigal.

—Então! então! exclamaram de novo todos.

—Vamos á distribuição dos papeis, primeiro, disse Filippe Martim, que em vista da attitude bellicosa do conselheiro tomava a direcção dos debates.

—Apoiado! apoiado!

—O sr. dr. Fromigal que conhece bem a peça, poderia ler os nomes dos personagens, e ao mesmo tempo ir dizendo o que elles são, para assentarmos quem os hade fazer.

—Muito bem, muito bem.

O dr. Fromigal começou a ler os personagens.

—O conde de S. Thiago é um velho fidalgo jogador.

—Perdão, interrompeu o conselheiro, eu não consinto isso cá em casa.

Todos ficaram espantados.

—Não consente o que? perguntou o dr. Fromigal, muito aborrecido.

—Nada, nada, n'essa não me metto eu. Vejam lá o que está acontecendo em França, na capital do mundo.

—Mas o que tem a França com o theatrinho cá de casa, perguntou a menina Sabina rindo.

—A menina é uma creança, não sabe nada d'estas questões de jurisprudencia, que agitam os povos civilizados.

—Mas sr. conselheiro, interrompeu o dr. Fromigal.

—Nada, nada, meus senhores, vejo as barbas do visinho a arder, deito as minhas de molho.

—Perdão, meu respeitavel amigo e compadre, interveio o Justino, mas aqui ha um equivoco, ninguem fallou em barbas nem em molhos...

—Eu bem sei o que digo: o sr. Zóla...

—Zolá! Zolá! emendou Fromigal.

—Zóla, eu tenho sempre ouvido dizer Zóla.

—Mas é Zolá, posso dar-lhe a minha palavra de honra.

—Pois deixal-o ser, eu digo Zóla, sempre disse Zóla, e hei de continuar a dizer Zóla, parece-me que estou no meu direito...

—Pois não, concedeu trocista o doutor, póde até dizer Zúla se quizer.

—Zúla? O senhor está a mangar comigo, gritou o conselheiro irado.

—Zúla, não é nada que offenda, disse o dr. Fromigal, dominando-se a um olhar supplicante de Sabina.

—Vamos para diante, vamos para diante, disseram todos.

A Sabina veio ter com o dr. Fromigal e segredou-lhe:

—Não faça caso, o papá está de mau humor por causa dos bolos finos, que o creado trouxe, mais caros, um pataco em kilo!

—Ah!...

—E em voz alta:

—Eu não disse Zúla, com intenção offensiva: em todo o caso retiro-o...

—Muito bem, muito bem.

—Dou-me por satisfeito, e continuo, mas continuo dizendo sempre Zóla. Zóla foi chamado aos tribunaes por ter posto n'um romance o nome de uma pessoa, e por isso não quero que me aconteça o mesmo representando cá em casa uma peça com o nome do conde de S. Thiago.

—Tem razão! tem razão! apoiaram alguns.

—Ora adeus! murmuraram outros encolhendo os hombros.

—Mas isso substitue-se, lembrou Fromigal, agora muito conciliador depois da explicação da menina Sabina.

—Sim, sim, perfeitamente, concordou o conselheiro, muito mais macio.

—Diga v. ex.^a que titulo se lhe ha de dar!

—É melhor não lhe darmos nenhum para evitar sensaborias.

—Como queira?

—Condé de tres estrellinhas, por exemplo.

—Está dito. Pois o conde de tres estrellinhas é um fidalgo que tem a paixão do jogo, que se arruina a elle, que tem uma filha que estremece, mas que sacrifica a esse ruim vicio, até ao ponto de lhe tirar do pescoço para ir atirar para a meza do jogo, a cruz de sua mãe!

—A cruz de sua mãe! Repetiram todos atarrados.

—É um papel odioso, diziam alguns.

—Isso está bom para o meu sogro, disse o Justino.

—Hein? clamou o Philippe Martim, o sr. insulta-me deante de gente de fóra?

—Elle não disse aquillo por mal, papá, atalhou a Angelica, elle não sabe o que diz, coitado.

—Mas quem não sabe o que diz, não diz nada, observou escandalizada sua sogra.

—Não é isso: eu disse que o papel era bom para meu sogro, por ser difficil, e, saber que elle tem muitos recursos dramaticos. Já o vi representar no Algarve.

O conselheiro interveio lembrando que a distribuição deveria ser feita á sorte para evitar conflictos pessoases.

—Mas então, é inutil estar a lêr os personagens, ponderou o dr. Fromigal.

—Não senhor, continue para a gente ficar sciente dos seus caracteres.

O dr. Fromigal continuou:

—D. Francisco de Athayde, um nobre, verdadeiramente nobre, que se chega ao pé de Pedro quando elle é *sem mais nada* e lhe diz a primeira palavra consoladora que elle escuta, como elle proprio diz.

D. Jeronymo de Mello, é um rapaz da moda, conquistador, que sabe conversar bem com senhoras, e que tem sobre Eva o mimoso juizo de que ella era a tentação.

—Bonito personagem! approvou o Bastinho, gostava que me cahisse esse, gosto de representar os homens de espirito.

—Pedro o protagonista, é um homem que ha de subir ou morrer. Lembro que para este personagem é necessario reunir as seguintes qualidades physicas: uma physionomia de Werther.

O conselheiro.—Ha alguém ahi que tenha?

—Tem o meu marido, respondeu Titina.

—Não tenho tal, emendou modestamente o recebedor do seguro, deixe-a fallar.

O dr. Fromigal (continuando)—a pallidez de Hamlet...

O conselheiro.—Quem tem a pallidez de Hamlet?

—Parece-me que tenho eu, disse o Filippe Martin, fazendo-se córado.

O dr. Fromigal.—O olhar de Antony...

E o dr. Fromigal abriu muito os olhos.

—Tem o sr. doutor, disse meio a medo a menina Sabina.

—Tem, tem, disseram a Angelica, e todas as meninas Torres.

—Muito obrigado, minhas senhoras, agradeceu o dr. Fromigal, e continuou:

—E a fatalidade de Manfredo.

—Credo, que coisa tão exquisita, disse a D. Palmira.

—Isso ninguem tem cá em casa, atalhou o conselheiro.

—Tinha o meu Segismundo, coitadinho, disse a D. Josephina, que pela primeira vez abria a bocca, tinha, tinha, mano, eu bem me lembro de lh'a ver.

—E os papeis das damas? perguntou a D. Palmira.

—Já lá vou, minha senhora, respondeu Fromigal.

E continuou:

D. Joanna uma senhora de muito espirito.

—Estava bom para a Titina, interrompeu o recebedor do seguro.

Dr. Fromigal. . . que ainda não perdeu a fé. . . posto que tenha pouca esperanza. . .

—Tal qual o estado da minha alma, observou com um suspiro a D. Josephina.

Dr. Fromigal—D. Eugenia, senhora de poucas palavras. . .

—Não ha nenhuma cá nas condições, disse o conselheiro.

—E D. Maria, a filha do conde de Tres estrelinhas, concluiu por fim o dr. Fromigal, uma menina orgulhosa, que não desce nunca, ao principio, mas que no ultimo acto ajoelha aos pés de Pedro. É esta lucta de a fazer curvar o joelho, que constitue todo o drama. E disse.

—Vamos ás sortes, ás sortes, gritaram todos, cheios de ambições, e todos com a mesma idéa: fazer batota.

Procedeu-se ao primeiro escrutinio, e com gráve espanto de todos, o papel de D. Maria de Rezende sahiu. . . ao conselheiro Torres!

Ia alta a noite na mansão do conselheiro Torres, e o novo sorteio ficou para a noite immediata.

III

O PRIMEIRO ENSAIO

Na noite immediata á da explicação dos personagens do *Pedro*, reuniram-se todos os curiosos para se proceder a novo sorteio dos papeis e primeiro ensaio.

A tiragem das sortes, depois de muita batota, deu á peça do sr. Mendes Leal a seguinte distribuição:

Conde de S. Thiago—Conselheiro Torres.

D. Francisco—Filippe Martim.

José Augusto—O Bastinho.

Pedro—O dr. Fromigal.

Manuel Maria—Justino Antunes.

D. Maria de Rezende—Menina Sabina.

D. Joanna—A. Titina.

D. Eugenia—D. Palmira.

Thereza—D. Josephina.

As meninas Eduarda e Clementina Torres sahiram para os papeis de D. Jeronymo e D. José, porque não havia homens para esses papeis, e o conselheiro Torres tinha opposto o seu veto a que se mettesse mais gente em sua casa.

E ainda assim faltava quem desempenhasse o papel de Domingos, porque a menina Carmo, como sendo do pessoal femenino da improvisada companhia quem melhor sabia lêr em voz alta, fôra incumbida, por aclamação, do cargo de *ponto*.

Além d'isso era necessario tambem uma pessoa para se incumbir da contra-regra.

O difficil encargo de ensaiador reservára-o para si o conselheiro Torres, com o descontentamento manifesto do dr. Fromigal, do Philippe Martim, e do Bastinho, que todos tres se julgavam com sagrados direitos a esse importante lugar.

Mas o conselheiro Torres fôra irresistivel de logica, e appellára para a sua elevada posição de director geral d'uma secretaria d'estado.

Os outros candidatos, não podendo competir com esta habilitação, retiraram vencidos as suas candidaturas.

Sorteada a distribuição que fez muitos descontentes, porque todos queriam ser *Pedro* e *Maria de Mascarenhas*, os dois papeis principaes que a astucia batoteira do dr. Fromigal e da menina Sabina tinham arrancado á deusa vendada, surtiu nova difficuldade.

As meninas Eduarda e Clementina declararam

cathegoricamente, que não representavam de homens.

—Então meninas, o que tem isso? ponderou amigavel, persuasivo o conselheiro. Façam de homens; não criem difficuldades á realisação do nosso artistico tentamen.

—Não fazemos, não fazemos, responderam ambas terminantemente.

—Eu faço o contra-regra, disse a menina Clementina, mas lá de homem não.

—Olha Palmira, disse conciliador o nobre Philippe Martim, a sua esposa, tu que tens tantas vezes já feito de homem, troca o teu papel com a sr.^a D. Eduarda.

—Tambem eu troco o meu, offereceu logo a D. Josephina, tenho feito muitas vezes de homem; no tempo do meu Segismundo, que Deus tem. Coitadinho!... quem me dera n'esse tempo, Ai!...

As coisas combináram-se: a menina Eduarda ficou com o papel de Thereza, e a D. Josephina foi fazer o de D. Jeronymo de Mello.

Faltavam porém ainda dois: o de D. José d'Albuquerque, e o de Domingos.

O Justino cortou a difficuldade offerecendo sua mulher, a Angelica, que tambem já tinha feito de homem algumas vezes, para o papel de D. José, e offerecendo o seu aguadeiro o Gil, para o de Domingos.

O conselheiro e o Philippe Martim oppozeram

alguma resistencia á entrada do gallego para a sociedade: mas o dr. Fromigal fallou, e fallou muito bem e largamente sobre a democracia moderna, sobre o desaparecimento das castas e citou o exemplo da França e da America; e em vista d'estes nobres exemplos o conselheiro e Philippe Martim depois de conferenciarem alguns instantes, resolveram admittir o aguadeiro ao ensaio.

E o ensaio começou.

*

* *

O conselheiro Torres teimou em começar a ensaiar seguindo todas as rubricas da peça, mesmo na noite da prova.

Logo no principio o conselheiro viu-se seriamente embaraçado. Depois de pôr a Titina a passeiar pelo braço de D. Josephina: a D. Palmira *reclinada n'um sophá* e o Bastinho *debruçado nas costas d'este*, teve que pôr a Sabina *cercada de adoradores entre os quaes se distingue D. José*; isto é, D. Angelica.

—Para cercar uma senhora qualquer de adoradores, ponderava o conselheiro, é da primeira necessidade adoradores. Ora nós não temos nenhuns.

—Aqui estôu eu minha senhora, offereceu-se galante o dr. Fromigal.

—Não pôde ser, o senhor está encostado ao

trumeau, como cá diz... Ah! só se se fizer uma coisa. A sr.^a D. Angelica, que faz o papel de D. José, tem a bondade de alastrar o seu vestido bem, de modo que a cerque... e assim já estará cercada por um adorador:

—Mas sr. conselheiro, eu na noite da recita não trago saias.

—Não traz saias? perguntou espantado o conselheiro. Então o que traz a senhora?

—Trago calças, então hei de representar de D. José com saias?

—Era mais proprio cavallo, observou espirituoso o Bastinho.

—Não se mexa, não se mexa, gritou-lhe o conselheiro, o senhor está debruçado, não se esqueça d'isso, está debruçado.

—Nunca vi ensaiar assim, resmungou o Philippe Martim, estar a tomar posições antes de se lêrem os papeis... é nova!

—Que é nova, bem sei, respondeu o conselheiro escandalizado: é nova mas é uma idéa minha: na arte como na vida, sr. Martim, é de pequenino que se torce o pepino.

—Pepino agora, para ensaiar o *Pedro*, disse encolhendo os hombros, em voz baixa, Philippe a sua mulher.

—Mas o que tens tu com isso, censurou a mulher, cala-te, elle está em sua casa.

—Vamos lá, vamos lá. Sim, disse o conselheiro, não me lembrava de que a senhora é homem;

continuou elle referindo-se a Angelica; mas é a mesma coisa, emquanto o pau vae e vem folgam as costas.

—Que maneira que tem este homem de ensaiar, tudo com proverbios, resmungou o Philippe Martim.

—Agora sr: doutor, continuou a dispôr os grupos o conselheiro, aqui, encostado, ás vezes pensativo, ás vezes ironico, a maior parte das vezes, enlevado em minha fi. . .

E depois, lembrando-se do que dizia, exclamou furioso:

—Que demonio de distribuição! Se soubesse não tinha consentido no sorteio!

—Sim senhor, respondeu o Fromigal contentissimo: até seria melhor estar sempre enlevado.

—Sempre não póde ser. Aqui está a peça, que é a nossa carta constitucional: ouça «*attitude ás vezes pensativa*» sabe como é?

—Sim senhor.

—Isso, dedo na testa é melhor, para indicar que é ali a séde do pensamento «*ás vezes ironico*» sabe como é?

—Francamente não sei, como ha de ser isso.

—É assim, a rir, bocca aberta com um certo geito de ironia, «*muitas mais enlevado em D. Maria.*»

—Isso sei, sei, atalhou Fromigal, devorando Sabina com os olhos.

—Patife! murmurou o conselheiro fulo, e não lhe posso dizer nada, está no papel. Vamos, va-

mos, passem minhas senhoras, disse elle em voz alta á D. Josephina e á Titina, e é começar a lêr.

Cada uma começou então a lêr o seu papel.

—Agora peço muita attenção, observou logo ao principio o conselheiro, porque ha ahi um dialogo muito mimoso, que é um primor de espirito fino, é delicado, eu leio para verem como se hade dizer, porque é preciso fazer valer todos os bons ditos, era uma pena perder-se isto.

E o conselheiro leu:

«D. Joanna—É que elle tem um certo ar de mysterio que...

«D. Jeronymo—Que interessa, não?

«D. Joanna—Que excita a attenção pelo menos?

«D. Jeronymo—Ahi está um *pelo menos* que revela uma curiosidade... *de mais*.

—Vêem, interrompeu o conselheiro, ha aqui um trocadilho de muito bom gosto, que é preciso fazer bem saliente, até aqui na peça está sublinhado para se perceber bem. É necessario que a sr.^a D. Delphina carregue bem no *pelo*. Eu continuo.

E o conselheiro leu mais:

«D. Joanna—De mais é a sua malicia.

(Fallado).—É preciso tambem carregar no *mais*.

(Lido).—«Pois não sabe que sou filha de Eva?

«D. Jeronymo—Eva, minha senhora, era a tentação.»

Murmurios de admiracão no auditorio.

O *Filippe Martin*—Parece impossivel como se póde ter tanto espirito!

O *Justino*—E a seguir, que é o que admira mais.

Conselheiro—Não fica por aqui, oiçam, oiçam o que ella lhe responde (*lê*):

«*D. Joanna*—Socegue *D. Jeronymo*, eu não sou facil de tentar.

«*D. Jeronymo*—Apesar de ser infinitamente tentadora.

Todos—Ih! parece impossivel! É espantoso!

Conselheiro (triumphante)—E ainda ha mais, ainda cá vejo mais...

E continuou a lêr:

Passadas sete ou oito fallas, o conselheiro interrompeu-se de novo para observar:

—Agora, reparem, reparem como o dramaturgo trabalha bem com as virtudes theologaes: (*lê*):

«*D. Jeronymo*—Visto isso não crê!

«*D. Joanna*—Creio. Se creio! Deus me livre de não crêr. Ainda não perdi a fé... posto que tenha pouca esperanza.

«*D. Jeronymo*—E ainda menòs caridade!

Todos—Oh! Bravo! Bravo!...

Filippe Martim—Que malabar!

Justino Antunes—É um japonêz, perfeitamente um japonêz!

O ensaio continuou sem incidentê até á scena 6.^a, o monologo de *Pedro*.

N'esse monologo que o dr. Fromigal leu com toda a convicção dramatica d'um chefe de repartição, o conselheiro Torres introduziu um jogo de scena novo, e de grande effeito. «Porque não po-

derei conquistar a fortuna que tantos acharam no acaso... Aqui o sinto... e aqui!...

—A rubrica n'este ponto, observou o conselheiro Torres, diz «levando a mão ao peito e á cabeça» mas como com uma só mão não é facil tudo isso, aconselho o meu amigo o sr. dr. Fromigal, a fazel-o com ambas as mãos, pondo uma no peito e outra na cabeça. Para diante diz o Pedro: «Hei de subir... e subir... e subir até... etc.» Ora para acompanharmos a palavra com a acção parece-me d'um bello effeito dramatico, o senhor quando diz «hei de subir», subir para cima d'esta cadeira, «e subir» passar para cima da meza, «e subir» o terceiro, saltar para cima da commoda. Assim, assim, anima muito o monologo, e é inteiramente novo!

—Agora, menina, disse d'ali a pedaço o conselheiro a sua filha Sabina, sentido, porque tens ahi uma phrase de espirito e de muito alcance que é preciso sublinhar bem. Entras com a tua amiga, a sr.^a D. Delphina e dizes-lhe:

«Obrigada minha joia. Esperam-te, e não quero que por minha causa faças esperar... ou desesperar.»

—Não sei se comprehendes bem o alcance da phrase «fazes esperar, as pessoas que esperam por ti, ou desesperam, sim, porque costuma-se dizer, quem espera desespera. Comprehendestes?

E proseguio o ensaio até aos versos, que Pedro escreve no album de Maria.

Ao chegar a esses versos, o dr. Fromigal, que apresentára o drama, tomou a palavra para demonstrar com provas exuberantes como esses versos eram uns versos de resistencia.

Podeis dar, tirar-me tudo,
Tendes tudo em vossa mão;
N'uma palavra a existencia,
O futuro n'um perdão.

Soffrer tanto e calar sempre!
Ninguem podera calar-se:
Não se occulta o fogo vivo,
Não póde a chamma occultar-se.

Surja emfim minha'alma ousada,
Quebre os ferros d'este encerro;
Se n'um erro logrou vida,
Ache a morte no seu erro.

—Agora querem ver como estas quadras resistem a tudo? Mudem-as á sua vontade, passem-as de cá para lá, voltem-as do direito para o avesso, de traz para diante, e a poesia fica sempre na mesma, olhem:

O futuro n'um perdão,
N'uma palavra a existencia,
Tendes tudo em vossa mão:
Podeis dar, tirar-me tudo.

Não póde a chamma occultar-se,
Não se occulta o fogo vivo,
Ninguem podera calar-se,
Soffrer tanto e calar sempre!

Ache a morte no seu erro,
Se n'um erro logrou vida,
Quebre os ferros d'este encerro;
Surja emfim minh'alma ousada.

—Já veem, de pernas para o ar é a mesma coisa, veem? E voltem-nos de todos os lados, é sempre o mesmo, sempre! Tem a bondade de experimentar, experimentem meus senhores, e digam-me quantas poesias resistiriam a isso?

E como no episodio de Francesca no Dante, depois da leitura d'esses versos, não leram mais em toda a noite. Ficaram todos ás voltas a elles!

O que se viu no seu erro.
 Se não erro logo viu.
 Quando se lê a obra de
 Sully Prudhomme, a obra
 — a obra de Prudhomme —
 coisas vemos? E vemos-nos de todos os lados e
 sempre o mesmo, sempre! Tem a obra de Prudhomme
 permutar, experimentar, mudar e mudar-se, e di-
 gam-me quantas vezes experimentar a obra.
 E como no episódio de Prudhomme no livro
 depois da leitura de Prudhomme, Prudhomme
 em toda a noite. Ficaram todos as veias a elle!

IV

ENSAIOS DO PEDRO.

—Vamos meus senhores, vamos a isto, gritou o conselheiro Torres, na noite immediata, com certa anciedade por ensaiar o drama, *Pedro*, mas com mais anciedade ainda de pôr um ponto final no dialogo animadissimo de sua filha, a menina Sabina com o dr. Fromigal, que riam ambos na doce intimidade dos ensaios particulares, metidos no vão d'uma janella, vamos a isto, para ver se hoje conseguimos marcar a peça toda.

Na sala houve um grande burburinho: as conversas particulares, em grupos, callaram-se, arrastaram-se cadeiras, cada um começou a tratar do seu papel, a arranjar a scena, e d'ali a nada o ensaio começava. Antes de principiari o conselheiro fez uma conceituosa falla:

—Hontem não podemos passar dos versos; hoje

meus senhores e minhas senhoras, peço-lhes que moderem os impetos da sua admiração pelo grande patriarcha do theatro portuguez porque de contrario, se admiramos a sua formosa producção dramatica, como a admirámos na noite passada nunca poderemos represental-a, e n'este caso, o unico talvez que se dá na vida dos povos e dos theatrinhos particulares, a admiração seria nociva á arte e ao objecto admirado. Vamos, meus senhores e prendam o seu enthusiasmo, prendam-n'o bem.

Todos se comprometteram solemnemente a algemar a sua admiração e o ensaio começou, a seguir dos versos, que Pedro escreveu no album de D. Maria de Rezende.

Ao principio correu tudo muito silenciosamente, e ia depressa, mas quando chegou a phrase de *Pedro*, em áparte: «Que terão estes homens que não tiram os olhos de mim!» o conselheiro interrompeu o andamento da peça:

—Perdão, perdão, disse elle, dirigindo-se ao Bastinho e á D. Angelica e D. Josephina, é necessario que o senhor e as senhoras não tirem os olhos d'elle, para se perceber o áparte que elle diz... Olhem-n'o assim, veem? e o conselheiro esbugalhou muito os olhos, fitando muito Pedro, como um guloso esfaimado, que contempla uma lampreia d'ovos.

—Nada, nada, sr. conselheiro, protestou logo D. Josephina, eu assim é que não olho.

—Ora essa! pois é da peça!

—Deixal-o ser. Nunca olhei assim senão para o meu Segismundo, para mais ninguém.

—Deixe-se d'essas tolices mana, observou o Justino.

—Tolices! Ora essa! Então o mano chama tolice a uma senhora decente recusar-se a olhar assim para um cavalheiro?

—Mas este senhor não é um cavalheiro, emendou conciliador o conselheiro Torres.

—Não sou um cavalheiro! disse embespinhado o dr. Fromigal. Então o que sou eu, ó senhor conselheiro?

—Não é um cavalheiro? acudiu logo escandalizada a menina Sabina, então o que é que elle é, papá?

O conselheiro deitou um olhar severo a sua filha, e muito cortez, mas muito digno, voltou-se para o dr. Fromigal:

—Eu nunca insultei ninguém, começou elle, grave.

—Então é como o Gomes Leal, observou rindo o Bastinho.

—Perdão, sr. Bastinho, interveio o Philippe Martin, eu sou nobre, e o meu tronco já deu reis, e portanto tomo como um insulto esse nome.

—Então, então, papá, disse-lhe a D. Angelica, não faça escandalo.

—Para que estás tu sempre com gracinhas, idiota, reprehendeu, em voz alta, seu marido, a Tina.

—Mas eu não sabia, que este senhor era tronco de reis, desculpou-se timidamente o Bastinho.

—É, é, afirmou a D. Palmira Martim, é tronco e sempre foi.

—A mim pode-me dizer o que quizer, continuou o Martim, mas não toque na monarchia.

—Mas eu não toquei em coisa nenhuma, responde o Bastinho já muito enfiado; sou recebedor de seguros e Deus me livre de tocar n'essas coisas.

O conselheiro com a bocca entreaberta para concluir o seu discurso esperava espantado que acalmasse a tempestade, que se levantára, sem mais nem mais, á sua primeira phrase.

—Eu peço-lhes desculpa, disse elle por fim, mas se fiz verso foi sem me sentir. O que eu queria dizer ao meu amigo o sr. dr. Fromigal é que na minha phrase—*não é um cavalheiro*, queria sómente exprimir a idéa de que não é um homem.

A menina Sabina d'esta vez é que ficou sériamente irritada.

—Não é um homem, concluiu elle, visto que é um personagem.

—Muito bem! Muito bem! gritaram de varios lados.

—Vê, resmungou baixo, a D. Josephina, o Justino, por causa das suas pieguices é que houve isto tudo. A D. Josephina, compungida, accedeu:

—Pois bem olho, por o sr. conselheiro me affirmar que elle não é um homem...

E esbugalhando os olhos para Fromigal fez-lhe a pergunta da peça.

—Perdão, como se chama?

Pedro—Pedro.

D. Jeronymo—Pedro só?

O conselheiro—Ahi, ahi, sr. dr. Fromigal, é que é carregar bem.

O dr. Fromigal—Pedro sem mais nada.

Conselheiro—Isso, isso...

D. Josephina (lendo)—Sem mais nada?

Conselheiro (a Fromigal baixo)—Agora, agora, força, homem, força...

Dr. Fromigal (com voz formidavel)—Sem mais nada, por ora.

Conselheiro—Não foi mal, mas na noite da recita, carregue muito mais no *por ora*, que é uma das melhores phrases do drama. Continuemos.

E o ensaio continuou, mas no fim do 1.º acto, o dr. Fromigal, o Pedro, mettu de seu motuo proprio um jogo de scena novo que fez muito effeito:

Pedro fica só, e depois de ver sahir todos diz:

—«Agora... ou subir... (*é o dr. Fromigal tornara a trepar á cadeira...*) ou morrer (*e atirou-se da cadeira abaixo ficando estatelado no chão, como morto.*)

A menina Sabina assustou-se muito, mas a scena produziu um tão enorme effeito, que até os visinhos de baixo bateram para cima por causa da bulha.

O segundo acto correu sem incidente notavel até á scena do fogo. Ahi o conselheiro pediu a palavra.

—Meus senhores, tenho-lhes a fazer um pedido. Propunha uma ligeira modificação na peça do illustre dramaturgo. N'um quarto andar da rua dos Fanqueiros, fazer um fogo, mesmo fingido, é perigoso. Alem d'isso tenho enguiço e sempre ouvi dizer que *com o fogo não se brinca*. Peço portanto que neste ponto modifiquemos um pouco a peça, sem alterar nada no seu effeito, e pelo contrario talvez, até, que realçando-o mais.

—Pois não! o que quizer! sim senhor! accederam todos.

—Mas v. ex.^a já pensou na maneira de substituir o fogo? perguntou o dr. Fromigal.

—Sim senhor, pensei maduramente, e achei uma coisa que não é nada inferior ao incendio:—a innundação.

Todos—Bravo! Bravo!

Conselheiro (animando-se)—Em vez da chamma, a onda, em vez do fogo a agua: os dois elementos valem-se bem, provou-o ainda ha pouco a cidade do Porto, premiando ao mesmo tempo o bômbreiro Simão e o pescador Maio.

—Bravo, bravo, repetiram todos.

—No meu exemplar, já estão feitas as substi-

tuições. Teem a bondade de ir ensaiando, e fazendo-as.

E a scena ensaiou-se do seguinte modo:

Vozes (dentro)—Agua! Agua! ha agua!

D. Francisco—Que é isto?

D. José—Que é isto?

Augusto—Agua!

D. Jeronymo (olhando para fóra)—Agua em casa do conde de S. Thiago!

O Conde (apparecendo)—Agua em minha casa? Faltava-me esta desgraça.

Augusto—Chamem os cabos de policia.

D. Francisco—Aqui estamos todos!

O Conde—Jesus! que é no quarto de minha filha!

Criado—Que desgraça!

O Conde—A minha filha?

Criado—Foi no seu quarto que rebentou o cano!

O Conde—E ella está lá dentro?

Criado—Está.

Pedro (pondo-se em mangas de camisa)—Prometti vingar-me, sr. conde! começo a minha vingança. Propozeram-me um duello? Qual se atreve a ir ao meio d'aquelle tanque? (ninguem responde. Pedro com supremo desprezo). Para tomar um banho falta-lhes o brio. A minha desaffronta é esta. (*desapparece*).

D. Francisco—Vae molhar-se! Nobre mancebo:

D. Jeronymo—Confesso-te que não tenho muita vocação para a agua, não sou o Boyton.

Pedro (conduzindo Maria)—Aqui tem, sr. conde. Estava toda alagada. Em troca do pae que perdi... entrego-lhe a filha que salvei!

No terceiro acto, tambem o conselheiro Torres pediu uma pequena modificação, muito apoiada pelo Martim e pela D. Josephina.

Quando Pedro convida o conde para jogar, e diz:

—Um jogo em que todos possam tomar parte. A ronda por exemplo...

O conselheiro ponderou, que em sua casa nem a brincar, consentia que jogassem jogos de parar.

—Mas é da peça, observou o dr. Fromigal, que estava já um pouco picado, por lhe terem dado agua por fogo.

—Sr. doutor, em casa d'um homem sério, nem em peças se admitte o jogo. É sempre assim: começa-se a brincar e acaba a sério. Quem sabe, d'essas casas nefastas que por ahi ha, quantas d'ellas começariam por se representar o *Pedro*?

—Mas então? perguntou o Bastinho.

—Nada mais simples, continuou o conselheiro. O personagem diz: «Um jogo em que todos possam tomar parte.» E em vez de ajuntar, «a ronda por exemplo» dirá «o loto por exemplo» e em vez de deitar mais tarde a carta por baixo da meza, deitará para o sacco a bola que tinha o numero com que quinára, substituindo-a pela do numero do conde.

O loto foi approved, por maioria. O Bastinho,

o dr. Fromigal e a menina Sabina, votaram contra.

No quarto acto o conselheiro fez tambem duas substituições. A primeira na scena 4.^a, quando o conde arranca á filha a cruz de sua mãe.

—Sem querer fazer de modo algum uma censura ao meu eminente collega, auctor d'esta peça, disse o conselheiro Torres, parece-me que é forte de mais, sobretudo para uma sala, um pae arrancar á filha a cruz de sua mãe. É arrojado, lá isso é, mas é forte de mais, e por tanto tu, Sabina, quando eu te tirar a cruz—dirás, erguendo-te impetuosamente, em vez de «*Até a cruz de minha mãe!*» «*Até a cruz de minha tia!*» A cruz fica na familia do mesmo feitio, e não é tão repugnante para uma sala.

Era uma hora da noite; o conselheiro apressou o ensaio e absteve-se cuidadosamente, porque tinha que se levantar ás 8 horas para ir para o ministerio no dia seguinte, de mais considerações.

Ainda assim no final do quarto acto fez uma pequena modificação.

Quando D. Jeronymo, D. José e Augusto querem entrar no quarto de D. Maria, Pedro tira da algibeira duas pistolas, e apresentando-lh'as, diz-lhes:

—Entrem, então!

O conselheiro Torres pediu ao dr. Fromigal, que modificasse ligeiramente o jogo de scena.

—Com armas de fogo não quero brincadeiras,

ponderou elle gravemente; leio os periodicos e tenho visto as desgraças que tem acontecido por esse mundo com as taes armas; quero que a minha sala seja um theatro particular, mas não consinto que seja theatro d'um sinistro, e portanto o meu amigo, diz, como está no seu papel:

—Entrem, então!

E em vez de tirar da algibeira duas pistolas, tira um apito!

O effeito é o mesmo e o character do personagem fica mais logico, porque, um homem sério, que está por instantes a ser chamado aos conselhos da corôa, pôde puchar por um apito, por duas pistolas nunca!

V

UMA SCENA INESPERADA

Corria tudo muito bem, os ensaios proseguiam com grande adiantamento de todos os curiosos, e com muitas contusões do dr. Fromigal, que com o trambulhão do seu bello effeito de scena final do primeiro acto, andava moido como uma saladá e trazia já todo o corpo constellado de nodoas negras.

Mas se o final do primeiro acto do *Pedro* fazia nodoas negras no corpo do dr. Fromigal, o final do quinto acto enchia tambem das mesmas nodoas o espirito do conselheiro.

Sua filha Sabina, tinha que dizer ao dr. Fromigal:

—«Morreu-lhe no coração todo o affecto, e sem elle semelhante laço é um perjurio.

E o dr. Fromigal responde-lhe *transportado*,

como diz a rubrica, mas transportado realmente, a valer:

—«E se esse affecto fosse hoje mais vivo do que nunca?

Sabina—(Com expressão de celeste alegria, segundo a rubrica, mas celeste como todos os demónios). Oh!

N'este momento, a rubrica da peça é difficilissima de executar: «caindo no sentimento da sua situação e estendendo tristemente a mão a Pedro.»

A Sabina não sabia como havia de dar essa queda. O conselheiro, o ensaiador, matutou muito sobre o caso, consultou até o continuo da sua repartição que era *galan* effectivo dos *Apostolos de Thalia*, sobre o modo como sua filha havia de cahir.

O continuo não soube resolver a questão; o dr. Fromigal pelo seu lado pensou e repensou, consultou varios livros de sciencia sobre a queda dos corpos, mas nada conseguiu, e por fim n'um dos ensaios, o conselheiro resolveu a questão, dizendo a sua filha:

—Não caias em coisa nenhuma; e estende-lhe teistemente a mão.

A menina Sabina estendeu tristemente a mão ao dr. Fromigal e disse-lhe:

—Está entre nós um tumulo.

Fromigal—(com uma convicção profunda, que a peça não marca, e que nem o proprio Santos lh'a deu.) E diante de nós um altar.

O conselheiro arrepiava-se sempre a esta phrase.

E os dois ficavam de mãos dadas durante toda a scena seguinte, até que o criado vem na outra scena trazer-lhe o officio da demissão.

O conselheiro mordia os beiços e uma vez não se podendo conter, disse aos dois:

—Bem, agora podem largar as mãos.

—Não me incommoda nada estar assim, respondeu Fromigal.

—Nem a mim, papá, accrescentou a menina Sabina.

—Mas não é proprio, disse o conselheiro severo; uma menina solteira estar assim tanto tempo de mãos dadas com um cavalheiro que lhe não é nada.

—Mas temos diante de nós um altar, sr. conselheiro, allegou triumphante o dr. Fromigal.

O conselheiro remordeu os beiços, calou-se, mas d'esse dia em diante tratava sempre de demorar o ensaio dos primeiros actos, de modo que nunca se chegasse ao ultimo.

Entretanto as disposições para a recita iam-se tomando; a sala começava a formar-se em platéa, e o conselheiro começou a fazer os convites.

N'uma noite o conselheiro Torres appareceu muito tarde em sua casa: estavam todos ha que horas á espera d'elle para o ensaio, e já começavam a assustar-se com a demora.

Eram onze horas quando o conselheiro entrou radiante pela sala dentro.

—Credo papá! gritaram as meninas Torres, estavam já assustadas!

—Teve alguma coisa compadre? perguntou-lhe ávidamente o Justino.

—Aconteceu-lhe algum precauso meu nobre amigo? interrogou o Filipe Martim.

—Não, não, meus caros amigos, pelo contrario, aconteceu-me uma grande felicidade.

Todos o rodearam curiosos.

—Sahiu-lhe a sorte grande papá? perguntou a Sabina.

—Melhor do que isso minha filha.

—Melhor! repetiram todos espantados.

—Melhor sim! sahiu-me a sorte grande á minha consideração social.

Ficaram todos intrigadissimos.

O conselheiro continuou:

—Á minha consideração social e ao nosso theatrinho particular.

—O que foi? O que foi? interrogaram todos impacientes.

—Venho n'este momento da calçada do Cembro!

—Da calçada do Cembro!

—Estive á espera do Bismark portuguez e por fim consegui fallar-lhe...

—O que? Esse sujeito tão fallado nos periodicos está em Lisboa? perguntou D. Palmira Martim.

—Não menina, responde-lhe severo o marido, o Bismark portuguez, é o cõgnome do grande estadista nacional e meu dilecto amigo o sr. Fontes.

—Dilecto? repontou o conselheiro, diga dilectis-

simo, depois da honra que elle acaba de fazer á minha pessoa e ao nosso theatro:—s. ex.^a prometteu-me vir assistir á nossa recita.

—Oh! exclamaram todos hesitando em acreditar na grande noticia.

—Vem, affiançou-m'o, affirmou o conselheiro, grave, olympico; elle é muito meu amigo. E considera-me muito!

—Vem cá o Fontes! cá a casa! vou vel-o de perto! disse desvairada, a D. Josephina.

E levantando-se logo, muito pallida murmurou:

—Ah! meu Segismundo! se tu fosses vivo! coitadinho!

E fazendo-se de repente muito vermelha, disse á menina Carmo Torres:

—Queira desculpar-me cá, menina, mas esta noticia alvoroçou-me tanto, que me sinto incommódada... e por isso retiro-me... com licença...

Emquanto sahiu a D. Josephina, a menina Sabina, dizia com os seus ares scepticos e trocistas:

—Ora adeus! Elle ha de vir cá tanto, como veio o anno passado á nossa *soirée masquée*. Manda por ahi cinco tostões ao papá, como mandou da outra vez.

—Menina, reprehendeu severo o conselheiro, um estadista portuguez só tem uma palavra! S. ex.^a ha um anno não me tinha dado a palavra, por isso me deu meia corôa!

A alegria dominava em todos os rostos, e o ensaio principiou.

N'essa noite o conselheiro foi muito minucioso no apuro.

—Agora sim, agora é preciso invalidar todos os nossos esforços, dizia elle, para que a recita esteja á altura dos nossos espectadores e da nossa casa.

—E se estiver assim, está bem alta, observou rindo a Sabina, um quarto andar!

O conselheiro lançou-lhe um olhar furibundo e levou duas horas a tirar os *axo* ao Gil, ao seu aguadeiro que fazia o papel de Domingos.

—Não trataes senão de ler papeis! dizia a menina Eduarda no papel de Thereza.

E o Gil respondia com a sua voz de trovão:

—É prá minha e xua extruchão.

—Não é isso homem, emendava o conselheiro. Não é *xua*, é sua, sua, como quem quer dizer suar. Entendes?

—Sim senhor, *xoar*.

—Ó homem! Não é *xoar*, é suar, como quem diz assoar; percebes?

—Bom, bom, *axoar*, bem sei.

—Não é *axoar*, é assoar, como quem diz caçoar comprehendes?

—Ai! Ai! Agóra... *caxoar*.

—Ó gallego do diabo, gritava por fim o conselheiro fóra de si. Tira os *ax* que vem cá o sr. Fontes.

—Que tire o *chis*? perguntou o Gil muito espantado... Onde está o *chis*?

—Aqui tem, sr. doutor, disse o conselheiro fulo, voltando-se para o dr. Fromigal, aqui tem o resultado dos exemplos da França e dos Estados Unidos!

O dr. Fromigal olhou-o aterrado, imaginando que elle tinha endoidecido.

—Sim senhor, da França e dos Estados Unidos; se não fosse esse nobre mas pernicioso exemplo, não teria consentido eu que este gallego entrasse no seio da nossa recita.

—Pois eu vou-me embora, disse o gallego já muito farto com tudo aquillo. Lá por duas meias corôas estar a aguentar estas massadas.

—Se elle se vae embora, ponderou a menina Carmo ao conselheiro seu pae, não temos quem faça o papel.

—Não te vás embora, homem, disse o conselheiro serenando.

—Bom, bom; bocemexê está a rexingar comigo...

—Não estou, Gil, tornou o conselheiro muito amavel, lembrando-se que precisava do gallego para poder dar a recita, e da recita para ter em sua casa o sr. Fontes, isto é ensaiar, se te offendi peço desculpa....

—Está desculpado... mas hão de me dar quinze tostões senão não enxaio mais.

—Vá lá, homem, damos-te os quinze tostões.

E voltando-se para o Justino disse-lhe em voz baixa:

—O compadre é que me hade fazer um favor, é lá em casa de dia vêr se lhe tira os xx.

Era a primeira vez que o conselheiro tratava o Justino por compadre, e este muito lisongeadó, respondeu-lhe logo:

—Sim senhor, isso fica por minha conta, compadre, tiro-lh'os todos, amanhã já elle vem sem nenhum, verá, ainda que eu tenha que deixar de ir á repartição.

O ensaio continuou, mas os quinze tóstones do gallego tinham suggerido no espirito do dr. Fromigal, uma idéa gigante.

Quando ás 4 horas e meia da manhã se chegou ao apuro no ultimo acto, o dr. Fromigal disse a phrase:

—E diante de nós um altar! E pegando na mão de Sabina, diante de todos, voltando-se para o conselheiro Torres, disse-lhe no mesmo tom:

—Tenho a honra de lhe pedir a mão de sua filha.

—Eu não estou em scena, senhor, emendou o conselheiro, eu já morri, o sr. até recebeu ha momentos a participação de que o meu cadáver fôra encontrado junto aos Arcos.

A Sabina estava escarlate.

—Não é isso, retorquiu o dr. Fromigal, não é Pedro que se dirige ao conde de S. Thiago, é o dr. Fromigal que se dirige ao conselheiro Torrès. . . Sr. conselheiro, peço-lhe a mão da sr.^a D. Sabina.

Na sala houve um murmúrio d'espanto, e o conselheiro apopletico gritou:

—Eu não sou pae, sou ensaiador.

—Mas eu dirijo-me ao pae.

—E o pae responde-lhe que isso é uma traição, e que não dá a mão de sua filha a um homem que anda a fazer Pedros por casas particulares, para pedir mãos de meninas solteiras.

—Então papá! supplicaram as filhas.

Sabina callada, chorava.

O dr. Fromigal, então, pegando no seu chapéu; exclamou:

—Elle é isso! Pois bem, sr. ensaiador, procure protogonista, porque eu vou-me embora com o meu papel. Meus senhores, minhas senhoras...

E encaminhou-se para a porta. Então a sala dividiu-se em dois grupos: um que rodeava o conselheiro para que não recusasse a filha, outro que rodeava o Fromigal, para que não recusasse o papel.

O Fromigal queria resistir e já ia na escada.

O conselheiro offereceu tambem uma resistencia enorme, mas o Philippe Martim com uma phrase desarmou-o.

—Se elle se vae embora, como ha-de dar a recita para o sr. Fontes?

O conselheiro ficou abalado, mas resistiu ainda:

—O Gil faz o papel.

—Então o papá quer dar aos seus convidados um Pedro gallego.

A razão era forte e o conselheiro por fim disse-lhe:

—Chamem lá esse homem, dou-lhe a minha filha.

E em voz baixa dizia consigo:

—Depois da peça torno-lh'a a tirar outra vez.

Sabina saltou aos beijos ao seu pae, e o resto da sociedade foi á escada, e gritava para Fromigal, que descia muito devagarinho:

—Suba, suba, que casa! Elle dá-lh'a! dá-lh'a!

Os visinhos acordados com aquella bulha ás quatro e meia da manhã, corriam aterrados, em ceroulas, á escada, pensando que era fogo. O guarda nocturno apparecia com a lanterna, na rua juntava-se gente, e já corriam alguns bombeiros voluntarios.

O guarda nocturno sciente do que se passava dispersava os grupos á porta da rua, explicando a toda a gente:

—Não é fogo... é um casamento!

—A estas horas! e com esta gritaria! commentavam com gargalhadas maliciosas, os curiosos, que se tinham juntado á porta, e alguns subiam as escadas.

Entretanto o dr. Fromigal entrára na sala e lançára-se nos braços do conselheiro, chorando:

—Meu pae!

—Meu Fromigal! respondia o conselheiro, não se atrevendo a brincar com o nome de filhó e dizendo com os seus botões:

—Pois sim! depois do *Pedro* fallaremos.

VI

UMA NOVA ACTRIZ.—O ENSAIO GERAL

A commoção produzida em D. Josephina pela noticia de que ia vêr de perto o sr. Fontes fôra tão profunda, que a respeitavel viuva do chorado coronel Segismundo adoeceira com uma dyspepsia aguda, que lhe não permittiu continuar os ensaios.

O conselheiro Torres por deferência para com a mana do seu compadre e visinho Justino Antunes esperou tres dias por ella. Mas, como a dyspepsia se demorasse, o conselheiro não poudo esperar mais tempo e reuniu toda a sociedade, para deliberar sobre o modo de reparar a falta de D. Josephina. Cortar o seu papel, o papel de D. Jeronymo era impossivel: porque o *Pedro* não podia passar sem tyranno.

Que fazer então?

A ninguem occorreu n'essa noite uma solução.

Resolveram cada um dormir sobre o caso, e no dia immediato de manhã, o conselheiro Torres depois de ter meditado com a maior profundidade que elle comportava, no assumpto, e não tendo conseguido descobrir saída para aquelle difficil caso, dirigiu-se ao continuo da sua repartição, e expoz-lhe a sua situação.

—Diga-me cá, sôr José, quando uma senhora encarregada d'um papel de tyranno tem uma dyspepsia, o que é costume fazer-se? perguntou elle.

—Toma-se bicarbonato de soda, respondeu logo o continuo, com uma grande experiencia de theatros particulares.

—Não é isso, tornou o conselheiro impaciente, não é o que se faz á dyspepsia que eu pergunto, é o que se faz á peça.

—Á peça? Não percebo.

—Ó homem! É simples de perceber. No *Pedro* do meu collega o conselheiro Mendes Leal, ha um tyranno, esse tyranno que é a mana do meu compadre, tem uma dyspepsia, o que se lhe ha de fazer?

—Olhe, lá a tia da minha senhora dá-se muito bem com a magnesia.

—Pelo amor de Deus, o *Pedro* drama não precisa magnesia, precisa um tyranno, esse tyranno está dyspeptico, penso que o facto não será novo nos annaes da arte; qual a maneira de sair da situação, sem cortar o papel na peça, ou esperar que a dyspepsia se vá embora?

—Ah! agora comprehendo, respondeu o continuo: eu não podia imaginar que v. ex.^a me fizesse uma pergunta d'essa ordem.

—Bem sei, é muito difficil, e você póde-me responder que se um director geral não sabe a resposta quanto mais um continuo. Mas você sô José, não é um continuo vulgar, é um dos *Apostolos de Thalia*... e bem sabe que como isto é uma especialidade, póde-se ser conselheiro e não ter pratica de theatrinhos particulares.

—Mas pelo contrario, sr. conselheiro, não é difficil, é facilima a solução.

—Sim! Pois eu não a achei. Vamos lá a vêr... Disse o conselheiro Torres com certo scepticismo.

—Nada mais simples, é substituir esse papel.

—Substituir o papel, como?

—Indo-o fazer outra pessoa.

O conselheiro deu um grito e fez-se muito vermelho.

—Ah! Exactamente! E tinha-me occorrido tudo menos isso! Vê o que faz ter experiencia de theatrinhos. Você é esperto, homem, é muito intelligente.

—Isso são favores...

—Não senhor, é a verdade, e tanto que lhe quero fazer uma distincção prestando ao mesmo tempo homenagem aos seus dotes intellectuaes, e remunerando-lhe o serviço extra-official que acaba de me prestar.

—Oh! senhor! murmurou radiante de alegria...

—Desde já fica convidado, continuou o conselheiro com ares benevolos, e pondo-lhe a mão sobre o hombro, para na noite da recita ir a minha casa... servir ao chá.

Pulando de alegria, o conselheiro calou-se muito bem calado até á noite e quando estavam todos reunidos para o ensaio disse com nobre orgulho, tendo sempre o cuidado de esconder o continuo:

—Ainda não acharam solução para o nosso problema? Pois achei eu: é substituir por outra pessoa o pápel de D. Josephina.

Foi um raio de luz que penetrou em todos aquelles cérebros, e Justino, olhando muito respeitosamente para o conselheiro murmurou cheio de unção admirativa:

—Só um espirito privilegiado, como aquelle de quem tenho a honra de ser compadre, acha uma coisa d'essas.

O conselheiro agradeceu, mas no intimo sentia-se humilhado perante o seu continuo.

As meninas Torres porém é que fizeram uma grande troça.

—Ora o papá sempre tem descobertas, disse a Sabina rindo muito. Isso já toda a gente sabia, agora a difficuldade era achar quem a substitua.

—É verdade, concordou o conselheiro, muito contente lá no seu intimo por ter filhas que eram tão intelligentes como o seu continuo. Quem a ha de substituir?

—Só se fôr o Gil? lembrou o Justino.

—Qual! e os xx?

—Podia-se dizer na peça que era um fidalgo hespanhol.

—É verdade, notou o Filippe Martim, e isso até dava ao drama uma feição anti-iberica que lhe ficava muito bem.

—Dava-lhe mas era uma feição de chafariz, observou rindo o dr. Fromigal, muito mais desembaraçado, agora, que estava oficialmente noivo.

—*Baia!* que não quero xufas! disse o gallego Gil, que desde o dia dos quinze tostões tomára uns grandes ares de importância.

—Perdão, perdão! disse o conselheiro dominando todas as vozes, tenho uma idéa! Chamar o meu continuo, para fazer esse papel.

—Um continuo! protestou o dr. Fromigal, e a hierarchia burocratica onde fica?

—Tem razão, cedeu logo o conselheiro, não me lembrava agora que, se a arte junta todos os homens, a secretaria separa-os.

Estava-se n'esta indecisão quando a creada do Justino entrou pela sala dentro, a annunciar á D. Angelica que estava lá em casa a comadre, que lhe ia fazer uma visita.

—A comadre? perguntou o Justino muito admirado.

—Sim, disse-lhe Angelica levantando-se, é a parteira que levou o Moysés á pia.

—Ah! gritou o conselheiro batendo na testa, aquella a quem eu dei meia libra!

—Exactamente.

—É ainda uma rapariga, e fresca. — Que idéa!

Todos—O que foi?

Conselheiro—O sr. D. Angelica, não vá lá, mande-a entrar para aqui, receba-a em minha casa.

—Mas isso é abusar. — balbuciou Justino ceremonioso. . . então recebermos em sua casa a parteira.

—Não faz mal, é que eu preciso d'ella, disse o conselheiro.

—O sr. conselheiro precisa de parteira? perguntou rindo muito a Titina.

As meninas Torrès fizeram-se muito vermelhas.

—Eu cá me entendo, disse o conselheiro.

A D. Angelica foi á porta e d'ali a momentos entrava na sala a D. Leonarda da Purificação, com um grande ruído, de gargalhadas, de exclamações, fallando muito, com um grande barulho, uma gritaria enorme, de quem tem por officio falar com pessoas que não podem ouvir bulha.

A Leonarda beijcou muito todas as senhoras, apertou a mão ao conselheiro, ao dr. Fromigal, ao Philippe Martim, muito desembaraçadamente, com uma grande sem-cerimonia; começou a contar historias das suas freguezas; «que havia agora muito que fazer, que os invernos frios dão sempre estes resultados, que as noivas não perdem o seu tempo; sim senhor, que as raparigas d'agora tinham bastante geito, algumas até era aos pares, a filha do

commendador Barbosa, a que casou o anno passado com um brasileiro, tivera dois gêmeos, e muito bém, e ambos viviam, em summa, que o mundo não acaba tão cedo, e que ella agora não tinha mãos a medir.»

E tudo isto com uma grande volubilidade, uma catadupa de palavras, a que serviam de pequeninos seixos, uns «ora, diga-me» que o conselheiro Torres dez vezes atirára para a conversação da D. Leonarda, na esperança illusoria de desviar o curso d'aquella torrente caudalosa e extensissima.

Finalmente a Leonarda fez uma pausa.

—Ora diga-me, minha comad...

Mas Leonarda continuou logo:

—E as meninas, quando casam? Nada, é preciso não perderem tempo, olhem que estão na idade melhor para isso, depois custa-lhes mais. Agora é n'um abrir e fechar d'olhos, por isso respondo eu. Nada de preguiças, nada de preguiças.

As pequenas Torres tinham a cara a deitar fogo, o Fromigal fazia-se de côres...

O Justino teve a imprudencia de se metter na conversação, com a idéa de a desviar do rumo perigoso que ella ia tomando.

—A sr.^a D. Sabina está já noiva; está para casar com o sr. dr. Fromigal.

—Ah! Bravo! disse logo a Leonarda pondo-se em pé e indo a elles: muitos parabens. Não sabia! Sim senhor, casem e tenham muitos filhos como se diz nos romances, que eu cá estou. E hão de

ser bem bonitos... E apressem-se, e apressem-se, que eu já vou indo para velha e quero ao menos apresentar-lhes meia duzia de pequerruchos. Mas dois d'uma vez não, isso dá muito trabalho... com conta e medida, hein?

O conselheiro Torres, com medo que suas filhas tivessem uma apoplexia, pois estavam vermelhas como uma melancia d'agosto, resolveu interromper a conversa de vez, já não só por amor da arte, e pondo-se diante de D. Leonarda, perguntou-lhe á queima roupa:

—Diga-me cá, minha comadre, sabe fazer de homem?

A Leonarda, olhou para elle, espantada, depois desatou a rir muito.

—Ora o maganão! sempre tem perguntas...

O conselheiro fez-se verde e apressou em explicar:

—Se tem já representado em theatros particulares?

—Eu! ora essa! Era o meu forte d'antes. No beco do Forno, fiz um bom par d'ingenuas. Tomára-me eu n'esse tempo.

—Estamos salvos! disse o conselheiro voltando-se para o resto da companhia: a sr.^a D. Leonarda vae fazer o papel de D. Jeronymo.

—Nada, nada, papel de homem é que não faço; não tenho fato.

—Veste o meu, comadre, disse o Justino.

—O seu? Então o sr. magro como é, onde

quer que eu metta tudo que tenho para metter no fato?

—O meu talvez lhe sirva, offereceu o conselheiro.

—Ah! lá isso sim! E até sobeja. Mas dá-me muito trabalho, tenho agora muito que fazer, não posso...

A Leonarda fazia-se rogada, a familia toda pediu, o nobre Philippe Martim, curvou a cerviz diante d'ella, a implorar-lhe, por fim, ao cabo de muitos rogos, e depois de muito instada, a Leonarda acceitou.

Ficaram todos radiantes: estava cortada pela raiz a difficuldade criada pela dyspepsia de D. Josephina, e Leonarda vendo que aquillo podia trazer-lhe um bom par de freguezas futuras, poz-se a estudar o papel com toda a convicção e boa vontade.

A D. Josephina é que no seu leito de dôr ficou fula ao saber a noticia.

—Maldita despepsia! disse ella. Ainda bem que já morreste, meu Segismundo, para não teres o desgosto de veres, a tua viuva, a viuva d'um homem que regou a arvore da liberdade com o seu sangue, ser substituida n'uma peça do patriarcha das letras, por uma parteira, perante o senhor Fontes.

The first part of the document
 discusses the general principles
 of the system and the
 various methods of
 application. It is
 intended to be a
 practical guide for
 the use of the
 system in all
 cases. The second
 part of the document
 contains a list of
 the various
 methods of
 application and
 the results of
 the experiments
 conducted. The
 third part of the
 document contains
 a list of the
 various
 methods of
 application and
 the results of
 the experiments
 conducted. The
 fourth part of the
 document contains
 a list of the
 various
 methods of
 application and
 the results of
 the experiments
 conducted.

VII

DOS EFEITOS DO DRAMA .O PEDRO, NAS SECRETARIAS DE ESTADO E EM CASA DO JUSTINO

Se aquillo durasse mais oito dias dava cabo de todos.

O trabalho dos ultimos ensaios era de derrear. Todas as noites até depois das quatro horas da madrugada, o conselheiro apurava o *Pedro*, com grande rogosijo da menina Sabina e do dr. Fromigal, que noivavam á grande, durante oito ou nove horas todas as noites, e a quem mesmo a peça servia de noivado, pois como já dissemos Sabina era Maria de Rezende e Fromigal o Pedro sem mais nada.

O conselheiro andava extenuado, e saíra completamente fóra dos seus habitos burocraticos de quarenta annos.

Já não entrava na repartição senão depois do meio dia: o expediente constellava a sua banca de

director geral de enormes montanhas, e elle deixava as montanhas crescer e com o drama *Pedro* defronte dos olhos passava o dia todo, fechado no gabinete, a ler e a reler a peça do sr. Mendes Leal, custando-lhe muito a comprehender o systema de *deixas*, confundindo todos os papeis uns com os outros, e não conseguindo nunca saber differenciar de cór, o que elle tinha a dizer, do que os outros diziam.

Já um dia um dos directores d'outra secretaria o procurára, muito admirado, com um officio seu na mão:

—O que quer isto dizer, meu illustre collega? perguntára-lhe elle. Acabo de ser victima d'uma mystificação.

—D'uma mystificação! interrogou surprehendido o conselheiro Torres. Pois a serpe venenosa dos mystificadores já conseguiria esconder-se no jardim das repartições do estado!

—Creio que sim. Aqui tem o officio que eu neste momento recebi, levado pelo continuo da sua repartição!

E mostrou-lhe o officio:

—Mas é de cá, effectivamente, respondeu-lhe o conselheiro Torres, fui eu proprio que o expedi ha momentos, não sei onde está a mystificação!

—O que? É de v. ex.^a realmente. Ah! então dou-lhe os meus parabens e peço-lhe mil desculpas de ha mais tempo lh'os não ter dado, mas é que não sabia da graça com que o governo de sua

magestade, tinha recompensado os seus prestantes serviços, meu nobre collega...

O conselheiro Torres olhou-o espantado.

—É mui bem cabida a honra e raras vezes cae em pessoas de tantos merecimentos e aptidões:

—Qual honra! perguntou enfadado o conselheiro Torres.

O seu collega então mostrou-lhe a assignatura do officio.

O conselheiro Torres assignára: «*Conde de S. Thiago.*»

Muito vermelho, o conselheiro embatucado, procurou explicar o caso por um equivoco bem natural hoje, que se trata de solemnisar o centenario do grande marquez de Pombal.

D'outra vez, tendo de informar um requerimento em que se pedia um subsidio de trezentas libras annuaes, não sei para que, o conselheiro foi atraz das trezentas libras e escreveu o monologo da scena 4.^a do 1.^o acto:

«Trezentas libras! mais de trezentas libras perdidas! Maldita sorte! Parece de proposito? Nunca joguei com tanto azar!»

«Secretaria d'estado... etc.

«O director geral, *Conselheiro Torres.*»

Este parecer chegou ás mãos do ministro que deu um salto ao lê-lo. Depois comprehendeu e disse a outro dos directores:

—Diga lá ao conselheiro Torres que lhe preciso fallar. Pobre homem, coitado. Agora depois de velho deu-lhe para jogar, e as paixões n'aquella idade são terriveis. Em summa quero dar-lhe ainda uns conselhos, porque sou amigo d'elle, e d'antes era um bom empregado.

O conselheiro Torres foi chamado ao gabinete do ministro.

Depois de conversarem vagamente em questões d'expediente, o ministro disse-lhe em tom muito amavel:

—Agora meu amigo, permitta-me, que não como ministro, mas como amigo lhe dê um conselho da mais sincera amisade.

Sincera amisade, era a deixa da scena 4.^a do 2.^o acto e o conselheiro Torres respondeu logo, com o papel na ponta da lingua e uma grande correção dramatica, mudando de voz:

—Que me podia dizer, que m'o não tenham dito a razão e a consciencia?

O ministro espantado com aquella mudança de voz e aquelle tom melodramatico, respondeu attonito:

—Perdão, devo dizer-lhe...

Devo dizer-lhe era a deixa immediata!

E o conselheiro tornou logo, interrompendo de novo o ministro.

—Que estou a meio caminho da perdição? É verdade. Teem razão os inimigos e teem razão os indifferentes! Estou como um louco, afóra a con-

sciencia de ter perdido a razão. Vejo o precepicio e não tenho forças para evital-o.

—Perdão! interrompeu o ministro olhando desconfiado como se olha para um doido.

Mas o conselheiro estava *lancé* e nada o fazia retrogradar.

—O abysmo attrahe-me na vertigem, continuou elle com uma grande gesticulação melo-dramatica, e não posso fugir d'elle. Nem eu sei como isto foi. Ao principio era o jogo que me procurava, e agora... (*baixo e suffocado, como mandava a rubrica*) sou eu que procuro o jogo. Veja como vou descendo...

E aqui o conselheiro seguindo as theorias artisticas do dr. Fromigal, poz-se de cocoras, diante do ministro assombrado.

—E sabendo que desço! concluiu elle quasi deitado no meio do chão.

O ministro chegava a estar com medo, não sabia o que havia de fazer: se mandar chamar alguém se gritar por soccorro...

Dois deputados intrusos que entraram pelo gabinete dentro sem se fazerem annunciar, vieram tiral-o do embaraço.

O ministro disse ao conselheiro seccamente!

—Póde retirar-se, quando precisar fallar-lhe mandal-o-hei chamar.

E o conselheiro Torres retirou-se sem consciencia do que tinha feito, e pelo contrario muito contente comsigo, dizendo com os seus botões:

— Já sei tudo na ponta da lingua. Os primeiros actos vão bem, o peor é o quarto. . .

Emquanto o conselheiro Torres se desacreditava assim na secretaria, o Bastinho, apesar do seu papel na peça e na recita não se poder comparar com a importancia do papel do conselheiro, conde de S. Thiago, ensaiador e dono da casa, não se desacreditava menos na companhia dos seguros de que era recebedor.

Para quem aquella recita do *Pedro* era uma delicia era para os subscriptores do seguro, que durante os ultimos quinze dias d'ensaio não foram incommodados, por ninguem, a pedir-lhes dinheiro. O Bastinho era todo peça, por elle e por sua mulher, e em vez de receber o premio dos seguros andava pelas lojas de modas a buscar amostras de fazendas bonitas e baratas, para as *toilettes* da Títina, no papel elegante de D. Joanna.

Por seu lado o Justino Antunes estava fulo com o theatrinho do conselheiro: a pretexto de terem ensaios todas as noites e de morarem á Lapa, seu sogro e sua sogra, o nobre Filippe Martim e D. Palmira, tinham-se alojado em sua casa, comiam como uns damnados, não faziam senão dar ordens, e obrigavam-no a andar sempre n'um virote, nem tempo lhe dando, sequer, para estudar socegadamente o seu papel, o papel de pretendente de ministro, papel comico, mas pequeno, que elle ainda não conseguira metter na cabeça, e que seu sogro embirrava que não era preciso estudar, porque

pretendente tolo e intrigante, é o que elle tinha sido toda a sua vida, e portanto bastava representar de si mesmo.

E dizia isto por graça, mas dizia-o diante de todos, e como a consciencia lhe dizia um pouco que não era tanto graça como isso, o Justino andava furioso com o gracejo de seu sogro.

O dia da recita era esperado com ver dadeira anxiedade por todos, como um dia de libertação, e portanto todos receberam com aclamação enthusias-tica a declaração do conselheiro: «Na quinta feira é o ensaio geral». Todos, excepto Sabina e o dr. Fromigal, que depois de passarem a noite toda a cochichar pelos cantos das janellas diziam com um grande *aplomb*, referindo-se evidentemente ás recitas particulares, mas ambos muito córados e muito convencidos:

—N'estas coisas, os ensaios são o melhor de tudo, é o que mais bem sabe!

VIII

O ENSAIO GERAL

Estava tudo a postos. A recita era no dia immediato: n'aquella noite fazia-se com toda a solemnidade o ensaio geral.

A casa do conselheiro estava completamente de pernas para o ar.

Os quartos das meninas Torres transformaram-se em camarins, e a alcova de seu pae metamorphoseára-se em arrecadação dos adereços de scena e scenario.

Esses adereços e esse scenario tinham dado um trabalho enorme ao conselheiro, um trabalho e um despeção fabuloso.

O scenario do 2.^o acto, vista de rua, dera muito que fazer e que scismar ao conselheiro.

A rubrica da peça dizia sómente o seguinte:

«Uma rua. Á esquerda um café illuminado, lampeões, etc.»

Uma rua!

Só isso era o diabo para metter n'um quarto andar da rua dos Fanqueiros.

O dr. Fromigal queria por força que se chamasse o sr. Manini para pintar a vista. O conselheiro oppozera-se terminantemente.

—Não quero ruas cá em casa! Porque se a minha saleta é hoje uma rua, ámanhã a minha sala será uma praça publica!

E cortára a dificuldade apresentando a saleta núa: pondo-lhe ao fundo o alecrim do norte, que estava n'um caixote na varanda, e á direita uma meza com chavenas de café em cima, e um candieiro de petroline—um café illuminado.

As meninas Torres acharam aquillo muito pouca rua, e então o conselheiro transigindo, com as suas filhas, e com a opinião de todos os seus collegas, fizera uma concessão.

Para a scena dar perfeitamente a sensação de rua, alugou por cinco tostões o guarda nocturno do seu arruamento, para passear durante o 2.º acto, ao fundo da saleta, de capote e lanterna na barriga.

O guarda promptificára-se a isso com tanto que o acto acabasse antes das 10 horas, porque a essa hora tinha que entrar de serviço.

O panno de boca do theatro era uma colcha da India que servia na cama do conselheiro em dias

d'annos, e que só appareceu a publico, uma vez, no dia do casamento d'el-rei D. Pedro V, nas janelas do conselheiro, que então morava na rua do Ouro.

O palco era no mesmo plano da platéa, e isso prejudicava muito o effeito da scena.

O Bastinho lembrára que, como a cama do conselheiro era uma cama de casados, muito larga, se representasse em cima d'ella. O conselheiro porém oppozera-se ferozmente a isso.

—Um leito virgem que já serviu de thalamo conjugal, dissera elle grave e severo, não deve nunca servir para palco do theatro. Era uma profanação... e podiam-se quebrar algumas tabuas.

E todos acatarem, como era mister, os escrúpulos sagrados do dono da casa e da cama.

A menina Sabina lembrára então a meza de jantar, que era elastica.

O conselheiro teve tambem que dizer:

—Seria um sacrilegio transformar o santo altar da meza...

—Perdão, interrompeu logo o dr. Fromigal, não é sacrilegio porque não passa de ser altar, na casa de jantar é altar da meza, na saleta é altar de Melpomène...

—Duas deusas que se valem bem, opinára Philippe Martim...

O conselheiro em vista d'estes argumentos deixou-se convencer, e fez-se a experiencia da meza, mas teve que se renunciar a ella. A meza era alta,

e a casa era baixa, e a cara dos actores só se podia vêr pela bandeira da porta.

Ficou portanto o theatro plano com a platéa, providenciando-se o caso com um pequeno aviso que o conselheiro collocára na porta da sala e que dizia:

«Previnem-se as ex.^{mas} pessoas que ficarem nas ultimas bancadas, d'esta simulada platéa, que se podem levantar, quando isto lhes apeteça, para verem o que se passa em scena. As ex.^{mas} pessoas que ficarem nas filas da frente e medias só se poderão erguer dos seus logares por incommodo de saude, devidamente justificado e authenticado, caso que nós deploraremos vivamente, pelo prejuizo que isso causará não só á sua economia animal que muito respeitamos, mas tambem aos espectadores das filas trazeiras que não respeitamos menos.

«O Conselheiro Torres».

E escreveu a sua assignatura sobre um sello de tres vintens, porque como era funcionario publico, e estava em sua casa, queria mostrar claramente, que até ali era zeloso cumpridor da lei do sello e das instituições vigentes.

Providenciado tudo d'este modo, e estando todos presentes, e as scenas armadas a valer, o ensaio geral do *Pedro* começou.

Correu muito bem e muito demorado. Eram 9 horas e um quarto, e ainda se estava no 1.^o acto.

O guarda nocturno veio ter com o conselheiro a dizer-lhe que ás dez horas em ponto tinha que entrar de serviço.

O conselheiro interrompeu a grande scena do dr. Fromigal.

—Perdão, perdão, sr. Pedro, vae tudo muito bem, mas peço-lhe que não arraste tanto a sua declamação.

O dr. Fromigal, (offendido)—Sr. conselheiro, eu não arrasto cousa nenhuma: declamo como se deve declamar «Riam... riam... meus se... n'hores... Quando a vida é um pe... zo... a morte é um benefi... cio... N'este caso não é es...for... ço... é vi... le... za... procural... a... a... a...» Agora se quer digo isto a correr, como um papagaio, sem inflexões, assim: «Riamriammeusse n'horesquandoa vidaéumpezoamorteéumbeneficio n'estecasonãoéesforçoévilezaprocurala» o caso é outro.

O Conselheiro—Perdão, perdão, meu illustre amigo. Acho muito boa a sua declamação, mas são nove horas e um quarto, e ás dez horas vae-se embora a rua e não podemos fazer o segundo acto a valer.

Vozes—O conselheiro tem razão, não arraste a declamação.

Outras vozes—Arraste, arraste!

Conselheiro—Perdão, vejo que a assembléa está devidida em dois campos e portanto é preciso ver qual dos campos tem maioria.

Vozes—Votos! votos!

Conselheiro—Suspendam o ensaio por um momento, e vamos á votação.

—Mas, interrompeu o dr. Fromigal.

—Perdão, eu sou constitucional e o suffragio é a base de todas as sociedades bem organisadas, e até das sociedades particulares.

E o ensaio interrompeu-se e procedeu-se á votação.

A maioria decidiu que o dr. Fromigal não arrastasse a declamação, para que a rua não se fôsse embora antes do segundo acto.

Triumphante com o resultado da votação o conselheiro Torres como ensaiador mandou proseguir o ensaio; mas a votação levára tempo, davam dez horas e o guarda nocturno sahia no momento em que se votava a sua urgentissima necessidade.

O 2.º acto fez-se portanto sem o guarda nocturno.

O ensaio proseguiu com muita ordem, as alterações introduzidas pelo conselheiro Torres na peça do sr. Mendes Leal produziram o mais brilhante effeito, e tudo foi muito bem até ao ultimo.

N'esse acto porém, o coração do conselheiro deulle de repente, um baque.

—Perdão, perdão, gritou elle quando na scena 11.ª o Manuel Maria e o Justino diziam:

—O ministro novo já tomou posse da secretaria. Vou esperal-o.

—O que é? perguntaram todos.

—É um raio de luz!

—Um raio de luz?

—Sim! Amanhã vem á nossa recita o Bismark portuguez o sr. conselheiro Fontes, e eu nem sequer n'um theatrinho particular quero dar ao illustre estadista a visão d'uma queda de ministerio.

—Bravo! Bravo! Apoiado! gritaram alguns.

—Mas como quer o senhor fazer isso? perguntou o dr. Fromigal. A queda do ministerio é o desenlace da peça.

—Deixal-o ser, respondeu o conselheiro; arranja-se outro.

—Isso não póde ser, protestaram alguns. No ensaio geral!

—Fazem-se algumas ligeiras modificações. Vamos a isto, com boa vontade faz-se tudo.

—Mas o senhor podia explicar que não era uma allusão, esta queda do ministerio...

—Não quero fallar em queda diante do illustre estadista, insistiu intransigente o conselheiro Torres.

E voltando-se para o Justino, disse-lhe:

—Vamos lá fazer as modificações. Diga lá o seu papel.

Manoel Maria—O ministro novo já tomou posse da secretaria. Vou esperal-o.

Conselheiro—Em vez d'isso diga: «Não ha ministro novo, e por isso não tomou posse da secretaria. Não vou esperal-o.» Vamos quem mais falla?

1.º *pretendente*—E nós tambem.

Conselheiro—Junte-lhe um não: «E nós também não.»

Manoel Maria (áparte)—Eu logo disse que isto não podia durar muito.

Conselheiro—Tire-lhe o não: «Eu logo disse que isto podia durar muito.»

O Justino (Manoel Maria)—Agora a rubrica diz «Vão todos a sair com precipitação.»

Conselheiro—Emende a rubrica. «Vão todos a ficar com precipitação.»

2.º pretendente—Já saio o suplemento?

1.º pretendente—Esperem, mas isso é official?

Conselheiro—Junte-lhe um não e tire-lhe a pergunta: «mas isso não é official.»

Manoel Maria—Se não fosse official não me ia embora.

Conselheiro—Tire-lhe os dois não: «se fosse official ia-me embora!»

2.º pretendente—Então vamos, vamos depressa...

Conselheiro—Emende. «Então fiquemos, fiquemos depressa.» E em vez de sahirem todos, todos ficam.

O criado (entrando)—Um officio.

Conselheiro (hesitante)—Um officio?... Sim vá lá isso ja sei a maneira de o remediar.

Pedro—Dá cá. (*a D. Maria*) De hoje em diante não teremos mais d'estas interrupções.

Conselheiro—Perdão, sr. dr. Fromigal: em vez d'isso tem a bondade de dizer: «De hoje em diante

teremos mais d'estas interrupções.» É só tirar-lhe o não.

D. Francisco—Então ha alguma novidade?

Pedro—Ahi está o decreto da minha demissão.

Conselheiro—Alto, alto, meu amigo: ahi é que é preciso modificação maior. Tem a bondade de dizer: «Ahi está o decreto da minha renomeação. Foram-se todos e fiquei eu, como aconteceu com o sr. Hintze Ribeiro!»

O dr. Fromigal—O que? eu hei de dizer tudo isso?

Conselheiro—O que tem? É um facto da nossa historia politica.

D. Francisco (sorrindo)—Já o tinha adivinhado. (*Abre a porta e mostra-lhe a sala deserta*). Veja.

Conselheiro—A unica differença é que em vez de ver a sala deserta vê-a cheia.

Pedro—É o poder que se vae... e a felicidade que fica.

Conselheiro—Perdão! A phrase final tambem tem que ser modificada. Eu já a tenho no espirito, não ha ninguem para isto como eu. Parece-me até que fica mais graciosa.

Fromigal—Como é então?

Conselheiro—Diga em vez de: «É o poder que se vae... e a felicidade que fica.» «É o poder que fica... e a felicidade que idem!»

E assim modificado o drama, acabou o ensaio geral do *Pedro*.

termos mais d'elles... não.

D. Vocabulo... Abi... G... e preciso... dixer... f... m. Hinc...

O de... h... i...

D. Vocabulo... e... h... i...

que... h... i... j... k... l... m... n... o... p... q... r... s... t... u... v... w... x... y... z...

que... h... i... j... k... l... m... n... o... p... q... r... s... t... u... v... w... x... y... z...

que... h... i... j... k... l... m... n... o... p... q... r... s... t... u... v... w... x... y... z...

que... h... i... j... k... l... m... n... o... p... q... r... s... t... u... v... w... x... y... z...

IX

A GRANDE NOITE

—Alfim! exclamou o conselheiro Torres ao abrir os olhos na manhã do domingo marcado para a grande solemnidade dramatica.

E vestindo-se muito lepidamente, almoçou e abriu e fechou d'olhos e foi pôr-se com suas filhas a trabalhar nos preparativos da sala.

Na primeira fila, collocou ao meio uma grande poltrona sobre um estrado feito com caixotes de passas d'Alicante; era o logar marcado ao sr. conselheiro Fontes.

—Mas, ponderaram as meninas Torres, muito judiciosamente, d'esse modo quem fica atraz sentado não vê nada...

—Que se ponham em pé! É assim no theatro e na vida! Por detraz d'um grande estadista só nos bicos dos pés se pôde ver alguma coisa.

O jantar foi engulido n'um instante: os artistas começaram a chegar, a installar-se nos seus camarins, e ás seis horas da tarde, o conselheiro já vestido com as calças e o collete da peça, e o seu robe-de-chambre patriarchal, por baixo conde de S. Thiago e por cima conselheiro Torres, procedeu com toda a gravidade e circumspecção á illumination da sala, accendendo todos os candelabros e velas.

Mas, a illumination que vinha toda dos lados, deixava o meio da sala um pouco no escuro, e o conselheiro repontou com essa escuridão.

—Um grande estadista nunca deve estar no escuro! Não acha sr. Philippe?

—Nunca, respondeu inergico e convencido o Philippe Martim.

—Mas como demonio hei-de eu illuminar o Bismark portuguez? consultou elle indeciso.

—Olhe, ponha-lhe por cima o meu lustre, compadre, offereceu logo amabilissimo o Justino Antunes.

—Lembra perfeitamente, agradeceu o conselheiro; põe-se por cima do sr. Fontes o lustre do sr. Justino, muito obrigado, muito obrigado.

O Justino foi n'um pulo a casa buscar o lustre. Tinha cinco velas só, e o peor é que não tinha bobéches.

—Isto agora é que é peor, disse o Justino, não ha bobéches.

—Vão-se comprar, remediou logo o Philippe.

O conselheiro não remediou nada, porque gos-

tava muito de obsequiar o illustre estadista, mas tinha já feito um despeção de todos os demonios.

—Não pôde ser, emendou o Justino, hoje é domingo, estão as lojas fechadas.

—É verdade, approvou logo o conselheiro.

—Vê, bem dizia eu que era melhor termos levado o *Barba Azul*, em vez do *Pedro*, disse o Bastinho pregando as suissas.

—Ora essa, porque?... O que tem o *Barba Azul* com o lustre? perguntou o conselheiro muito espantado.

—O que tem? Se levassemos o *Barba Azul*, já tínhamos Bobeche!

As meninas Torres riram, a Titina rindo muito disse encolhendo os hombros, com ares desdenhosos, mas no fundo muito satisfeita com o bom dito do marido:

—Este homem sempre tem cada uma...

O conselheiro muito intrigado via rir todos e não percebia o trocadilho.

—Mas o que quer o senhor dizer na sua? perguntou elle já meio severo.

—É que não estávamos já luctando com a falta de bobéches com que luctamos, explicou o Bastinho.

O conselheiro calou-se para não dar o seu braço a torcer, mas não tinha percebido nada.

—Passa-se perfeitamente sem bobéches, disse o Filippe Martim, collocando o lustre por cima do estrado.

—É verdade, reparou o conselheiro, assim está muito bem.

E accendeu o lustre.

As meninas Torres estavam-se vestindo, e o dr. Fromigal vestido de preto e de Pedro, appareceu já muito caiado e com umas fundas mascarras de rolha queimada por baixo dos olhos.

—Olhe que tem a cara suja, sr. doutor! disse-lhe gravemente e obsequiosamente o conselheiro.

O dr. Fromigal enfiou por debaixo da alvaiade. Esperava fazer sensação com a sua caracterisação romantica tão cuidada, e diziam-lhe uma d'aquellas!

—É assim mesmo! apressou-se em acudir a menina Sabina.

—Ah! sim, sim, não me lembrava que o senhor fazia o filho do meu mordomo; disse o conselheiro, achando naturalissimo que o filho d'um mordomo tivesse a cara suja.

O relógio deu sete horas.

—Sete horas já! gritaram todos assustados. Vamos a isto! Vamos arranjar-nos que não tarda ahi o publico.

—O publico não, os nossos convivas, concordou o conselheiro. Isto não é casa em que entre o publico.

E á pressa, entraram todos para os seus quartos, a prepararem-se.

O Gil, o aguadeiro, appareceu muito lavado, muito aciado, para a representação.

O dr. Fromigal como já estava caracterisado foi encarregado por unanimidade de caracterisar os seus collegas.

Mas começára por caracterisar a menina Sabina, e eram já sete e meia, e ainda elle estava a pintar a noiva.

De todas as boccas sahiam protestos vehementes.

Por fim o Philippe Martim dispoz-se a caracterisar tambem*alguem e começou pelo gallego, para experimentar se tinha dedo para a coisa.

Mas o Gil nem á mão de Deus Padre consentia que o pintassem.

—Nada, não xenhor, antonces eu estibe a labar a cara todo o dia para me xujarem a vronica á noite! Nada, cá essas pomadas é que eu não deixo prantar.

—Mas, ó homem, disse-lhe o Martim, isto é a caracterisação

—Qual caterisaxão, nem qual demo! num quero!

—É preciso para a scena, bruto.

—Isso será elle! num pinta, num pega!...

—Peço-te em nome da Arte, disse nobre e digno o Martim, é a primeira vez na nossa familia que um Martim é insultado por um aguadeiro.

—Pois xim, mas num pinta.

—Ó sr. conselheiro! gritava o Philippe, o gallego não se deixa pintar.

—Ó compadre, gritava o conselheiro, todo cheio d'alvaiade, olhe que o gallego não se quer pintar.

O Justino appareceu fulo, com uma suissa só.

—Pinte-se já seu brejeiro!

—Lá xe o patron manda é outra coisa; mas ha de me dar mais uma carinha.

—Cala-te, depois faremos contas; disse o Justino, e voltando-se para o sogro, pediu:

—Pinte-o papá, pinte-o...

Mas n'isto ouviu-se um grito na sala.

Era o conselheiro, que tinha idó á platéa e que chamava o Philippe Martin.

—Ó sr. Philippe, sr. Philippe, o lustre não está bom.

—Não está bom? perguntou o Philippe pintando o gallego.

—Não senhor, pinga no illustre estadista.

—Pinga no illustre estadista? repetiu Philippe aterrado, largando o Gil.

Era a verdade, a poltrona estava toda cheia de stearina.

—Ah! não faz mal! disse o conselheiro tendo uma idéa subita; está tudo remediado.

E foi a correr lá dentro e voltou com um chapéo de sol.

—Põe-se aqui isto para o illustre estadista abrir, e até dá mais tom, parece uma tribuna.

N'isto bateram á porta, era uma familia que vinha já para o espectáculo; cedo, para apanhar bom lugar.

Os artistas recolheram-se todos aos seus camarins, e a criada introduziu a familia na sala.

A familia abancou e vendo um guarda chuva sobre a poltrona, julgou que estava ali para servir de bengaleiro, aquella poltrona, e poz sobre ella todos os seus agasalhos.

Entretanto lá dentro reinava grande terror.

Á ultima hora dera-se pela falta d'um dos personagens mais importantes da peça, pela falta da D. Leonarda, da parteira.

Aquillo só pelo demonio, espectadores na sala e nada de parteira.

—Vae já, já o Gil a casa d'ella buscal-a.

—Eu? gritou o Gil, já caracterisado, de suissas brancas, postas á banda.

—É um pulo, que venha já, estamos todos á sua espera.

O Gil vestiu a sua camisola azul, poz o chapéu e foi-se á procura da D. Leonarda.

Passou meia hora, a sala enchia-se de convidados, a poltrona do grande estadista era já uma montanha de casacos e de guarda chuvas, e o Gil sem apparecer, nem elle nem a Leonarda.

O conselheiro estava fulo, de vez em quando, na sua furia, sentindo cabellos na cabeça, puxava-os com gana, e ficava-lhe na mão a cabelleira.

Por fim batem á porta da cosinha.

—É o Gil, gritaram todos em um grande suspiro d'allivio.

Correm á porta.

Era um aguadeiro que vinha do mandado do Gil.

O Gil estava na esquadra, um policia reparára n'elle, interrogára-o; o Gil dissera a verdade, o policia tomára-a por mentira, repontára com as suissas, puxára, uma, tinha-lhe ficado na mão, e levára-o para a esquadra, como suspeito.

O conselheiro porem era homem para as grandes occasiões; não perdeu o sangue frio; escreveu o seguinte bilhete ao chefe da esquadra.

«Sr. chefe d'esquadra.—Eu, conselheiro Torres morador na rua dos Fanqueiros n.º tantos, 4.º andar, respondo pelo preso que é aguadeiro do meu compadre, e Domingos do drama do meu collega o sr. conselheiro Mendes Leal; peço-lhe que m'o remetta quanto antes, com a maxima urgencia, porque está á espera d'elle o grande estadista portuguez.»

E aproveitando o portador escreveu tambem n'um bilhete de visita seu duas linhas para a Leonarda da Purificação:

«Venha depressa, já. Está fazendo muita falta. A hora está a dar. Traga todos os seus apetrechos.»

O aguadeiro foi, e o conselheiro mais tranquillo foi embuçado n'uma capa e de barrete preto para guardar a surpresa do personagem, conversar para a sala com os seus convidados.

D'ali a meia hora batem á porta.

—Com licença, disse elle, pondo-se em pé, isto agora vae já começar.

E foi á porta.

Mas recuou espantado, elle e todos os artistas.

Um gallego, trazia ás costas uma enorme cadeira, e atraz do gallego vinha uma mulher que elle nunca vira.

—Mora aqui o sr. conselheiro Torres? perguntou a mulher.

—Sim senhor... mas...

—A D. Leonarda não está em casa, mas eu sou collega d'ella approvada pela escóla medico-cirurgica, e como o caso é urgente, e dizia no bilhete, que trouxesse os apetrechos, aqui venho com a cadeira!

*

* *

Depois de largas e complicadas explicações o conselheiro Torres conseguiu demonstrar á collega de D. Leonarda, approvada pela escóla medico-cirurgica de Lisboa, a inutilidade dos seus serviços e da cadeira que trouxera.

A parteira foi-se, mas a outra, a necessaria para a peça não apparecia; a sala estava cheia de gente ha mais de uma hora; aquillo era uma vergonha para a sua casa!

O conselheiro andava fulo, o Filippe Martim fulo, o Justino fulo, o Bastinho fulo, as meninas

Torres fulas, os convidados fulos; e só quem não estava fulo, era a menina Sabina e o dr. Fromigal, que continuava imperturbavelmente a caracterisal-a.

—E o Gil? o gallego? perguntava o Justino preocupado com a demora do seu aguadeiro.

Esse por ora não faz falta, só entra no terceiro acto, disse o conselheiro, não attendendo ás pequenas desgraças, em presença das grandes catastrophes.

—Estou vendo que elle fica lá preso e não tenho ámanhã quem me faça as compras.

—O senhor sempre é muito egoista, reprehendia severo o conselheiro, pensar nas compras, quando nos falta a parteira para o drama do sr. conselheiro Mendes Leal! Parece incrível.

—Não é isso, mas bem vê que eu não hei de ámanhã ir á Praça.

—Sim, mas tambem eu não posso fazer de parteira, que tal está! bramia o conselheiro.

Na sala havia já rumóres de impaciencia:

—Isto é demais, dizia um chefe de familia, entalado entre duas velhas gordas. Convidarem-me para estar uma noite toda, apertado, a olhar para uma cortina, e para uma cadeira cheia de casacos e chapéus de chuva.

A prolongada espera ia fazendo esfriar a delicadeza, e aqui e ali começava a arrebentar a má creação.

Um collega do conselheiro, com ares de lamecha,

mettido entre duas meninas trigueiras e gordas, fazia de gracioso, dizia ditos engraçados.

E vendo-as rir, foi-se lançando pelo oceano da graça e resmungou:

—Nada! Vamos dar pateada.

E começou a bater furiosamente com os pés no chão.

Uns rapasitos que estavam atraz e que tinham vindo com suas familias, começaram a imitar o velho, para ao menos sahirem d'aquella semsaboria, e deram tambem pateada.

D'ali a segundos era uma bulha na sala que parecia o theatro de S. Carlos na noite que cantou o tenor Sanctis.

O conselheiro afflicto deitára a cabeça por entre a coberta que servia de panno e dizia muito grave para os seus convivas:

—Então meus senhores, tenham paciencia, um caso de força maior no aguadeiro do meu compadre, obriga-nos a demorar um quasi nada o espectáculo: mas está aqui está a começar: tenham a bondade de esperar um bocadinho.

E mettendo a cabeça para dentro, resmungou:

—Pelo preço não sei que mais querem! Se não estão para esperar vão-se embora, que tal está! Theatro de graça ha muito quem queira!

E estava ainda estourando de indignação contra os seus convidados quando bateram violentamente á porta.

—É a parteira! exclamou alegre o conselheiro.

Era o visinho de baixo, vermelho de colera.

—Então que diabo de historia é esta! O senhor quer-me deitar o tecto abaixo?

E brandindo um florão de gesso o visinho continuava furioso:

—Este florão fez-me em pedaços uma jarra da India que valia vinte libras.

—Perdão, visinho, não fui eu, foram as minhas visitas, balbuciou o conselheiro enfiado.

—Quem tem visitas d'estas, vae morar para uma cocheira.

—Peço-lhe que meça as suas palavras, interrompeu grave o conselheiro puxando a cabelleira para o lado com arès pimpões.

—A minha vontade era medir-lhe as costas com uma bengalla.

—Bom, bom, isso agora é já outro fallar, serenou o conselheiro.

—O que eu quero saber é quem paga a minha jarra!

—Eu sei lá!

—Então quem ha de saber? Eu quero para aqui as minhas vinte libras.

—Se o senhor faz isso por dez tostões, propoz conciliador o conselheiro, puxando a bolsa.

—O sr. está a mangar comigo! Então imaginava que eu recebia dez tostões por uma jarra de vinte libras?

N'isto a D. Leonarda em pessoa, assomou á porta.

—Ah! até que emfim! exclamou o conselheiro, estamos todos á sua espera.

—Eu estava em brasa sr. conselheiro, mas a mulher do Alves mandou-me chamar, está já com as dores, mas tem ainda demora e mal que pude, safei-me.

—Então? perguntou o visinho colerico.

—Então se não quer receber os dez tostões não receba, não me posso demorar que já cá está a parteira.

—Ah! sim! pois vou ter com a policia.

—Vá ter até com o diabo, se quizer! gritou perdendo a cabeça o conselheiro e atirando com a porta.

O Philippe Mártim tinha ouvido toda a conversa e veio ter com elle.

—Olhe que a coisa é séria, sr. conselheiro!

—Qual coisa?

—A jarra do visinho!

—Ah! o senhor ouviu?

—Ouvi, e elle póde obrigar-o a pagar as vinte libras.

—Isso sim, o senhor não sabe que eu sou conselheiro!

—Sim, mas tambem o duque d'Aveiro era duque e subiu a um patibulo.

—Isso são fabulas inventadas pelo povinho.

—Não senhor, é historico, póde perguntar a quem quizer.

O conselheiro um pouco aterrado foi ter com o

dr. Fromigal que continuava ainda a pintar-lhe a filha.

—Ó sr. doutor?

—Sr. conselheiro?

—O duque d'Aveiro é historico?

—Ora essa! historiquissimo.

—Historiquissimo! repetiu assombrado o conselheiro. Então tenho que pagar as vinte libras!

E de repente, tomando uma grande resolução, ordenou:

—Vamos, desmanchem tudo, despintem-se; digam a essa gente que se vá embora...

—O papá endoideceu?! perguntou levantando-se muito admirada a menina Sabina, em quanto todos olhavam inquietos para o conselheiro.

—Não endoideci, não senhor; mas perdi vinte libras, e não estou para theatrinhos!

—Isso não póde ser! disse o dr. Fromigal, agora é um escandalo.

—Mas se eu tenho que pagar vinte libras!

—Vinte libras de que?

O conselheiro contou o caso.

—O senhor póde-se livrar d'isso com certeza...

—Não posso, o duque de Aveiro é historico.

—Não, lá muito historico não é, emendou o dr. Fromigal aconselhado pela menina Sabina.

—Não é muito historico?

—Não. E depois quem tem de pagar por direita razão é o estucador, que fez mal o tecto.

—Tem toda a razão! O estucador é que deve pagar, não é assim?

—Está bem de ver!

—E então o duque d'Aveiro não é historico?

—Tambem não.

—Então se o estucador é quem paga, e o duque d'Aveiro não é historico, vamos lá ao drama do sr. Mendes Leal.

Emquanto isto se passava, a D. Leonarda tinha-se vestido de homem, e apparecia já caracterisada.

—Vamos a isto, depressa, ordenou o conselheiro.

E deu o signal para tocar a orchestra que era um piano.

Uma das meninas Torres tocou uma walsa.

As cortinas correram-se; na sala houve um largo murmurio de satisfação.

D. Joanna começou a dizer: Não me dirás quem é aquelle rapaz, menina?

Mas n'isto o conselheiro Torres grita lá detraz da porta:

—Corram a coberta! Corram a coberta!

Pedro—(Para dentro) O que? ha alguma novidade mais?

Conselheiro—(Berrando como um possesso) Corram a coberta! Corram a coberta!

A coberta correu-se, e na sala havia um grande desapontamento seguido d'um grande panico.

—É fogo! É fogo! disseram umas vozēs.

Homens e senhoras puzeram-se em pé n'uma grande confusão tumultuosa.

Entretanto o conselheiro, deitava a cabeça por fóra da coberta e socegava os espectadores:

—Tranquilisem-se! meus senhores e minhas senhoras! Não é fogo! Felizmente espero em Deus, nas minhas providencias e no valente corpo de bombeiros que não se repetirá em minha casa a grande catastrophe de que foi victima o Ring Theater de Vienna, chamado Ring por ter a fôrma de annel. Não é fogo, não é esse terrivel elemento! Pelo contrario é a falta d'outro elemento indispensavel para a nossa recita que nos obriga a demorar o espectaculo: esse elemento que falta é o illustre estadista.

E a cabeça do conselheiro desapareceu.

Ao mesmo tempo batem á porta.

—É o illustre estadista! disse o conselheiro indo á porta com toda a companhia.

Era o visinho debaixo.

—Que mais temos? perguntou irado o conselheiro.

—Se quer dar dez libras pela jarra é melhor por bem que por mal, disse o visinho mais humilde.

—Vá para o inferno, já não dou nem os dez tostões. O duque de Aveiro não é historico!

* *

Suspensa a representação do *Pedro* á espera da chegada do illustre estadista, o conselheiro Torres, envergonhado aos seus proprios olhos, devorado pelo remorso de não ter até ali dado pela ausencia do Bismarck portuguez, sentou-se ao pé da porta da escada para ser o primeiro a avistar sua excellencia.

Passaram-se muitos quartos de hora, vieram mais convidados, veio o guarda nocturno desculpar-se de não poder fazer de rua em casa do conselheiro, attento o adiantado da hora, veio o gallego Gil, veio toda a gente menos o illustre estadista.

O conselheiro Torres estava corrido de vergonha e fulo de raiva, por não ter o illustre estadista para dar ás suas visitas, como lhes tinha promettido.

Entretanto a noite passava, as onze horas approximavam-se: convidados e artistas estavam no auge da impaciencia, e o conselheiro já não podia por mais tempo conter a representação do drama do sr. Mendes Leal.

Levado á ultima extremidade, vendo a insurreição a erguer a cerviz entre as fileiras dos seus artistas, o conselheiro, transigiu e propoz uma derradeira transacção:—esperar até ás 11 horas, apenas soasse a ultima badalada das onze, a representação começava com estadista ou sem elle.

Quando o relógio dava a decima badalada das onze tocaram á porta.

Era o visinho de baixo com a jarra:

—Vá lá, dê duas libras e não faça questão.

—Dou-lhe mas é dois pontapés, gritou o conselheiro fóra de si, batendo-lhe com a porta na cara.

A menina Torres ouvindo a ultima badalada das onze, retocou a sua walsa de symphonia d'abertura.

Vencido, esmagado pela fatalidade o conselheiro Torres, quiz ainda antes da cortina correr remediar a falta do illustre estadista, substituindo o vulto vivo que promettera ás suas visitas, por um retrato.

Mas, fatalidade! o conselheiro Torres não tinha retrato do sr. Fontes porque custavam dois tostões e os seus maiores enthusiasmos politicos paravam em sete e meio.

—Ah! é verdade, tinha um, n'um lenço de as-soar, que estivera ao alcance do seu fanatismo,—cem réis.

E foi perguntar por elle ás filhas.

Mas a fatalidade estabelecera n'essa noite a sua residencia n'aquelle quarto andar da rua dos Fanqueiros, e na barafunda da caracterisação, a ephigie do illustre estadista servira para limpar a pintura da menina Sabina.

O illustre estadista estava todo pintado. O dr. Fromigal aconselhava a que se pozesse assim mesmo na sala, mas o conselheiro Torres oppoz-se tenazmente a isso, com medo que se tomasse como

acto de opposição politica á exhibição d'aquelle retrato.

O Justino salvou a situação.

Tinha em casa um retrato de Bismarck que recortára de um jornal allemão do tempo da guerra franco-prussiana.

— Isso serve, disse o conselheiro, elle é o nosso Bismarck e portanto está perfeitamente no caso esse retrato, comtanto que se tape a inscripção allemã, com o nome de Bismarck escripto em portuguez.

E feita a substituição pelo proprio punho do conselheiro, a companhia foi toda proporcionalmente, por cima dos callos dos espectadores, collocar o retrato do chanceller da Prussia na cadeira que estava sobre o estrado, em cima da montanha de casacos e chapéus de chuva.

E o espectáculo começou.

Na sala houve um grande suspiro de allivio, e o drama correu na melhor ordem.

No principio do 2.º acto o conselheiro Torres veio offerecer aos espectadores uma grande porção de ramos de flôres para o enthusiasmo que no fim d'esse acto devia produzir a grande scena da innundação.

Entre esses ramos havia um especial, de camelias avelludadas, que o dr. Fromigal trouxera para ser atirado á menina Sabina, tendo no meio uma formosissima rosa amarella.

No fim do acto os espectadores atiraram os ra-

mos, mas o do dr. Fromigal não apparecia no palco.

As chamadas repetiam-se e nada de ramo.

Por fim o dr. Fromigal vendo que o seu ramo não apparecia, agradecia os applausos de mão dada com a menina, e dizia para os espectadores que o victoriavam:

—Atirem o da rosa amarella! Atirem o da rosa amarella!

E ninguem o atirava.

Os applausos tinham cessado, a cortina conservava-se aberta, os dois em scena, e o conselheiro Torres consternado, para terminar o incidente, teve que vir á sala e chegar-se ao seu collega que estava entre as meninas trigueiras e que começára pouco antes a pateada, que promoveu a queda do estuque do visinho, e disse-lhe, vendo que elle escondia o ramo da rosa para dar á sua vizinha:

—Então collega, isso não é decente, atire já o ramo que não é seu.

O velho fez-se vermelho como um gatuno pilhado com a mão na algibeira dos transeuntes, e atirou com o ramo da rosa amarella para o palco, no meio do profundo silencio espantado dos espectadores.

Terminado assim o incidente procedeu-se no palco á colheita dos ramos, que tornaram a vir para a platéa para servirem no entusiasmo do acto seguinte.

E a representação foi continuando.

Eram 3 horas e meia da madrugada, levantava-se o panno para o 4.^o acto.

O acto correu muito bem.

O conselheiro, arrancou á sua filha a cruz da sua tia. Sabina foi levada desmaiada para o seu quarto, e o dr. Fromigal (Pedro) ficou sósinho para a grande scena do apito como os tyrannos.

Dr. Fromigal (só)—Pobre mulher! Deus prolongue o seu desmaio para não vêr a profundidade do abysmo em que chegou a cahir. E foi ali que eu já tive esperanças... tão altas que me assustava de encaral-as! O que é o mundo! (*applicando o ouvido*) Parece-me que os ouço! Cheguei a tempo ainda!

N'isto a porta devia abrir-se e entrar D. Jeronymo, isto é, D. Leonarda vestida de homem.

Mas a porta não se abriu e não entrava ninguem.

O Fromigal depois de uma pausa repetiu:

—Parece-me que os ouço!

E nada.

Fromigal (mais de rijo)—Parece-me que os ouço!

E sempre nada!

Fromigal (berrando como se fallasse a um surdo)

—Parece-me que os ouço!

D'esta vez a porta abriu-se, mas em vez do tyranno entrou o conde de S. Thiago.

O Dr. Fromigal ficou muito espantado ao vêr o conselheiro, quando esperava D. Leonarda, e perguntou-lhe admirado:

—O senhor!

O conde de S. Thiago.—D. Jeronymo não póde vir porque foi agora chamado a toda a pressa para aparar uma creança!

Na sala houve uma explosão de gargalhadas.

Envergonhado o conselheiro correu as cortinas no meio do espanto geral e depois deitando a cabeça de fóra, explicou ao publico:

—Pedimos perdão a V. Ex.^{as} de ter de interromper o acto, mas o tyranno é parteira e foi agora chamada a casa do sr. Alves a exercer o seu sagrado mister. Tão depressa a creança nasça, continuaremos o acto. O intervallo será curto porque segundo informações fidedignas o parto está muito bem figurado.

Os espectadores soltavam murmúrios de desagrado, e alguns começaram a retirar-se.

Então o conselheiro Torres teve uma idéa salvadora, e tornou a apparecer no palco:

—Peço a V. Ex.^{as} que se não retirem: para evitar a demora vamos fazer já o ultimo acto e depois, quando vier a sr.^a D. Leonarda acabaremos o quarto, com o que nada soffrerá a peça do patriarcha do nosso theatro.

E começou-se o 5.^o acto.

No fim d'elle, porém, D. Leonarda não tinha chegado ainda. O conselheiro, que não entrava n'esse acto, passára todo o tempo a escrever a D. Leonarda bilhetes, dizendo:

—Dê-lhe caldo para ver se isso vae mais depressa. Dê-lhe caldo.

No fim do 5.º acto a maior parte dos espectadores retiraram-se e só ficaram na sala os empregados subalternos do conselheiro, por uma attenção respeitosa.

Às sete horas da manhã, D. Leonarda voltou, e eram oito menos um quarto, concluiu-se em casa do conselheiro o 4.º acto do *Pedro*.

Os empregados saíram d'ali para a repartição: o conselheiro para não faltar ao ponto esteve quasi indo caracterisado para a secretaria. As meninas Torres tiraram-lhe isso da cabeça, isso e o chinó, e ás 10 horas o conselheiro pallido como um morto, com as commoções da noite, ia a sair de casa, mas já o esperava á porta o visinho do estuque com um official de diligencias a intimal-o a ir ao tribunal para pagar os prejuizos causados pela pateada.

O conselheiro de pallido tornou-se vermelho, como um pimentão e acompanhando o official de diligencias dizia comsigo:

—O que faz não se saber historia! Bem dizia o dr. Fromigal, o duque d'Aveiro é historiquissimo, a prova sou eu!

No fim do século XIX, a agricultura brasileira sofreu grandes transformações, impulsionadas pela expansão do café e da cana-de-açúcar. Essas culturas tornaram-se o principal sustento econômico do país, exigindo técnicas avançadas de cultivo e irrigação. A introdução de maquinário agrícola estrangeiro, como o arado e a foice mecânica, revolucionou o modo de trabalhar no campo, aumentando a produtividade e permitindo a exploração de áreas antes consideradas inóspitas.

Além disso, a chegada de imigrantes europeus trouxe consigo conhecimentos e técnicas agrícolas que foram assimilados pelos produtores locais. A criação de fazendas e engenhos tornou-se uma prática comum, consolidando a estrutura social e econômica da época. A agricultura não apenas sustentou o crescimento econômico, mas também moldou a paisagem cultural do Brasil, influenciando tradições, costumes e o desenvolvimento urbano.

Essa transformação foi fundamental para a consolidação do Brasil como uma grande potência agrícola. O sucesso dessas culturas garantiu a estabilidade financeira do país e abriu caminho para a modernização da agricultura brasileira. A herança desse período é visível até hoje, com técnicas e estruturas que continuam a influenciar o setor agrícola nacional.

X

O EPILOGO DA RECITA PARTICULAR

O conselheiro Torres dirigiu-se para o tribunal da Boa Hora com passo incerto, vacillante, forçando um sorriso tranquillo e conversando muito com o beleguim para dar áquelle homem a apparencia d'um seu amigo, áquelle prisão a apparencia innocente d'um passeio.

Mas o beleguim levava um grande casacão melado, e uma grossa bengala de canna da India, denunciadores da sua profissão.

O conselheiro reparou n'isso, e notou a cara espantada com que os lojistas seus visinhos, e as pessoas das suas relações, que passavam pela rua, olhavam para o estranho personagem que ia a seu lado.

E então teve uma idéa muito astuciosa, muito espertalhona.

—Não sente calor, senhor... senhor... disse elle ao beleguim, não lhe sabendo o nome.

—Tiburcio, chamo-me Tiburcio, respondeu com voz de trovão o beleguim.

—Sr. Tiburcio, disse muito risonho, muito affavel o conselheiro: não sente calor com esse casaco?

—Nunca sinto calor respondeu seccamente o Tiburcio.

—Sim, mas quando o tirar apanha uma pneumonia.

—Os diabos levem o seu agouro, gritou irado o beleguim um pouco assustado.

—Eu digo-lhe isto para seu bem, era melhor tirar o casaco.

—Não estou para isso: para depois ter que o levar no braço, hein? Assim incommoda-me menos...

—Olhe, tire-o, que se quer, eu lh'o levo...

—Ora essa! respondeu admirado o beleguim e sentindo a sua má catadura amollecer um pouco em presença d'aquella rara amabilidade.

—Levo, levo, eu até gosto muito de andar com um casaco no braço... hoje não trouxe porque sahi com muita pressa.

O beleguim, apavorado com a pneumonia, e sentindo já um calor excessivo tirou o casaco e deu-o ao conselheiro.

—Visto que v. s.^a gosta de andar com casacos, é para o obsequiar...

O Conselheiro (pegando no casaco)—Muito obri-

gado! muito obrigado! E pondo-o no braço pensava lá de si para si muito contente, que assim o beleguim dava muito menos nas vistas, e que o casaco no seu braço de conselheiro tomava um aspecto fino que desviava todas as suspeitas.

O beleguim entretanto dizia sempre, pelo sim pelo não:

—Mas olhe que é só até á Boa Hora, lá ha de m'ò tornar a dar.

—Pois não! pois não! replicou o conselheiro fazendo-se muito vermelho ao adivinhar a suspeita insultante que passára pelo espirito de Tiburcio e que aquella observação traduzia.

E voltaram assim para a travessa de S. Nicolau, mas o demõnio era a bengala do Tiburcio, que fazia uma bulha infernal nos passeios e attrahindo todos os olhares.

—Ai! Torci um pé, disse sempre astuto o conselheiro, fingindo ter topado n'uma pedra.

E logo a seguir pediu ao beleguim:

—Ó sr. Tiburcio, faz-me um favor? empresta-me a sua bengala para eu me encostar até á Boa Hora?

E no seu espirito formulava este judicioso raciocinio:

—Na minha mão a bengala não terá nada de suspeito:

Tiburcio deu-lhe a bengala com um «Vá lá!» de muito mau modo.

O beleguim começava a receiar-se um pouco

d'aquelle homem que lhe tirava o casaco e a bengala, e já não ia nada contente.

Esses receios e esses descontentamentos, espharam-se-lhe logo na cara cada vez mais carrancuda e sombria.

E o conselheiro reparou então que bastava aquella cara de algóz que ia ao seu lado para o fazer tomar como réu, e adoptou logo uma tactica habilissima.

Enfiou o braço no braço do beleguim e muito risonho, começou a contar-lhe todas as historias mais alegres que sabia, as anedoctas mais picarescas, que tinha no seu reportorio de homem sério.

—Assim, pensava elle, toda a gente que me conhece e me vê com este homem; imagina que é algum alto personagem da Provincia, meu amigo intimo.

E de casaco ao hombrò, bengalão na mão, e braço mettido no braço do beleguim Tiburcio, chegou á Boa-Hora, onde o precedera o seu visinho do estuque.

Atravessando alas de gatunos entrou no gabinete do juiz.

O juiz, sem levantar a cabeça dos autos, não deu pela sua entrada e continuou a escrever.

O conselheiro em pé ao lado do beleguim esperava que a justiça o interrogasse, e n'um momento formulára o seu discurso de defeza.

No fim de muito tempo o juiz levantou a cabeça e resmungou:

—Vamos lá a isto!

E olhando para o conselheiro n'um tom severamente paternal:

—Então o senhor, um homem já velho, não tem vergonha de andar fóra de horas pelos cafés de lepes.

O Conselheiro (estupefacto)—V. Ex.^ã falla comigo?

O Magistrado—Com quem heide eu fallar?

O Conselheiro—Perdão, mas essa historia de café de lepes... eu o que tomo é Moka legitimo: agora as horas a que eu o tomo, é cá comigo: ninguem tem nada com isso; creio que o cidadão póde tomar café ás horas que lhe aprouver, se não foi para isso que tantos martyres da liberdade morreram na praia do Mindello e tantos martyres da Patria no Campo de Sant'Anna; não sei então para que foi...

O Magistrado—Não se faça aparvalhadó que perde o seu tempo.

O Conselheiro—Não faço, dou-lhe a minha palavra de honra que não faço, sou assim mesmó.

O Magistrado—Então o sr. imagina que eu não sei que foi apanhado n'um café de Alfama a cantar a marselheza?

O Conselheiro (com os olhos muito espantados)—Eu? A marselheza? Eu sou o conselheiro Torrès, sr. Juiz.

O Beleguim—Este não é o da marselheza, é o do estuque?

—Do estuque? perguntou admirado o juiz.

—Sim senhor, accüdiu logo o visinho accusador

do conselheiro, hontem ás onze horas da noite, estava eu já em ceroulas para me metter na cama. .

E contou a historia toda do estuque.

—Mas eu não tenho nada com isso, disse o juiz muito enfastiado.

—É que elle não me quer pagar.

—Eu lhe explico sr. juiz, defendeu-se logo o conselheiro Torres, o sr. conselheiro Mendes Leal escreveu um monumento chamado o *Pedro. O Pedro* é um drama que tem por base. .

—Mas o que tenho eu com isso? repetiu irado o juiz, vão-se embora, andem, vão-se embora.

—Mas elle não me quer pagar, insistiu o visinho do estuque.

—Intente-lhe uma acção de perdas e damnos.

—Exactamente, intente, ande intente, disse o conselheiro.

—E intento, sim, senhor.

—Pois sim, mas isso não é por aqui observou o beleguim, tirando das mãos do conselheiro o seu casaco e a sua bengalla.

—Então venha dizer-me por onde é, pediu o visinho ao beleguim.

E lá foram ambos, emquanto que o conselheiro muito desgostoso com o equivoco do juiz e muito aterrado com a prespectiva d'uma demanda, foi para a sua secretaria.

Eram já duas horas da tarde. Os empregados riram-se á sucapa quando elle entrou, e um se-

gundo official mais atrevido, que toma certas liberdades, disse-lhe com ares trocistas:

—Então hontem, grande brodio, sr. conselheiro? A dormir até estas horas hein!

O conselheiro fez-se vermelho e respondeu:

—Não senhora, não estive a dormir, estive na Boa-Hora.

—Foi preso? gracejou o segundo official. Já cá se sabe tudo; andou por ahi a cantar a marselheza.

O conselheiro enfiou. Já toda a gente sabia a sua historia, era evidente, e ia a explicar tudo, quando o ministro o mandou chamar.

—Querem ver que já lhe chegou aos ouvidos a historia da marselheza; pensou o conselheiro e a tremer como varas verdes, dirigiu-se para o gabinete.

O ministro chamava-o para o despacho, mas o conselheiro com a sua finura habitual, quiz precaver-se, e apenas entrou, disse logo:

—Como está v. ex.^a Ora que é uma coisa exquisita, nunca pode encarrilar com a marselheza.

O ministro olhou-o espantado; desde a historia da informação do *Pedro*, que andava de pé atraz com elle, e ao ouvil-o, disse em voz baixa, encolhendo os hombros:

—Coitado está hoje peor!

E tratava de aviar o despacho o mais depressa possivel.

Á noite, o conselheiro quando o dr. Fromigal chegou a casa, chamou-o de parte, para suas filhas

não ouviremos e fez-lhe a confiança da historia da demanda que lhe ia intentar o visinho, tendo todo o cuidado de correr o veu da discussão sobre o engano da marselheza.

O dr. Fromigal ouviu-o com toda a attenção e depois disse-lhe, cheio de enthusiasmo heróico:

—Deixe-o demandar, deixe-o, que eu cá estou!

—O senhor?

—Eu sim: sou bacharel em direito.

—Mas o que tem isso?

—O que tem? É que para o defender, dispora sobre casaca de chefe de repartição e envergo a toga de advogado.

O conselheiro commoyidissimo com este rasgo de abnegação, com os olhos cheios de lagrimas, murmurou estreitando-o nos braços.

—O que? O senhor despe a sobrecasaca! Anda cá Sabina, aqui tens teu marido.

Sabina veio a correr muito espantada, e o conselheiro beijando o dr. Fromigal no auge da commoção, gritava:

—Despe a sobrecasaca! É meu filho!

E o casamento, que o conselheiro tivera idéas de adiar indefinidamente, ficou resolvido para d'ali a poucos dias, porque elle cria, que Fromigal fosse já seu genro quando lo defendesse: era muito mais dramatico, e não tinha que lhe pagar nada.

Os preparativos para o consorcio, o enxoval, a dispensa a banhos, fizeram-se a correr.

O dr. Fromigal para se livrar do processo, em

que tinha de advogar, foi ter com o visinho do estuque e por uma libra conseguiu que elle desistisse da demanda.

E o visinho foi ter logo com o conselheiro, como lhe encommendara o Fromigal, e participou-lhe que desistia da demanda, pedindo-lhe desculpa dos incommodos que lhe tinha dado.

O conselheiro ficou radiante e disse consigo:

—Já sei o que é: é que soube que o Fromigal despia a sobrecasaca...

E n'esse dia foi dar parte do proximo casamento ao seu ministro.

—Saiba v. ex.^a que minha filha vai casar.

—Ah! estimo, muito, respondeu-lhe o ministro.
E com quem?

—Com o dr. Fromigal.

—Não o conheço...

—Oh! pois é pena! É um homem de grande talento: é chefe d'uma repartição, e como advogado, tem tanto talento, que basta elle despir a sobrecasaca para ganhar logo todos os processos.

—Ah! disse o ministro.

E olhando com muita commiseração para o conselheiro Torres, dizia consigo.

—Pobre homem! Está perdido de todo: não ha remedio senão mandal-o para casa: não póde continuar a dirigir uma repartição, é um escandalo e um perigo.

E no dia immediato quando ia para a secretaria o conselheiro Torres recebeu em casa um officio

do ministro concedendo-lhe dois mezes de licença para tratar da sua saúde.

—Mas eu não estou doente, disse estupefacto o conselheiro.

E depois, reflectindo um momento, comprehendeu logo tudo.

—Ah! que homem aquelle! Como elle comprehende bem o coração de pae. Aquillo, como eu lhe disse que minha filha ia casar, percebeu o abalo que isso me daria. Elle é pae e bem sabe que um coração de pae quando casa sua filha, não póde ir á repartição nos 60 dias uteis mais proximos.

FIM

INDICE

Primeira parte

Os desgostos do sr. Antunes.....	9
A aurora da liberdade.....	21
A vespera do grande dia.....	43
O nome do padrinho.....	55
A ida para a egreja.....	67
O baptismo de Moysés.....	81
Antes do jantar.....	95
A vitella do baptisado.....	105
O fim do jantar.....	121
A soirée do baptisado.....	133
O chapéu do dr. Fromigal.....	149
Um drama no americano.....	159
A soirée masquéé do conselheiro.....	167
O veado real.....	183

Segunda parte

A RECITA PARTICULAR

A escolha da peça.....	195
A distribuição do «Pedro».....	207
O primeiro ensaio.....	217
Ensaios do «Pedro».....	229
Uma scena inesperada.....	239
Uma nova actriz.—O ensaio geral.....	249
Dos effeitos do drama «O Pedro» nas secretarias de estado e em casa do Justino.....	259
O ensaio geral.....	267
A grande noite.....	277
O epilogo da recita particular.....	301

INDEX

CONTENTS

1	Introduction
2	Chapter I
3	Chapter II
4	Chapter III
5	Chapter IV
6	Chapter V
7	Chapter VI
8	Chapter VII
9	Chapter VIII
10	Chapter IX
11	Chapter X
12	Chapter XI
13	Chapter XII
14	Chapter XIII
15	Chapter XIV
16	Chapter XV
17	Chapter XVI
18	Chapter XVII
19	Chapter XVIII
20	Chapter XIX
21	Chapter XX
22	Chapter XXI
23	Chapter XXII
24	Chapter XXIII
25	Chapter XXIV
26	Chapter XXV
27	Chapter XXVI
28	Chapter XXVII
29	Chapter XXVIII
30	Chapter XXIX
31	Chapter XXX
32	Chapter XXXI
33	Chapter XXXII
34	Chapter XXXIII
35	Chapter XXXIV
36	Chapter XXXV
37	Chapter XXXVI
38	Chapter XXXVII
39	Chapter XXXVIII
40	Chapter XXXIX
41	Chapter XL
42	Chapter XLI
43	Chapter XLII
44	Chapter XLIII
45	Chapter XLIV
46	Chapter XLV
47	Chapter XLVI
48	Chapter XLVII
49	Chapter XLVIII
50	Chapter XLIX
51	Chapter L
52	Chapter LI
53	Chapter LII
54	Chapter LIII
55	Chapter LIV
56	Chapter LV
57	Chapter LVI
58	Chapter LVII
59	Chapter LVIII
60	Chapter LIX
61	Chapter LX
62	Chapter LXI
63	Chapter LXII
64	Chapter LXIII
65	Chapter LXIV
66	Chapter LXV
67	Chapter LXVI
68	Chapter LXVII
69	Chapter LXVIII
70	Chapter LXIX
71	Chapter LXX
72	Chapter LXXI
73	Chapter LXXII
74	Chapter LXXIII
75	Chapter LXXIV
76	Chapter LXXV
77	Chapter LXXVI
78	Chapter LXXVII
79	Chapter LXXVIII
80	Chapter LXXIX
81	Chapter LXXX
82	Chapter LXXXI
83	Chapter LXXXII
84	Chapter LXXXIII
85	Chapter LXXXIV
86	Chapter LXXXV
87	Chapter LXXXVI
88	Chapter LXXXVII
89	Chapter LXXXVIII
90	Chapter LXXXIX
91	Chapter LXXXX
92	Chapter LXXXXI
93	Chapter LXXXXII
94	Chapter LXXXXIII
95	Chapter LXXXXIV
96	Chapter LXXXXV
97	Chapter LXXXXVI
98	Chapter LXXXXVII
99	Chapter LXXXXVIII
100	Chapter LXXXXIX
101	Chapter LXXXXX



**PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET**

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 25 06 003 7